

ALBERTO CIRILO PAZ DE LIMA

Processos Conceptuais, WikiLeaks e informação

Dissertação de mestrado
Fevereiro de 2012



ALBERTO CIRILO PAZ DE LIMA

PROCESSOS CONCEPTUAIS, WIKILEAKS E INFORMAÇÃO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, convênio Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e Universidade Federal do Rio de Janeiro/Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Orientadora: **Profa. Dra. Maria Cecilia de Magalhães Mollica, UFRJ**

Rio de Janeiro
2012

L732p

Lima, Alberto Cirilo Paz de.

Processos conceptuais, Wikileaks e informação / Alberto Cirilo Paz de Lima. – Rio de Janeiro, 2012.

112 f. : il.

Dissertação (Mestrado) em Ciência da Informação – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/FACC, 2012.

Orientadora: Maria Cecília de Magalhães Mollica.

1. Processos Conceptuais. 2. Metáfora. 3. Linguística Textual. 4. Ciência da Informação. I. Mollica, Maria Cecília de Magalhães (orient.). II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. III. Título.

CDD 371.3

ALBERTO CIRILO PAZ DE LIMA

PROCESSOS CONCEPTUAIS, WIKILEAKS E INFORMAÇÃO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, convênio Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e Universidade Federal do Rio de Janeiro/Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Aprovado em 15 de fevereiro de 2012

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Maria Cecilia de Magalhães Mollica
UFRJ

Profª Drª Sarita Albagli
UFRJ

Profª Drª Marisa Leal
UFRJ

Profª Drª Suplente: Jacqueline Leta
UFRJ

Profª Drª Suplente: Maria de Fátima Barbosa
UFRJ

Para Bradley Manning.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Maria Cecília de Magalhães Mollica, pelo acolhimento, orientação, paciência e generosidade durante o desenvolvimento desta dissertação.

Aos meus colegas de trabalho, Valnea Paes Viana, Maurício Marques de Faria, Antonio Ângelo de Souza, Luiz Fernando Costa, Júlio César Turatti, Luiz da Costa Rodrigues, Marcelo de Sá Dias, Pedro Aramis de Lima Arruda, entre outros, que suportaram minha ausência e possibilitaram a realização do Mestrado.

Ao meu pai, Prof. Almir Paz de Lima, pelo incentivo aos estudos e pela revisão do texto final deste documento.

À minha mãe, Eulália Cirilo Paz de Lima, por todo o apoio.

À minha esposa Adriana Aleixo Porto, pela presença constante e inabalável.

Ao meu filho Pedro Henrique, pela alegria de ser.

O objetivo final da política prática é manter a população alarmada - e, por conseguinte clamar para ser salva - ameaçando-a permanente e continuamente com fantasmas, todos imaginários.

Henry Louis Mencken

RESUMO

LIMA, Alberto Cirilo Paz de. **Processos conceptuais, Wikileaks e informação**. 2012. 112 f. Orientadora: Maria Cecilia de Magalhães Mollica. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, convênio Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e Universidade Federal do Rio de Janeiro/Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Rio de Janeiro, 2012.

Metáfora era entendida apenas como uma espécie de ornamento, utilizada no âmbito da Poética e da Retórica, e não recomendada para o discurso científico. A partir dos anos 1970, consolidou-se como um sistema de categorização mental extenso, automático, em boa parte inconsciente, utilizado no dia a dia e também nas relações internacionais. Após o surgimento do *WikiLeaks*, um *site* dedicado à publicação de documentos vazados por fontes dentro de empresas ou governos, criado pelo hacker australiano Julian Assange, termos como terrorista, ciberativista, paranoico e ciberguerrilheiro foram usados para descrever Assange, assim como organização terrorista, ao *WikiLeaks*, o que serve aos propósitos de quem não quer que mais vazamentos ocorram e mais documentos sejam revelados, ao ligar à sua pessoa a imagem de um combatente inimigo, de um subversivo, e até mesmo de um alvo a ser eliminado. Mas o *WikiLeaks* pode se beneficiar dessa imagem, pois faria de si um lugar de contestação por excelência: qualquer pessoa que tenha interesse em vazarem documentos sigilosos comprometedores saberia a quem recorrer. Dentro dessa perspectiva, pretende-se investigar o enquadramento sugerido a partir de discursos relacionados a Julian Assange e ao *WikiLeaks*.

Palavras-chave: Metáfora Conceptual; Enquadramento; Julian Assange; *WikiLeaks*; Diplomacia; Internet; Redes Sociais.

ABSTRACT

LIMA, Alberto Cirilo Paz de. **Conceptual Metaphors, Wikileaks and information.** 2012. 112 f. Orientadora: Maria Cecilia de Magalhães Mollica. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, convênio Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e Universidade Federal do Rio de Janeiro/Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Rio de Janeiro, 2012.

Metaphor was understood just as a kind of ornament used in the Poetics and Rhetoric, and not recommended for scientific discourse. From the year 1970, established itself as an extensive system of mental categorization, automatic, largely unconscious, used in everyday life and also in international relations. After the rise of Wikileaks, a site dedicated to publishing documents leaked by sources within companies or governments, created by the Australian hacker Julian Assange, terms such as terrorism, cyberactivists and paranoid have been used to describe Assange, as well as terrorist organization, to WikiLeaks, which serves the purposes of those who do not want leaks to occur and more documents to be revealed, connecting his image to that of an enemy combatant, a subversive, and even a target for killing. But Wikileaks can benefit from this image, it should make it a place of ultimate challenge: anyone who has an interest in leaking classified documents knows where to turn. Within this perspective, we intend to investigate the frames that are related to Julian Assange and the WikiLeaks.

Keywords: Conceptual Metaphor; Frames, Julian Assange; WikiLeaks; Diplomacy; Internet; Social network

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Processo de mesclagem.....	21
Figura 2 Luta de boxe e a competição no mundo dos negócios.....	22
Figura 3 Como acessar a internet na Líbia convulsionada.....	28
Figura 4 Os “buracos negros” da Internet.....	29

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.2 Objetivos.....	14
2 SOBRE METÁFORA, ONTEM E HOJE	16
3 SOBRE INTERNET, HACKERS E GUERRAS CIBERNÉTICAS.....	25
4 BREVE HISTÓRIA DO WIKILEAKS.....	41
5 EM BUSCA DE UM ENQUADRAMENTO PARA JULIAN ASSANGE E O WIKILEAKS.....	53
5.1 Procedimentos metodológicos.....	53
5.2 Análise.....	56
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
REFERÊNCIAS.....	87

1 INTRODUÇÃO

Processos conceptuais operam no processamento e interpretação de informações, com base no paradigma teórico da Linguística Cognitiva e na teoria contemporânea sobre metáfora, conforme Lakoff e Johnson (1980/2002). Este estudo se volta para a análise dos discursos relacionados ao *WikiLeaks*, site dedicado ao vazamento de documentos sigilosos de governos e empresas, e a seu criador, o australiano Julian Assange.

Do ponto de vista linguístico, enquanto falantes, as pessoas se expressam discursivamente através de processos conceptuais de que, em geral, não se dão conta. De acordo com Lakoff e Johnson (2002 [1980]), o fenômeno da metáfora pode ser analisado de modo a elucidar como se dão esses processos, que envolvem operações relacionadas ao pensamento e à ação e que são evidenciadas na linguagem. Na obra *Metaphors we live by*, traduzido para o português como “Metáforas da vida cotidiana”, o conceito de metáfora e de figuras de linguagem se funda em bases inovadoras e configura uma mudança quanto à abordagem e à compreensão de processos semânticos até então imputados ao discurso artístico e literário.

Sendo assim, políticos, autoridades governamentais, formadores de opinião e articulistas podem se valer de retórica, de palavras escolhidas com antecedência e de termos omitidos propositalmente, para gerar efeitos de sentido específicos sobre a opinião pública, de modo a legitimar decisões, justificar determinadas condutas e sugerir enquadramentos (*frames*) específicos (LAKOFF, 1991; VAN DIJK, 2010).

Tome-se como exemplo o que declarou o vice-presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, em entrevista concedida ao programa *Meet the Press*, da rede NBC, sobre Julian Assange como um “terrorista *hi-tech*”¹ (MACASKILL, 2010), ou ainda como se expressou a ex-candidata republicana Sarah Palin, na rede social *Facebook*, afirmando que o australiano deveria ser “caçado como os líderes da rede *Al-Qaida* por colocar americanos em risco”² (GUICHAOUA; RADERMECKER, 2011; HUNT, 2010; LEIGH; HARDING, 2011). Peter King, Pete Hoekstra e Mike Rogers,

¹ “I would argue it is closer to being a hi-tech terrorist than the Pentagon papers”.

² “His past posting of classified documents revealed the identity of more than 100 Afghan sources to the Taliban. Why was he not pursued with the same urgency we pursue al Qaeda and Taliban leaders?”

congressistas do Partido Republicano, afirmaram que o *WikiLeaks* deveria ser declarado como uma organização terrorista (DOMSCHEIT-BERG, 2011; LEIGH; HARDING, 2011). Uma busca por matérias publicadas por diversos jornais brasileiros e estrangeiros permite perceber que os epítetos vão de *hacker* e *ciberativista* até *paranoico* e *irresponsável*, passando por *ativista* e *ciberguerrilheiro*.

Não deveria causar estranheza a afirmação de que governos, quando se sentem ameaçados, recorrem a determinados qualificativos para invocar certos contextos e produzir sentidos de modo a possibilitar que interesses diversos sejam aceitos. Regimes ditatoriais, em geral, empregam métodos mais diretos, com discursos que muitas vezes não recorrem a nenhum rodeio; mas, em democracias, por sua própria natureza, políticos tendem a recorrer à retórica e muitas vezes empregam metáforas, utilizando-se de palavras e conceitos em lugar de outros, conforme a definição tradicional desse tropo, segundo Filipak (1983). Talvez seja um lugar-comum dizer que discursos têm poder e que palavras suscitam ações, mas há evidências que apontam para a necessidade de se embalar interesses em discursos convincentes na velha arte de convencimento, seja para se fazer negócios, seja ao se fazer política. É nesse contexto que van Dijk (2010, p. 18) afirma: “pessoas não são livres para falar ou escrever quando, onde, para quem, sobre o que ou como elas querem, mas são parcial ou totalmente controladas pelos outros poderosos, tais como o Estado, a polícia, a mídia ou uma empresa”.

Para fixar Julian Assange no quadro mental de “terrorista” ou de “criminoso”, é produtivo, linguisticamente, o uso de termos e expressões empregadas intencionalmente por quem não quer que mais vazamentos ocorram e mais documentos sejam revelados, ligando à sua pessoa a imagem do “combatente inimigo”, do “subversivo” e até mesmo do “alvo a ser eliminado”. Entretanto, o *WikiLeaks* pode, no fim e ao cabo, beneficiar-se dessa imagem, pois faria de si um “lugar” de contestação por excelência: qualquer pessoa que tenha interesse em vaziar documentos sigilosos comprometedores passa a saber a quem recorrer (LEIGH; HARDING, 2011).

As evidências linguísticas foram levantadas em publicações diversas, tais como livros publicados no Brasil, em português, até o momento, sobre Assange e o *WikiLeaks*, e artigos publicados na grande imprensa, o que foi necessário por tratar-se de objeto de estudo dinâmico e em processo nos dias de hoje, com novas informações surgindo durante a confecção do trabalho. Importante destacar que não

foi possível obter um único banco de dados com todas as declarações de políticos sobre Julian Assange e o *WikiLeaks*, o que será melhor explicitado na seção sobre a metodologia empregada na pesquisa.

Considere-se, ainda, que Julian Assange e o *WikiLeaks* são subprodutos de um processo mais antigo que começou com o desenvolvimento da rede de computadores, no âmbito da Guerra Fria, em um contexto militar. A evolução da *internet* a tornou um lugar de inovação, no que diz respeito aos negócios e à comunicação, entre muitos outros segmentos. As formas de interação desenvolveram-se até o momento em que a rede mundial de computadores passou a desempenhar o papel de agente de denúncia contra empresas e governos e tornou-se um instrumento para a mobilização de massas e para a contestação de regimes autoritários, como nos acontecimentos recentes no Norte da África e no Oriente.

Adicione-se a isso a existência e proliferação de grupos de *hackers*, que possuem um espaço cultural, uma visão de mundo própria e uma atitude específica. Nesse sentido, cabe entender como o criador do *WikiLeaks*, Julian Assange, defende o vazamento de informações sigilosas como forma de esvaziar o poder do Estado e de forçar uma mudança de comportamento em instituições como o Departamento de Estado americano, no contexto de uma filosofia de livre circulação de informações, próprio ao pensamento *hacker* (KHATCHADOURIAN, 2010; MANNE, 2011). Esses e outros assuntos relacionados serão abordados por serem parte do ambiente no qual o *WikiLeaks* está inserido. Necessário se faz também conhecer a história dessa organização, entender um pouco sobre como ela funciona e analisar seus objetivos (DOMINGOS; COUTO, 2011; LEIGH; HARDING, 2011).

O interesse do estudo no âmbito da Ciência da Informação evidencia-se quando são considerados aspectos relacionados à assimilação de informação, que envolvem modificação de percepções e de consciência, segundo Barreto (1994; 1998; 2001; 2002; 2003; 2005). A pesquisa oferece reflexão inédita no âmbito da Ciência da Informação quanto à aplicação da competência linguística específica à constituição de informações.

A opção de mostrar evidências das estratégias conceptuais a serviço de interesses contrários à divulgação de informações mostrou-se tanto oportuna quando produtiva cientificamente devido ao momento em que a pesquisa está sendo produzida, pois ainda não se encerraram as atividades do *WikiLeaks* e ainda não se

analisaram todas as consequências das divulgações de documentos sigilosos, feitas em escala nunca antes vista.

O texto da dissertação está organizado da seguinte forma: além do primeiro capítulo, introdutório, o capítulo 2 apresenta os objetivos da pesquisa e lança as principais questões a partir das quais são postuladas as hipóteses do estudo. O capítulo 3 apresenta os pressupostos teóricos que norteiam o trabalho ao discorrer sobre metáforas conceptuais e os fundamentos funcionalistas. O capítulo 4 contextualiza a dissertação, ao abordar temas como *internet*, redes sociais, *hackers* e guerra cibernética. O capítulo 5 descreve o *WikiLeaks* e tece considerações sobre alguns dos temas mais relevantes para o presente debate, como a Diplomacia Internacional e a relação entre Estado e indivíduo. O capítulo 6 descreve a metodologia empregada para conduzir a pesquisa e a forma como foi constituída a amostra, seguido pelo capítulo 7, que apresenta a análise empreendida. O capítulo 8 se compõe das considerações finais.

1.2 Objetivos

Este trabalho procura analisar as expressões utilizadas por políticos e articulistas relacionadas a Julian Assange e ao *WikiLeaks* e evidenciar qual o enquadramento (*frame*) sugerido. Conforme se procurará demonstrar, o quadro mental de “terrorista” e de “crime” é produtivo e pode vir a ser usado contra a ameaça representada por novas formas de vazamento e publicação de informações. Mas, Julian Assange e o *WikiLeaks* podem se beneficiar desse processo, vindo a se constituir como uma marca ou se estabelecer como ponto de recebimento e posterior publicação de documentos sigilosos. Assim, a depender dos termos e das expressões empregadas, uma determinada imagem se consolida, que pode prejudicar ou beneficiar os envolvidos.

Tendo em vista o que foi exposto, este trabalho pretende também:

- Apresentar a história do *WikiLeaks*, entender como ele funciona, detectar seus objetivos, situá-lo em um contexto mais amplo e sugerir uma classificação para o *site*.

- Tecer considerações, amparadas em literatura específica, sobre assuntos correlatos, como a *internet*, redes sociais, *hackers*, Diplomacia Internacional e liberdade de expressão.
- Discutir o papel da informação veiculada pela web com potencial para promover mobilizações, guerras, eleições.

2 SOBRE METÁFORA, ONTEM E HOJE

Os pilares teóricos que subsidiam esta pesquisa situam-se na perspectiva semântica de Lakoff e Johnson (2002 [1980]), conforme comentado anteriormente, em sua teoria contemporânea sobre metáfora, que a concebe como figura do pensamento e da ação. Primeiramente, porém, será abordada brevemente a visão tradicional de metáfora, de modo a possibilitar o entendimento sobre as novas contribuições a este campo de estudos.

Na definição de Aristóteles, metáfora é a “transferência para uma coisa do nome de outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou da espécie de uma para o gênero de outra, ou por analogia” (FILIPAK, 1983; RICOUER, 2005, p. 24). Segundo Eco (1974, p. 92) “a metáfora é uma figura de substituição de um elemento da linguagem por outro”, seguindo a tradição aristotélica. Whately (apud FILIPAK, 1983, p. 99) também admite essa definição ao afirmar que metáfora é “uma palavra substituída por outra”.

No Dicionário Aulete ³, metáfora é uma “figura de linguagem que consiste em estabelecer uma analogia de significados entre duas palavras ou expressões, empregando uma pela outra”.

No Novo Aurélio (FERREIRA, 1999, p. 1326), o termo é definido como “tropo que consiste na transferência de uma palavra para um âmbito semântico que não é o do objeto que ela designa e que se fundamenta numa relação subentendida entre o sentido próprio e o figurado”. Para Marcuschi (2007, p. 121), tropo é “uma figura de linguagem em que se observa um desvio ou mudança de significado”. Sardinha (2007, p. 13) define sentido figurado como um dos muitos sentidos pertencentes à nossa linguagem, como “usos não-literais das palavras e expressões da língua”.

No dicionário Houaiss (2001, p. 1907), o tropo é concebido como a “designação de um objeto ou qualidade mediante uma palavra que designa outro objeto ou qualidade que tem com o primeiro uma relação de semelhança”. No Michaelis ⁴, trata-se do “emprego de uma palavra em sentido diferente do próprio por analogia ou semelhança: *Esta cantora é um rouxinol* (a analogia está na maviosidade)”.

³ <<http://aulete.uol.com.br>>

⁴ <<http://michaelis.uol.com.br>>

Do grego *metá*, que pode ser traduzido como mudança, e *phérein*, que significa levar ou carregar (PEREIRA, 1976, apud FILIPAK, 1983; SARDINHA, 2007), metáforas são consideradas como um ornamento, utilizado no âmbito da Poética e da Retórica e não recomendado para o discurso científico. Marcuschi (2007, p. 125) cita autores que consideram a metáfora “insignificante e até mesmo desnorteante para a ciência”. Essa concepção passa a ser criticada no século XX, e se consolida com Lakoff e Johnson na década de 1970, marco a partir do qual diversas propostas teóricas são postuladas em diferentes campos científicos (FILIPAK, 1983; GIBBS apud ZANOTTO, et al, 2002; SARDINHA, 2007).

Para Lakoff e Johnson (2002 [1980], p. 45), “nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza”. Por meio do emprego dessas construções, nossas ações são envolvidas, até mesmo em questões menores, do dia a dia. Também nosso comportamento e nossas relações são influenciados. Para os autores, “já que a comunicação é baseada no mesmo sistema conceptual que usamos para pensar e agir, a linguagem é uma fonte de evidência importante de como é esse sistema” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 46). Esta é a chamada “Teoria da Metáfora Conceptual” que, a partir da compreensão de que “a essência de uma metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 47), propõe conceptualizações entre diferentes domínios, representados pelos autores em letras maiúsculas que indicam um mapeamento da seguinte forma: DOMÍNIO-ALVO É DOMÍNIO-FONTE (CARVALHO, 2006; FERREIRA, 2007; ZANOTTO et al., 2002). Lakoff e Johnson se basearam nos estudos de Reddy (1979) e na “metáfora do canal”.

Algumas definições deverão ajudar a elucidar os conceitos apresentados no parágrafo anterior e que subjazem à presente pesquisa. Sardinha (2007, p. 31) afirma que “uma metáfora conceptual é assim chamada porque conceitualiza alguma coisa”, como no caso de AMOR É UMA VIAGEM, que permite que se entenda amor em termos de viagem, como pode ser percebido em expressões como “veja a que ponto nós chegamos”, “nós estamos numa encruzilhada”, “nosso casamento está indo de mal a pior”.

Por domínio Sardinha (2007, p. 31) define como “área de conhecimento ou experiência humana”. Carvalho (2006, p. 33) define mapeamento como “o conjunto de correspondências conceptuais” como ocorre entre os conceitos de TEMPO e

DINHEIRO. A partir da compreensão de tais concepções, utilizamos expressões – que Sardinha (2007, p. 31) define como “expressão metafórica”, ou seja, “expressão linguística que é uma manifestação de uma metáfora conceptual” – como “desperdício de tempo”, “gastar o tempo”, “perder tempo”, “investir tempo”, usadas comumente no discurso, mas que também norteiam nossa maneira de agir.

Outro exemplo é o entendimento de DISCUSSÃO em termos de GUERRA, como nas expressões “ganhar uma discussão”, “atacar” ou “derrubar o argumento”, entre outras. Se em nossa cultura uma discussão fosse percebida como forma de dança, nossa atitude em um debate seria também outra. Assim, as **metáforas estruturais** são aquelas que estruturam um conceito em termos de outro (Lakoff; Johnson, 2002 [1980]).

As **metáforas orientacionais** são assim denominadas porque a maioria delas está relacionada a orientações espaciais, tais como nas oposições para cima – para baixo, dentro – fora, frente – trás. Como exemplo os autores apresentam o conceito de “FELIZ É PARA CIMA e TRISTE É PARA BAIXO”. Sentenças como “Eu estou me sentindo para cima”, “Aquilo levantou meu moral”, “Meu astral subiu”, “Eu caí em depressão”, “Estou no fundo do poço” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 60) ilustram a ideia. O conceito reaparece no processamento de estruturas linguísticas como “CONSCIENTE É PARA CIMA, INCONSCIENTE É PARA BAIXO” e nos exemplos “Eu já estou de pé”, “Ele se levanta cedo”, “Ele caiu no sono”. Também é o caso de estruturas nas quais os usuários operam associações do tipo: “SAÚDE E VIDA SÃO PARA CIMA; DOENÇA E MORTE SÃO PARA BAIXO”, como nos exemplos “Ele está no auge de sua força física”, “Ele caiu doente”, “A gripe o derrubou”, “A saúde dele está declinando”.

Por último, as **metáforas ontológicas** dizem respeito a formas próprias do ser humano conceber e lidar com “eventos, atividades, emoções, ideias etc. como entidades e substâncias” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 76). Os autores exemplificam com o conceito de inflação, que é a experiência de aumento de preços, mas é descrita como um inimigo, como na sentença “Precisamos combater a inflação”, entre outras construções que auxiliam na compreensão do termo, amplamente utilizado em escritos da área de Economia, todavia, nem sempre se percebe a base metafórica.

É relevante considerar também a face política de Lakoff. Militante do Partido Democrata norte-americano, o autor escreveu artigos e livros nos quais explica

como as respectivas visões de mundo de democratas e republicanos condicionam o entendimento sobre a política de seu país. O pesquisador também criticou o discurso político norte-americano por ocasião da primeira guerra do Iraque, na reação aos atentados de 11 de setembro de 2001 e na segunda guerra do Iraque. Os relatos sobre esses eventos apresentam elementos marcadamente metafóricos, como a conceptualização de Estados associados a pessoas, indicando a existência da metáfora NAÇÃO É PESSOA ou relacionados ao emprego de estruturas clássicas de contos de fadas, com seus “vilões”, “heróis” e “vítimas”. Até mesmo as Torres Gêmeas são interpretadas pelo autor metaforicamente como pessoas estando em pé e sua queda como um corpo caindo (LAKOFF, 1991; 2001). Segue-se que é possível observar e analisar discursos proferidos por diferentes atores, como políticos e autoridades governamentais, para justificar uma ação: um país pode ter sido “estuprado”; um governante inimigo pode ser um “monstro” ou mesmo um “demônio”; ataques podem ser “cirúrgicos”, entre outras construções (LAKOFF, 1991). Segundo Lakoff (2001), na sequência dos atentados realizados em 11 de setembro de 2001, a idéia de “crime” passou para a de “terror”, e todo um curso de ação foi tomado a partir disso. Cabe observar que Charaudeau (2011, p. 91), ao tecer considerações sobre como o discurso político recorre a determinada retórica para obter a aprovação pública, ilustra com a seguinte frase: ‘Saddam Hussein, esse sequaz de Satã’. Chomsky (2005, p. 47) discorre sobre como líderes americanos e ingleses se referiam ao ex-líder iraquiano como “pior monstro da história”.

Na pesquisa ora em desenvolvimento, conceptualizações semelhantes são identificadas para descrever Assange e o *WikiLeaks*, como pode ser visto nos dados extraídos da amostra selecionada para estudo, que apresenta termos como “terrorista”, “inimigo”, “traição”, entre outros.

É necessário considerar, ainda, conforme Sardinha (2007, p. 36), que mapeamentos podem ser “ilícitos”, “artificiais” ou “fantasiosos”, no que diz respeito ao uso de metáforas em propagandas, como nas antigas propagandas de cigarro, ou na política, quando se constrói a imagem de um candidato como “pai” (LAKOFF apud SARDINHA, 2007). São conhecidos no Brasil os usos da vassoura por Jânio Quadros e do trevo por Adhemar de Barros (KWAK, 2006), a imagem do pai dos pobres por Getúlio Vargas e do caçador de marajás por Fernando Collor. Essas construções são pensadas com antecedência e algumas vezes nem são concebidas pelos próprios candidatos, surgindo quando o político já está eleito. Seja como for,

seus idealizadores tentam causar nos eleitores, que hoje em dia cada vez mais já não são distinguíveis de clientes ou de um público alvo, um impacto, uma impressão previamente determinada. Comentando sobre os discursos político e publicitário, Charaudeau (2011, p. 80) discute como hoje em dia “especialistas em marketing [...] sustentam que se lance um homem na política como se lança um sabonete no mercado”. O mesmo autor considera, ainda, que “temos dificuldade em aceitar que em uma democracia o povo vote em um político mais em razão de sua imagem e de algumas frases de efeito [...] do que em razão de seu programa político” (CHARAUDEAU, 2011, p. 78). Essa relação entre política e publicidade, além do uso da retórica seriam, por si sós, tema para um trabalho à parte.

Deve-se destacar que as teorias recentes apenas começam a contribuir à discussão sobre metáfora e figuras de linguagem. Este campo de estudos é vasto, de longa tradição, que remonta à Grécia Antiga e a Aristóteles, em uma história de mais de dois mil anos, conforme comentado anteriormente.

Gibbs (apud ZANOTTO et al., 2002) elenca algumas dessas teorias. Dentre as novas concepções apresentadas, cabe destacar a “Teoria da Mesclagem Conceptual” de Fauconnier e Turner (2002; 2008), que supõe que “mapeamentos entre espaços mentais representam o núcleo da habilidade cognitiva humana da produção, da transposição e do processamento de significado” (SCHRÖDER, 2010, p. 132). Esta teoria considera que o processo cognitivo humano é, assim como postularam Lakoff e Johnson, usado na vida cotidiana, de maneira rotineira e inconsciente, que envolve no mínimo quatro espaços mentais: um espaço chamado genérico, dois espaços *input*, interconectados, considerados espaços iniciais de entrada, e um espaço mescla, que recebe parte da informação vinda dos *inputs* e apresenta uma estrutura emergente, conforme representado na Figura 1:

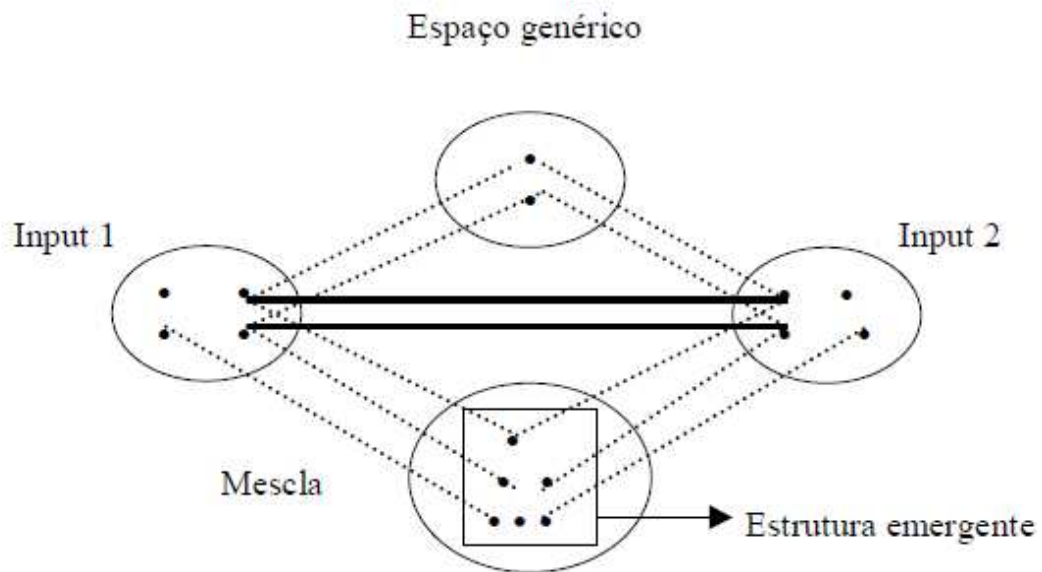


Figura 1: Processo de mesclagem (FERRAZ, 2007, p. 48)

Espaços mentais podem ser entendidos como “pequenos pacotes conceituais construídos durante o pensamento e a fala” (BERNARDO, 2011, p. 252). Almeida (apud REIS, 2005, p. 17) define espaços mentais como sendo as “ligações entre as formas linguísticas e o universo de mundos mentais possíveis que surgem a partir de processos cognitivos de experiências e de crenças”.

Fauconnier e Turner (2002) exemplificam o esquema apresentado na Figura 1 com o cenário de uma luta de boxe, utilizado para impingir sentido à competição no mundo dos negócios, com conceitos de “nocaute” e “derrota” agregando-se à compreensão, conforme a Figura 2:

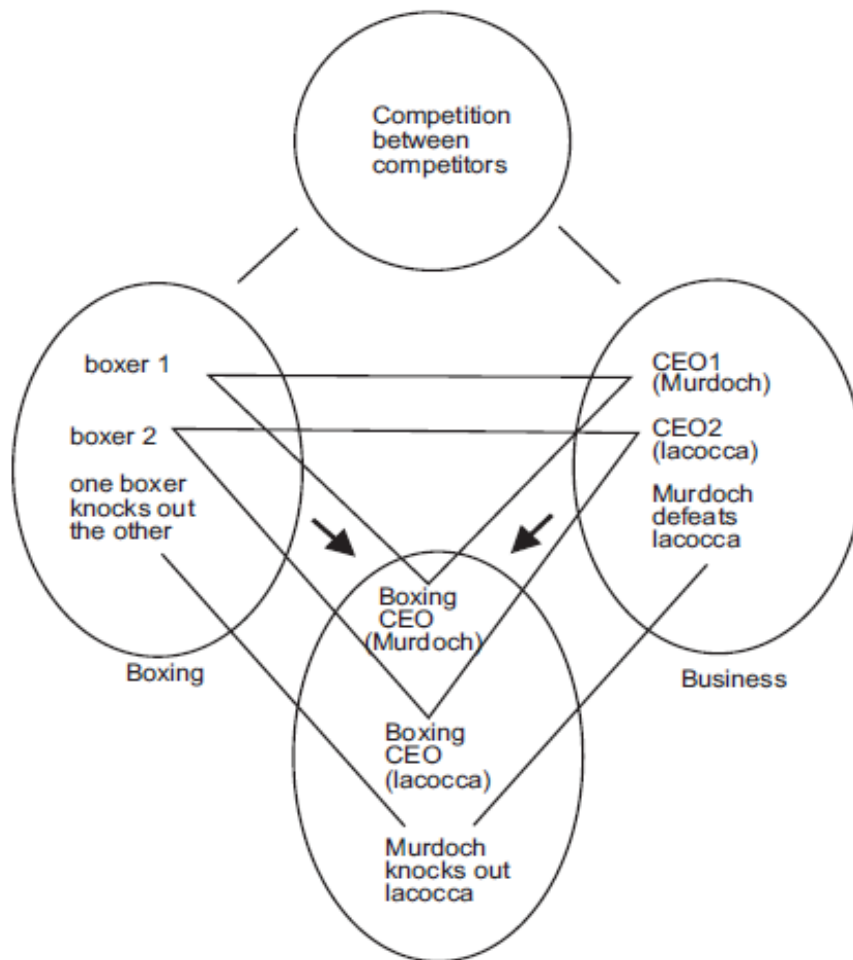


Figura 2: Luta de boxe e a competição no mundo dos negócios (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 128).

No espaço genérico, temos “competição entre competidores”. No espaço *input*, que corresponde à ideia de “luta” ou “boxe”, à esquerda na figura, temos “boxeador 1” e “boxeador 2” e a informação de que “um boxeador nocauteia, ou derruba, o outro”. No espaço *input* à direita, o rótulo é o de “negócios”, com o “empresário 1” e o “empresário 2” e um deles derrota ou derruba o outro, mas no plano da disputa entre competidores no mundo dos negócios. No processo cognitivo que se desenvolve, um empresário “nocauteia” o outro. A mesclagem entre conceitos é evidente e pode ser usada em muitas outras situações.

Não cabe neste trabalho desenvolver todos os conceitos relacionados à Teoria da Mesclagem Conceptual, mas indicar que ela postula, assim como a Teoria da Metáfora Conceptual, a existência de formas de processamento que ocorrem no entendimento humano, usadas cotidianamente, e que lidam com articulações e integrações mentais nem sempre percebidas, porém identificáveis no âmbito do

discurso. Esta pesquisa pressupõe, pois, o entendimento de metáfora não como recurso restrito à linguagem literária, mas como recurso linguístico importante no processo de interpretação, interação, compreensão e entendimento informacional e procura utilizar essa visão de modo específico para o caso de Julian Assange e o *WikiLeaks*.

Os demais pilares teóricos que subsidiam o estudo encontram eco no conceito de *ethos*, de Maingueneau (2005) e nos fundamentos funcionalistas, sob a perspectiva de Givón (1995) e Halliday (1985).

Cumprido esclarecer então que está sendo adotado o conceito de gramática emergente do discurso, das necessidades comunicativas dos falantes, modelo que se contrapõe ao de Chomsky (1965), que se restringe ao conceito de língua como competência linguística. A noção de língua aqui empregada supõe necessariamente os usos reais da linguagem em contextos diferenciados, em enquadres discursivo-pragmáticos distintos na fala e na escrita e se acha a serviço das intenções comunicativas e dos efeitos de sentido que se pretendem atribuir à informação. Por conseguinte, supõe-se a existência de uma competência comunicativa, além da competência linguística (noção tecnicamente postulada por Chomsky) que implica que os falantes fazem uso funcional da linguagem a depender dos enquadres interacionais e de conteúdos proposicionais e informacionais a serem processados e transmitidos.

Note-se que, na visão chomskiana, a língua é totalmente herdada geneticamente, já vem inscrita no genótipo dos indivíduos desde o nascimento, de modo que sua aquisição se dá de forma involuntária, inconsciente e inexoravelmente em todos os falantes na mais tenra idade. A língua independe da quantidade e da qualidade do *input*, de forma que todos os seres humanos adquirem um sistema linguístico, desprovidos que sejam de algum comprometimento neurofisiológico. Sob tal perspectiva, Chomsky entende que os falantes nativos possuem uma potencialidade específica à linguagem concebida como uma competência internalizada e concebe a mente modularizada. Para Chomsky e os formalistas, portanto, língua situa-se dentro dos falantes e independe de qualquer contexto de fala. Desta feita, língua é atemporal, assujeitada, internalizada e completa. Trata-se de competência natural e sua explicitação prescinde das situações de uso, das interações, de qualquer variável situacional, temporal e histórica.

A noção de língua que dá respaldo à presente pesquisa, em contraposição, apóia-se no já mencionado conceito de competência comunicativa, postulado inicialmente por Hymes (1974), também conhecido por competência pragmática ou competência informacional. Nesse caso, é imprescindível e necessário reportar-se à visão interacionista de linguagem, apoiada em Vygotsky (1987), cujo pressuposto é o de que a comunicação linguística opera numa co-construção entre interlocutores, entre os agentes de uma dada situação discursiva no *continuum* fala/escrita.

O paradigma funcionalista encontra raízes na Pragmática e concebe a gramática forçosamente dependente do contexto (contrariamente à visão formalista, aludida anteriormente). Assim, os usos linguísticos são intencionais e emergem das necessidades e dos propósitos comunicativos dos falantes. As estruturas linguísticas são codificadas gramaticalmente de modo a produzir os efeitos de sentido que se quer imprimir. Ora, se a informação é “embalada” segundo os propósitos comunicativos dos falantes, parte-se do princípio de que o processamento linguístico não é aleatório.

Não por acaso o cognitivista Lakoff, surgido originalmente da Semântica Formalista (de orientação gerativista), reconsidera a noção de metáforas, ao verificar que a linguagem do cotidiano também opera majoritariamente e voluntariamente com base em mecanismos associativos que provocam sentidos bem marcados e funcionais do ponto de vista semântico-discursivo. Por isso, o presente estudo também encontra raízes teóricas no Cognitivismo Linguístico, que defende que “o raciocínio humano inclui frames, metáforas conceituais e *blendings* conceituais” (COSCARELLI, 2009, p. 180). Para Ferreira (2007, p. 15) a Linguística Cognitiva “visa investigar as formas como as estruturas linguísticas estão relacionadas e são motivadas pelo conhecimento conceptual humano, pela experiência corpórea e pelo discurso”. Lakoff (1987) considera a experiência corpórea como indicativa do tipo de conceptualizações que produzimos, o que, conforme Farias (2007, p. 88) “leva em consideração que a nossa compreensão do mundo é modelada e limitada, em grande parte, por nossas faculdades perceptuais, pela conformidade anatômica de que somos dotados”.

Na seção seguinte, serão abordados assuntos relacionados à *internet* e às ferramentas disponíveis *online* que, de alguma forma, estão relacionadas ao *WikiLeaks*. O objetivo é introduzir o *site* e contextualizá-lo em relação a recursos que atuam de forma semelhante.

3 SOBRE INTERNET, HACKERS E GUERRAS CIBERNÉTICAS

Para contextualizar este trabalho, não é necessário discorrer de maneira aprofundada sobre a história e a evolução da rede mundial de computadores, assunto ampla e detalhadamente encontrado em artigos, livros, dissertações e outras publicações. Importa compreender como a *Internet* e as tecnologias de informação e comunicação concedem aos indivíduos novos modos de se comunicar, de alguma forma escapando ao poder até então restrito ao Estado e às grandes corporações. Dentre as consequências observáveis e as reações possíveis, discutimos como os governos estão incomodados e como leis que cerceiam a liberdade na *internet* e aumentam as formas de controle são sugeridas sempre que usuários utilizam recursos *online* para convocar manifestações, protestos e tumultos. Informações sobre os *hackers*, seu modo de vida e suas ações recentes colaboram para a compreensão do *WikiLeaks* por se tratar da cultura a partir da qual o *site* foi concebido.

No contexto da Guerra Fria, a Arpanet, do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, tinha por objetivo interligar universidades, instituições de pesquisa e militares, por meio de um sistema de comunicações que pudesse sobreviver no caso de um ataque da União Soviética. À época, meados de 1960, pesquisadores discutiam conceitos como o de comutação por pacotes, de Leonard Kleinrock, e de rede galáctica, de Joseph LickLider, ambos do *Massachusetts Institute of Technology*/MIT, (CASTELLS, 2003; LEINER et al., 2009; SOUZA; BRUM, 2009).

Com o advento da *world wide web* de Tim Berners-Lee cerca de 30 anos depois, foi simplificado o processo de transmissão de informações. Com o passo seguinte, a criação do primeiro navegador, uma mudança fundamental se operou na *internet*, ao possibilitar, via *Hypertext Markup Language* (HTML), a ativação de links por meio do clique de um *mouse* (CASTELLS, 2003; GRIFFITHS, 2007). Os *mainframes* da IBM, o surgimento da Intel, as inovações da *Apple*, a expansão da *Microsoft* também causaram mudanças sensíveis nas formas de se comunicar e de se obter informações. Para observar um quadro cronológico que remonta a 1941 e avança até 2008, citando inovações como um computador desenvolvido na Alemanha, voltado para a codificação de mensagens, invenções como o primeiro *mouse* e o primeiro *videogame* e a expansão da *internet* mundial, recomenda-se consultar Estefenon (2008).

Diversos autores se debruçaram sobre o fenômeno da *internet* e o descreveram em termos bastante enfáticos: “revolução sem precedentes” (MOURA; DEPS, 2009, p. 81), “drástica mudança” (SOUZA; BRUM, 2009, p. 122), “transição civilizatória” (NEVES, 2007, p. 24; RIBEIRO, 2009). O uso crescente de computadores e a ampla disseminação de novas tecnologias que utilizam instrumentos de comunicação e interação estão levando à invenção de um “novo estilo de humanidade”, segundo Lévy (1993, p. 17). O espaço virtual é “um novo lugar, não apenas de comunicação, mas de existência” (Lyra, 2009, p. 5, grifo no original). Para Cavalcanti e Pereira Neto (2007, p.4), a *internet* é uma das inovações que “causaram maior impacto econômico e social na última década”. Para Castells (1999a, p. 68), apesar de algum exagero e de discursos enviesados, não se deve subestimar a importância da atual revolução da tecnologia da informação que é, “no mínimo, um evento histórico da mesma importância da Revolução Industrial do século XVIII, induzindo um padrão de descontinuidade nas bases materiais da economia, sociedade e cultura”. Hague (2011), atual ministro das Relações Exteriores do Reino Unido, destaca que o “acesso à *internet* cresceu em ritmo inacreditável: de 16 milhões de usuários em 1995, para quase dois bilhões hoje”.

À medida que os recursos foram ficando mais compactos e mais acessíveis, o ritmo de surgimento de inovações, incluindo formas de armazenamento e recuperação de informação, tornou-se cada vez mais acelerado. Vannevar Bush chegou a antecipar o processo de celeridade, há cerca de 35 anos, além de prever aplicabilidades diversas em bibliotecas, tal como a utilização de microfílm e da inteligência artificial (DAVID; FORAY, 2002; HERNER, 1984). Mesmo Bush se surpreenderia, com o atual volume de informação circulando e com as possibilidades que a *internet* hoje permite antever: novas e aprimoradas formas de participação *online* estão rapidamente se popularizando com a chamada web 2.0, que favorece a troca de informações e a colaboração entre usuários (HARRIN, 2010).

Um exemplo da proliferação de novas ferramentas é a enciclopédia participativa *Wikipédia*⁵. O termo *wiki*, “palavra havaiana que significa ‘rápido’” (ESTEVES; GLENDAY, 2009, p. 41), indica um tipo de documento que pode ser editado coletivamente e que dispensa revisão por um editor antes de sua publicação (HARRIN, 2010; ASH, 2011).

⁵ <<http://www.wikipedia.org>>

Outro exemplo dessa tendência participativa atual da *internet* são as redes ou mídias sociais (FERRARI, 2010; RAMALHO, 2010), que permitem diversas formas de interação e vêm igualmente ganhando espaço como forma de entretenimento e de comunicação, haja vista os números relacionados ao *Facebook* que, no começo de 2011, contabilizava 650 milhões de usuários e uma receita, em 2010, somente com publicidade, de US\$1,86 bilhão (SCHELLER, 2011). Nas eleições presidenciais no Brasil, em 2010, os recursos das redes sociais foram amplamente utilizados, assim como na eleição do atual presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, assunto que é analisado por Tapscott (2010).

As redes sociais atuam, ainda, como ferramenta de defesa do consumidor, auxiliam no estabelecimento de contatos, ajudam no marketing de empresas e produtos, promovem novas formas de fazer negócios e de lazer, possibilitam a investigação sobre candidatos a uma vaga de emprego, bem como possibilitam a veiculação de modismos, boatos e mesmo contravenções (FONSECA, 2011). Outros exemplos de redes sociais: o *Twitter* (*microblog* que permite postagens de textos contendo até 140 caracteres), o *LinkedIn* (voltado para contatos profissionais), o *MySpace*, o *Friendster* e o *Orkut* (com a finalidade de proporcionar/facilitar relacionamentos) (RAMALHO, 2010).

A capacidade de mobilização que essas ferramentas permitem é algo que tem chamado a atenção de governos e de especialistas (SHIRKY, 2011). Kirkpatrick (2011), em seu livro sobre o *Facebook*, descreve a mobilização na Colômbia contra as Farc, em 2008, que começou como um grupo criado na rede social e que evoluiu até marcar um protesto, que se tornou um evento envolvendo as autoridades do país e mobilizou cerca de 10 milhões de pessoas contra o grupo guerrilheiro não somente na Colômbia, mas em outras localidades, como Dubai, Sidney e Tóquio.

Os acontecimentos recentes no Norte da África, depois apelidados de Primavera Árabe, que começaram na Tunísia e se espalharam para outros países, ajudam também a compreender a dinâmica atual de utilização da *internet* e das redes sociais como meio de influenciar comportamentos e como forma de promover mobilizações: protestos organizados em comunidades *online* cresceram e levaram o governo do presidente Hosni Mubarak, no Egito, a bloquear completamente no país o acesso à rede mundial de computadores (RADSCH, 2011). A ação foi considerada a pior do gênero até o momento (BLOQUEIO, 2011) e levou o *Google* e o *Twitter* a criar uma ferramenta para que os cidadãos egípcios pudessem contornar o bloqueio

(GOOGLE, 2011). Algum tempo depois, a Líbia experimentou protestos que convulsionaram o País e acabaram por deflagrar uma guerra civil que resultou em intervenção da Otan, na queda do regime e no assassinato do líder Muamar Kadafi. Mais uma vez, a *internet* foi utilizada pelos manifestantes e o governo local reagiu, impedindo-lhes os acessos. Em seguida, apareceram outras opções *online* de contornar a repressão, conforme mostrado na figura 3 reproduzida a seguir.



Figura 3: Como acessar a internet na Líbia convulsionada. Disponível em: <<http://blogs.aljazeera.net/africa/2011/02/22/live-blog-libya-feb-23#>>. Acesso em: 20 fev. 2011.

Não por acaso regimes fechados suspeitam da *internet* e por extensão das redes sociais. Segundo Nicola (2004, p. 16), “não se pode negar o poderio informacional que a *internet* proporciona”. Hague (2011) é enfático ao afirmar que “governos opressores utilizam o progresso tecnológico para violar os direitos de seus cidadãos, restringindo a privacidade e a liberdade de expressão e impedindo o acesso à informação”. Para organização Repórteres sem Fronteiras ⁶, existem quinze “buracos negros” na *internet*, que corresponderiam ao conjunto de países inimigos da rede mundial de computadores: Bielorrússia, Birmânia, China, Cuba, Irã, Líbia, Ilhas Maldivas, Nepal, Coreia do Norte, Arábia Saudita, Síria, Tunísia, Turcomenistão, Uzbequistão e Vietnã, conforme mostrado na figura 4:

⁶ <<http://en.rsf.org/>>

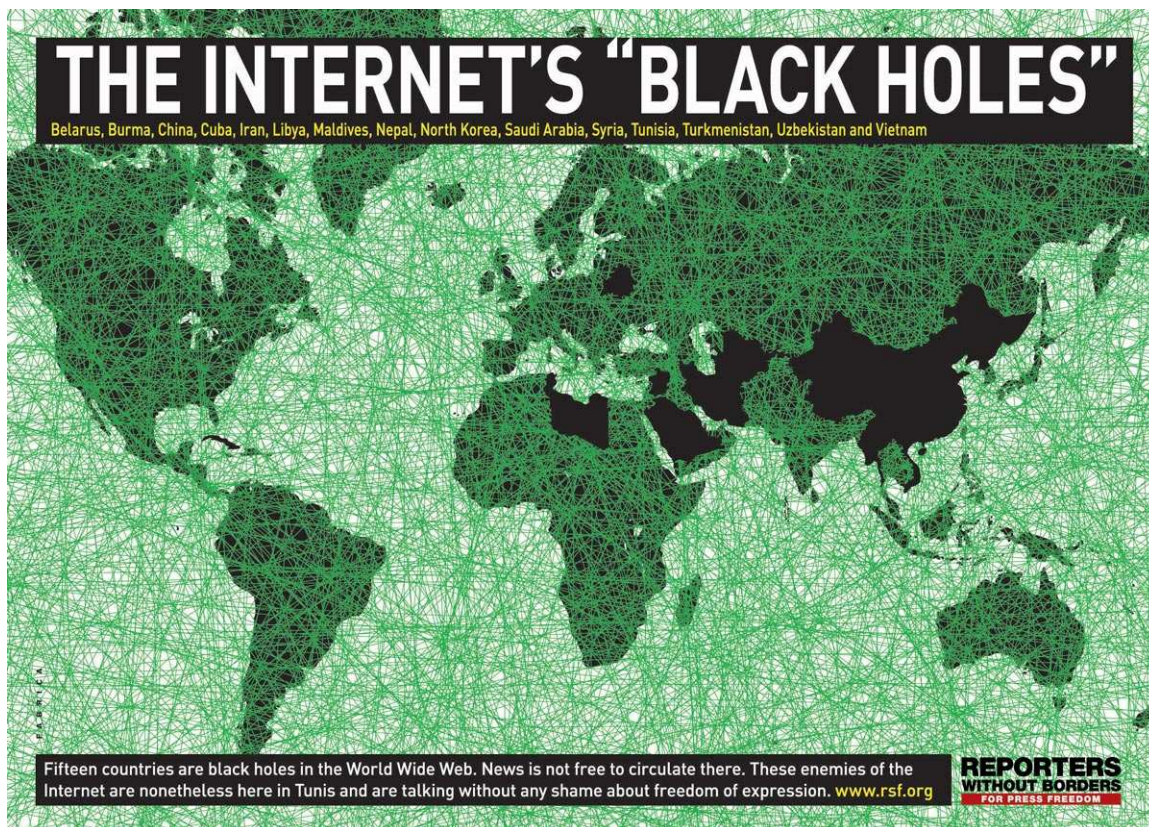


Figura 4: Os “buracos negros” da Internet. Disponível em: <http://adsoftheworld.com/files/images/carte-web-en.jpg>. Acesso em: 9 fev. 2011.

Cabe notar, porém, que, diante de distúrbios ocorridos na Inglaterra, em agosto de 2011, após a morte de um suspeito em confronto com a polícia, a possibilidade de bloqueios da telefonia celular e das redes sociais foi aventada como parte das medidas para reprimir os atos de violência e mais tarde abandonada (DUARTE, 2011a). Para Teixeira (2011) um eventual bloqueio seria inócuo e não duraria mais do que algumas horas, pois formas de burlá-lo rapidamente se propagariam. Deve-se notar, porém, que se trata de um governo legalmente eleito, não de uma ditadura, o que pode ser um agravante, pois “da próxima vez que alguém na Síria ou China cortar acesso à internet, dirá com cinismo que tem limite, e no Ocidente há quem concorde” (DORIA, 2011a). Com isso concorda Morozov (2011b, p. A13), ao observar: países autoritários estavam atentos à forma como a Inglaterra ia lidar com seus conflitos internos, principalmente ao se constatar o uso que foi feito da *internet*, para poder justificar “suas próprias políticas repressoras”. Cabe, porém, uma ressalva: é possível que os saques e depredações tenham sido feitos por gangues, com foco em roubos e vandalismo, em uma conotação diferente

do que vem ocorrendo no Norte da África e no Oriente Médio, ainda que roubos e outros crimes também tenham sido cometidos. Analistas perceberam que faltava uma palavra de ordem e não surgiu qualquer tipo de reivindicação ou objetivo político nessa ocasião na Inglaterra, ainda que comentaristas tenham aproveitado para criticar o mundo contemporâneo, com sua sociedade centrada no consumo, dado que a pilhagem de objetos como Tvs, computadores e roupas de grife pode ser observado durante os distúrbios (DUARTE, 2011b). Bauman (2011), em entrevista ao jornal O Globo, disse se tratar de um “motim de consumidores excluídos”. Reid (2011) faz contrapontos entre as explicações fornecidas pela direita, que aponta a desagregação familiar e a falta de uma cultura que ensine responsabilidades e não somente direitos, e pela esquerda, que aponta a ganância e o corte de gastos públicos como sintomas para a desordem. O ponto aqui, porém, deve ser o destaque para a capacidade que os manifestantes, seja qual for sua índole, tiveram, mais uma vez, de utilizar as novas tecnologias de informação e comunicação para se comunicar e difundir sua agenda e como os políticos, mais uma vez, perceberam esses novos recursos como uma ameaça e tencionaram fazer algo a respeito. E convém atentar novamente para Bauman (1997, p. 11), ao dissertar sobre a vida nos dias atuais que, embora diferente, ainda manteve uma concepção de que “a liberdade, se não monitorada, sempre verga para a licenciosidade e assim é, ou pode-se tornar, inimiga do bem – continuou a dominar mentes de filósofos e práticas de legisladores”. A sociedade, assim, é vista como necessitando de tutores, quando não de salvadores, de guias. O sociólogo continua seu raciocínio dizendo que a liberdade “é suspeita desde o início, pela simples imprevisibilidade de suas consequências, de ser de fato constante fonte de instabilidade, elemento de caos que se deve refrear” (BAUMAN, 1997, p. 12).

Para os propósitos deste trabalho, desejamos destacar que a *internet* e as redes sociais tornam mais fáceis a organização e a execução de manifestações e protestos. Como consequência, torna-se difícil a manutenção de regimes autoritários que, em geral, demonstram ter problemas com a liberdade de seus cidadãos e com a livre circulação de informações (CASTELLS, 2003). Silveira (2011, p. 153) considera que “no cenário dominado pelos meios de comunicação de massas, a saber, pelo rádio, jornais e televisão, o poder comunicacional dos indivíduos era bem menor do que no existente com a expansão da Internet”. Miranda (2011) vê a “malha das conexões virtuais como uma das mais revolucionárias formas de disseminação

da informação até agora disponíveis para o homem”. Leitão (2010, p. 36), por sua vez, considera as redes sociais como “fenômeno inteiramente novo do qual se sabe pouco”, entendendo, no entanto, que elas “não criam explosões sociais, mas aumentam a velocidade do fenômeno de contágio; elas são a forma de contornar a censura imposta”, como teria sido o caso no Egito.

Mas a *internet* padece de muitos males: Demo (2010, p. 113) alerta para o fato de que se deve duvidar de suas “promessas excessivas [...], a exemplo do que já ocorrera com o telégrafo no fim do século XIX, quando era descrito como fim da geografia política e início irreversível do livre comércio”. Keen parece desiludido com as possibilidades que o “sonho original” (KEEN, 2009, p. 15) da *internet* prometia; ao invés de democratização e qualidade da informação, o que o autor percebe é uma crescente banalização, que comprometeria a veracidade das informações veiculadas por jornais e revistas tradicionais, detentores de corpos editoriais e de profissionais especializados que processam as informações recebidas, verificam fontes, desmentem boatos. O mesmo não ocorreria com *blogs* e com outras ferramentas da rede, que têm bem menos ou nenhum recurso, ou mesmo nenhuma vontade de agir de maneira responsável, ao disseminar boatos ou fabricar inverdades, segundo o autor. Keen também questiona a *Wikipédia*, comparando-a com uma enciclopédia profissional como a *Britannica*, redigida por especialistas. A mesma comparação é feita por Esteves e Glenday (2009). Keen critica, ainda, a qualidade de obras audiovisuais, que também estaria comprometida, pois agora qualquer pessoa pode produzir algo e divulgar *online*, com interesses políticos ou em razão de alguma agenda não exatamente clara, pelo menos à primeira vista. Em um movimento que não se provou ser um sucesso, em 28 de março de 2011, o jornal americano *The New York Times* passou a cobrar por acesso a seu conteúdo: após um limitado número de acessos: o usuário que quiser continuar a ler as matérias do jornal *online* terá que optar por uma forma de assinatura. A ideia por trás dessa ação é a de que conteúdo especializado não pode ser de graça, em um aparente movimento contrário à tendência geral da *internet* e de alguma forma concordando com as opiniões de Keen.

Tapscott (2010), que pode ser descrito como um entusiasta, também aborda o lado contrário desse universo e descreve problemas relacionados ao ambiente virtual, como a falta de ética profissional, o aumento da criminalidade entre jovens, algumas noções equivocadas sobre direitos e deveres, narcisismo, transtorno de

déficit de atenção, intimidação *online* (uma espécie de *bullying* virtual), entre outros. O mesmo autor alerta, porém, para uma aparente contradição: pesquisas revelam que a chamada geração *internet* – a primeira geração a crescer em uma era digital – acredita na integridade como um valor, mas a maior parte dela já baixou algum material sem pagar por ele, como *softwares*, filmes ou músicas. O que se nota, curiosamente, é que uma mudança de comportamento e de percepção se operou, pois os internautas não identificam como ilegal a prática da cópia e da distribuição de conteúdo protegido por direitos autorais. O erro estaria no modelo tradicional de venda de músicas que não funcionaria mais, devido aos preços cobrados ⁷, tendo em vista a facilidade em se obter o material. Note-se que há grupos na *internet* que oferecem episódios, já legendados em português, de séries exibidas na tv americana apenas algumas horas depois de terem sido veiculados. Os mesmos episódios são veiculados em tv por assinatura (a cabo), com comerciais inseridos no decorrer do programa, ou lançados em *DVD/Blue Ray* semanas ou mesmo meses depois. Para uma abordagem mais aprofundada sobre direitos autorais e *internet*, os autores Gandelman (2007) e Carvalho (2009) oferecem mais elementos, que podem e devem ser objeto de pesquisas mais aprofundadas.

Para Morozov (2009; 2011a), apesar de acreditar no potencial democratizante da *internet*, o autoritarismo e a censura prosseguem em países como a Rússia e a China. A propalada revolução no Irã em 2009 não ocorreu, apesar da promessa de que seria “tuitada” e de que um regime fechado como o de Teerã não resistiria às novas, baratas e fáceis tecnologias digitais. Spektor (2011) também usa este mesmo caso como exemplo. Silveira (2011) critica as posições de Morozov e afirma que as manifestações que ocorreram no Egito, comentadas anteriormente neste trabalho, são uma evidência da eficácia das novas tecnologias de informação e comunicação.

Há, ainda, problemas de outra natureza, como os riscos neurológicos, oftalmológicos, auditivos e cardiológicos, entre outros. Estão sendo realizadas pesquisas nas quais o funcionamento do cérebro é mapeado, e observadores já defendem uma capacidade maior de adaptação, principalmente em adolescentes, considerados os mais imersos nessas novas tecnologias, com repercussões sobre o desenvolvimento de habilidades, como as de leitura e de absorção de informações

⁷ No relatório “*Media Piracy in Emerging Economies*”, divulgado em 6 de março de 2011, o preço é apontado exatamente como um dos principais fatores que levam as pessoas a consumir produtos piratas. Disponível em: <<http://piracy.ssrc.org/>>. Acesso em 25 mar 2011.

(GERAÇÃO, 2008; TAPSCOTT, 2010). Há, porém, pesquisas mostrando o contrário (BAUERLEIN, 2008).

Há também questões relacionadas à privacidade e à segurança dos usuários. Mensagens em *sites* de relacionamento podem ser abertas para todos verem. Até mesmo mensagens particulares podem ser lidas pelas autoridades através de mandados de busca ou por meio de pressão contra empresas de *internet* (CASTELLS, 2003). Os serviços de inteligência já perceberam que a rede mundial de computadores constitui instrumento de coleta de informações valiosas em espaços nos quais as pessoas voluntariamente se expõem, através de fotos e dados sobre amigos e familiares, que podem ser usados contra elas mesmas, facilitando a identificação dos locais de circulação e procedendo ao mapeamento das conexões entre as pessoas. Esse tipo de informação pode ser usado também por criminosos, sequestradores e aproveitadores em geral. Segundo Hague (2011) “o custo financeiro dos crimes cibernéticos é substancial, chegando a US\$ 1 trilhão por ano em todo o mundo”. Usuários dessas ferramentas podem vir a perceber essa tendência como uma forma de violação de sua privacidade, e reagir tornando sua comunicação cada vez mais cifrada, a fim de escapar à detecção, ou pelo menos dificultar um pouco a intrusão. As hoje valiosas redes sociais podem vir a ser esvaziadas, e seu valor pode diminuir, se seu público começar a perceber que a exposição a que voluntariamente se submetem, com fotos e dados, são uma arma a ser usada pelas autoridades, que dispõem de softwares de reconhecimento de fotos e de formas de cruzar informações que podem e possivelmente serão usadas nos tribunais, caso seja necessário. Mas, pela própria natureza que a *web* tem demonstrado até o momento, é possível que, afinal, as redes sociais sejam mais um modismo e deixem de ser relevantes, como já ocorreu com o *MySpace*, entre outros tipos de *sites*, hoje desaparecidos do ambiente virtual ou pequenos demais para chamar atenção. Conforme comenta Bauman (2008), a dinâmica pode ser a mesma que ocorre quando um bar novo estreia em uma área nobre: passa a ser o local obrigatório, a novidade que todos devem conhecer. Depois, torna-se apenas mais um. Já existem estudos indicando uma saturação por parte dos usuários dessas redes (USUÁRIOS, 2011).

Outra forma de debilidade da *internet* que vem sendo identificada é a capacidade ampliada que os governos passaram a ter de espalhar boatos e desinformação conforme seus interesses (LEITÃO, 2010). Mensagens podem ser

enviadas para afastar manifestantes ou mesmo para atraí-los para um determinado local e então fotografar (ou prender) a todos. Isso poderia ser bem útil em uma época como a atual, que permite “invisibilidade” na rede, criando assim dificuldades quanto à identificação das pessoas. Cabe lembrar que o jornal britânico *The Guardian* revelou recentemente a existência de um projeto militar americano voltado para a manipulação de redes sociais, como o *Facebook* e o *Twitter*. Um *software* estaria sendo desenvolvido para permitir que agentes manipulem até dez perfis falsos cuja função é a de influenciar as conversas *online*, criar consenso em discussões, sufocar ou desmentir opiniões indesejáveis e disseminar propaganda pró-americana. Este projeto está sendo comparado às tentativas da China para controlar e restringir a liberdade de expressão na *internet*. Alguns críticos alertam para o fato de que outros governos, empresas privadas e organizações não-governamentais possam vir a fazer o mesmo (FIELDING; COBAIN, 2011). Parece que Hobsbawm (2009, p. 37) não exagera ao afirmar que “o grau de vigilância hoje possível é o maior e mais agressivo de toda a história”. Cabe destacar que Julian Assange, do *WikiLeaks*, afirmou que o *Facebook* é uma ferramenta de coleta de dados do governo americano (DIAS, 2011a). Esta declaração perdeu seu caráter excêntrico quando especialistas começaram a apontar que informações de usuários estavam sendo obtidas mesmo quando eles não estavam usando a rede social (BRADSHAW, 2011; DIAS, 2011b; GUYNN, 2011, MOROZOV, 2011c).

A *internet* permite que os organizadores de um protesto ou manifestação envolvam pessoas a um custo muito baixo, conforme destacado anteriormente, mas é de se salientar que, ainda assim, pode não surtir o efeito desejado e o contrário pode ser verdadeiro: ao invés de participar de reuniões e passeatas, os indivíduos podem interagir em discussões *online* a partir de casa (SHIRKY, 2011), e permanecer num certo grau de anonimato, ainda que as autoridades possam identificar os endereços IP (*internet protocol*) com facilidade, conforme comentado acima. Para uma discussão sobre o anonimato na atualidade, incluindo considerações sobre a sociedade de controle, conforme desenvolveram Foucault, Deleuze, entre outros, ver Silveira (2009). Não se pode deixar de reconhecer, todavia, que a capacidade de redução de custos de participação, organização, recrutamento e formação de pessoas certamente é uma novidade na era digital (GLADWELL; SHIRKY, 2011; SHIRKY, 2011): um movimento pode disseminar

rapidamente e, com uma única mensagem, uma convocação massiva, em segundos.

A rede mundial de computadores está, obviamente, crescendo em importância nos dias de hoje e isso parece ser claro para indivíduos e governos (SHIRKY, 2011). É talvez menos óbvio que o ciberespaço esteja se tornando gradualmente um espaço militarizado, que pode ser usado para empreender guerras, tanto por indivíduos quanto por Estados (CLARKE; KNAKE, 2010). Portanto, além das considerações sobre debilidades e riscos apresentadas acima, outro desenvolvimento deve ser observado: a militarização da *internet*. A escolha da expressão “guerra cibernética” é adequada para a compreensão dos conflitos no ciberespaço envolvendo pelo menos um Estado-nação, como principal arma de ataque ou de apoio a operações, tal como em 2008, quando foram registrados ataques do tipo DDoS, (“ataque distribuído de negação de serviço” ou “*Distributed Denial of Service*”) ao governo, à mídia e a outros *sites* da Geórgia, precedendo um ataque militar russo. O ataque de Israel à Síria que, supostamente, desenvolveria uma central nuclear junto com os norte-coreanos, foi precedido por uma ação organizada contra os radares sírios, que bloqueou sua monitoração e permitiu que os aviões israelenses não fossem detectados e destruíssem seu alvo. O vírus *Stuxnet*, que teria danificado sistemas na usina nuclear de Bushher, no Irã, e atrasado o criticado programa nuclear do país, seria também obra dos israelenses, com possível ajuda dos Estados Unidos, e pode ter inaugurado uma nova etapa nos conflitos entre países (CLARKE; KNAKE, 2010; NYE, 2011; STARK, 2011; US, 2011).

Se antes, porém, tudo indicava que ataques cibernéticos partiriam de estados inimigos ou de organizações como a *Al-Qaeda* e se acreditava que o usuário de *internet* era impotente para atingir governos e instituições, hoje já se percebe uma tendência à descentralização dessas ações. Para Nye (2011), “as barreiras de acesso ao ciberdomínio são tão insignificantes que pequenos Estados e entidades que não são Estados podem exercer um efeito significativo a um custo reduzido”. Para Castells (2003, p. 129) cada vez mais a *internet* será usada “por jornalistas rebeldes, ativistas políticos e pessoas de todo tipo como um canal para difundir informação e rumores políticos”. A expressão “guerra cibernética” absorve então outro sentido, mais amplo e com novas implicações, para a segurança dos Estados. As recentes ações de grupos de *hackers* provêm material para investigar a

crescente capacidade, por parte dos usuários, de empreender atos anteriormente reservados somente a países.

Para os propósitos deste trabalho, considera-se *hacker* uma pessoa com conhecimento e habilidades acima da média com relação ao funcionamento interno dos sistemas e redes de informática. Alguns *hackers* agem em grupos e utilizam suas habilidades para invadir sistemas e disseminar vírus. Mas para estes alguns utilizam a denominação de *crackers* ou “*black hats*”, enquanto os *hackers* seriam especialistas em aprimorar *softwares*, também chamados de “*white hats*”. A fronteira exata entre esses grupos não é muito clara e é possível que eles sejam parte de uma subcultura mais ampla (CASTELLS, 2003). A forma de interpretar sua visão de mundo pode variar, mas, essencialmente, a ética *hacker* pode ser descrita da seguinte forma, segundo Himma (2007):

- A informação deve ser livre e acessível a todos;
- O acesso aos computadores deve ser ilimitado;
- Os computadores e a *internet* podem ser uma força para o aperfeiçoamento da humanidade;
- Autoridades (governos) não são confiáveis.

Nesse contexto e baseado em uma mentalidade *hacker*, contrária ao cerceamento de informações, é que um ataque promovido pelo grupo de *hackers* “*Anonymous*” tirou do ar os *sites* da *Recording Industry Association of America* (RIAA) e da *Motion Picture Association of America* (MPAA), entidades representativas das indústrias, respectivamente de música e cinema dos EUA. Esse ato foi uma retaliação ao que foi considerado como um cerco promovido pela indústria cinematográfica ao *Pirate Bay* e a outros *sites* que facilitam o compartilhamento de arquivos. A orquestração da ação ocorreu primeiramente de forma centralizada, em um fórum, mas logo a ideia se difundiu pela *internet*: a “*operation payback*” promoveu o uso de um *software* que pode ser baixado por qualquer pessoa e que faz com que o computador envie requisições de acesso contra um determinado *site*, considerado um alvo na ação. Quanto mais computadores dispararem contra um mesmo endereço, mais os servidores do alvo podem ser sobrecarregados, fazendo com que a página fique indisponível. Os organizadores dessa ação chegaram a colocar pôsteres eletrônicos em certos *sites*

para anunciar os alvos, em várias línguas, e para obter maior adesão e eficácia, já que, quanto mais computadores se aliam em uma ação desse tipo, maiores as chances de o alvo, no caso o servidor do *site*, ser derrubado, o que caracteriza o sucesso do DDoS.

Não muito tempo depois, a divulgação pelo *WikiLeaks* de despachos confidenciais da diplomacia americana causou constrangimento aos Estados Unidos. O fundador do *site*, o *hacker* Julian Assange, logo seria preso, sob acusação de estupro e assédio sexual na Suécia, em um caso ainda não totalmente esclarecido, conforme comentado anteriormente. Desta vez, o *Anonymous* lançou a “*Operation Avenge Assange*”. *Sites* de operadoras de cartão de crédito, como o *Visa* e o *MasterCard*, de pagamentos *online*, como o *Paypal*, um banco suíço e até o governo e a promotoria da Suécia foram atacados, em represália ao que o *Anonymous* considerou ser uma tentativa de cercear a liberdade na *internet* e à prisão de Assange, considerada como perseguição e ato político, o que será comentado na seção seguinte.

Novamente, os *hackers* possibilitaram que qualquer pessoa interessada em participar dos ataques pudesse fazê-lo. Esse caráter amador e anárquico, com a adesão de milhares de pessoas comuns, que não receberiam rótulo de "militantes" e menos ainda de "terroristas", fez com que observadores considerassem esses acontecimentos como uma espécie de guerrilha cibernética (DEBUSMANN, 2010). Stallman (2010) as considera como “protestos de massa”⁸ e Silveira (2011, p. 159) diz que “apesar de ilegal em vários países, a ação dos *Anonymous* pode ser vista como equivalente às greves que nasceram como prática ilegal, sendo depois reconhecidas como direito”.

Muitos outros ataques cibernéticos foram registradas nos meses seguintes, inclusive no Brasil, por meio do grupo *LulzSec*, que seria uma dissidência do *Anonymous*, contra *sites* do Governo Federal, Prefeitura de São Paulo, Petrobras, entre outros (BARBOSA, 2011; NOVAES, 2011; SAIBA, 2011). Operações conjuntas da polícia em diferentes países prenderam algumas pessoas, que seriam participantes desses grupos, incluindo um jovem de 16 anos (POLÍCIA, 2011).

Um desdobramento observável é o de que, se antes uma manifestação obrigava que seus participantes se deslocassem fisicamente, hoje uma

⁸ *Mass demonstration.*

cibermanifestação está à distância de um clique, que nem precisa mais ser de um *mouse*. Para Lévy

mesmo sem ser pirata ou *hacker*, é possível que alguém se deixe *seduzir* pelos dispositivos de informática. Há toda uma dimensão estética ou artística na concepção das máquinas ou dos programas, aquela que suscita o envolvimento emocional, estimula o desejo de explorar novos territórios existenciais e cognitivos, conecta o computador a movimentos culturais, revoltas, sonhos. (LÉVY, 1993, p. 57)

Um protesto virtual hoje tem implicações para a economia de um país e afeta seus cidadãos devido à gradual e marcante penetração da *internet* na vida das pessoas, que utilizam seus serviços, realizam compras, buscam soluções, aprendem novos valores, divulgam comportamentos (SOUZA; BRUM, 2009). Um paralelo pode ser feito com o hipertexto que, conforme Marcuschi (1999), não constitui inovação, por já estar inscrito na tradição ocidental: seu caráter de novidade estaria ligado à tecnologia. O mesmo pode ser dito acerca dos ataques que o grupo *Anonymous* realizou após a prisão de Julian Assange: ataques de negação de serviço ou de *hackers* a sistemas de modo geral não são fato novo no ambiente virtual, mas a maneira de convocar pessoas e a participação espontânea de amadores em uma ação qualquer.

O discurso e a atitude dos grupos de *hackers* geraram os termos “*hacktivistas*” e “*hacktivism*”, que foram usados por Manion e Goodrum (2007), que descreveram ataques de negação de serviço, provocando a paralisia de *sites* do *Yahoo*, *Amazon*, *eBay*, *CNN* e *Buy* no ano 2000 e ações contra *sites* do governo mexicano em 1998. Esses ataques estariam relacionados a protestos contra uma suposta “capitalização da internet” e indicariam uma “nova forma de desobediência civil”, segundo os autores. Descritos pela mídia americana como “vândalos”, “terroristas” e “sabotadores”, esses grupos podem ser percebidos como criminosos, já que invadem sistemas, roubam dados e podem vir a vendê-los para terroristas ou para o crime organizado (BARBOSA, 2011). Mas, em parte, os participantes desses grupos são simpatizantes da liberdade de informação e suas ações têm acontecido como forma de protesto contra o que entendem como uma violação dessa liberdade ou da privacidade das pessoas. Se forem analisados sob este prisma, podem ser classificados como “ativistas virtuais” e sua atitude como uma nova forma de ativismo eletrônico, ativismo cibernético, ativismo virtual, ativismo *online* ou ativismo *hacker* (MANION; GOODRUM, 2007). Algumas dessas ações podem ser

classificadas como perturbações menores, por causar atrasos em acessos e a “pichação” ou desfiguração (*deface*) de *sites*. Para uma análise específica sobre as raízes *hacktivistas* do *WikiLeaks* ver Ludlow (2010).

Ataques à infra-estrutura de um país, tais como a rede de energia elétrica, sistemas de transporte e de água, rede bancária e militar, todavia, podem causar danos consideráveis, se bem que outros atores, Estados, tem sido apontados como os verdadeiros responsáveis: relatório da empresa de segurança McAfee, publicado em agosto de 2011, desvelou uma série de ataques cibernéticos ocorridos em um período de 5 anos e indícios apontam para a China (ALPEROVITCH, 2011).

Outro paralelismo pode se estabelecer: o livro só se tornou uma mídia de massa quando seu tamanho e peso diminuíram significativamente, ao ponto de poder ser facilmente carregado e manuseado. Uma série de mudanças ocorridas foram sendo aos poucos empreendidas, aceitas e absorvidas culturalmente, de tal forma que nem são mais perceptíveis, tamanha sua abrangência e absorção (LÉVY, 1993). A popularização e distribuição de softwares permitem a usuários comuns realizar ações do tipo DDoS; no mesmo sentido, a popularização de *sites* de vazamentos de informações pode acarretar mudanças no ambiente da *internet*, tornando-o mais complexo e mais vigiado.

Com o advento de ferramentas dedicadas a possibilitar o vazamento de documentos sigilosos de empresas e de governos surgiu uma nova forma de contestação. Para Beas (2011, p. 6), dentre outros acontecimentos recentes, “o impacto dos vazamentos do *WikiLeaks* [...] parte de uma mesma tendência na qual o poder das redes começa a minar e sacudir as certezas políticas mais enraizadas”. Para Guesser (2007, p.80), “toda a ferramenta que permita potencializar ou facilitar o manuseio da informação representa um elemento importante no processo de controle e distribuição do poder”. Segundo Firmino (2011, p. 168), com os vazamentos feitos pelo *WikiLeaks*, “o Estado [...] expôs uma de suas maiores fragilidades atuais, uma paradoxal dificuldade em controlar o fluxo de informações na internet”. Para Friedman (2010a) os Estados Unidos estão ameaçados em sua hegemonia. O autor, que considera que os EUA são uma espécie de continuador do legado inglês, assumindo o papel de potência hegemônica mundial e tornando o mundo um lugar melhor para se viver, afirma que o País encontra-se em estado de ameaça pela ascensão da China e em função de “uma crescente coleção de indivíduos superpoderosos, como os *WikiLeakers*, entre outros”. Friedman

acrescenta, ainda, que o que “a globalização e a integração tecnológica fizeram é dar poder a indivíduos de uma forma tal que eles podem desafiar qualquer hierarquia“. O jornalista classifica como “anarquia” o fato de uma pessoa poder, hoje, sem nenhum propósito, divulgar pura e simplesmente documentos privados e confidenciais de governos. Castells (2010) coloca que “a ciberguerra começou. Não uma ciberguerra entre estados como se esperava, mas entre os estados e a sociedade civil internauta”⁹. Mas, conforme Demo (2010, p. 115) “nada é mais velho na sociedade que suas estruturas empedernidas de poder”, que reagirão à nova ameaça.

As tecnologias da informação e da comunicação passaram a afetar o mundo dos negócios, questionaram as barreiras que separam o público do privado e lançaram novos problemas na relação entre Estado e indivíduos. As maneiras de protestar também mudaram. O *WikiLeaks* insere-se neste quadro, razão por que é necessário descrevê-lo, o que será feito na seção a seguir.

⁹ *La ciberguerra ha empezado. No una ciberguerra entre estados como se esperaba, sino entre los estados y la sociedad civil internauta.*

4 BREVE HISTÓRIA DO WIKILEAKS

O *WikiLeaks* é uma organização sem fins lucrativos, com sede na Suécia, que se dedica à publicação de documentos vazados por fontes anônimas em empresas ou governos, criada pelo *hacker* Julian Assange. Após divulgar documentos sobre um banco Suíço, sobre a Igreja da Cientologia, sobre o desvio de dinheiro público por parte do governo do Quênia, entre outros, Assange publicou também, em 2010, um vídeo batizado de “*Collateral Murder*”, no qual soldados em um helicóptero do exército americano atiram contra um grupo de pessoas, matando ao todo 12, incluindo dois repórteres da agência de notícias *Reuters* e ferindo 2 crianças. Este vídeo chamou atenção internacional em função de sua repercussão e foi considerado o marco a partir do qual o *site* ficou de fato conhecido. No mesmo ano, milhares de arquivos dos Estados Unidos sobre a guerra do Afeganistão foram divulgados, incluindo informações sobre abuso contra prisioneiros. Em julho, foi a vez de divulgar cerca de 400 mil documentos sobre a guerra do Iraque, apresentando detalhes sobre mortes de civis (TAVERNISE; LEHREN, 2010). O conjunto desses vazamentos ficou conhecido como *war logs*, por se tratar dos relatórios de campo feitos por soldados em missões americanas nos referidos países.

Finalmente, em novembro, mais de 250 mil telegramas de embaixadas norte-americanas foram revelados, com descrições às vezes pouco amigáveis, outras vezes constrangedoras, sobre líderes políticos mundiais, como o primeiro-ministro russo Vladimir Putin, a chanceler alemã Ângela Merkel e o presidente da França Nicolas Sarkozy. Dentre os telegramas divulgados, constam informações sobre as reservas de petróleo da Arábia Saudita, que estariam superdimensionadas, o que tem consequências sobre um importante mercado como o de petróleo e incide sobre a economia global devido à possibilidade de oscilação dos preços. A corrupção na Rússia, que seria um estado mafioso, mereceu destaque, embora não tenha sido considerada uma novidade. O interesse do Irã em obter urânio na América Latina, em particular na Venezuela e na Bolívia, no contexto da pressão que os Estados Unidos e seus aliados tem colocado atualmente sobre Teerã, pode acrescentar complexidade a uma situação já complicada. A espionagem ordenada pela Secretária de Estado americana Hillary Clinton contra funcionários da ONU causou perplexidade. Por sua vez, o telegrama que veicula informações sobre o apoio do

governo chinês quanto a uma futura reunificação das Coreias, abandonando a Coreia do Norte, um tradicional aliado, tendo em vista a recente transição de poder após a morte de Kim Jong-il, pode levar ao crescimento das expectativas quanto a uma transição pacífica local. Por outro lado, o telegrama que discorre sobre a expansão do arsenal nuclear do Paquistão pode servir para aumentar a preocupação com a chance de armas de destruição em massa passarem às mãos de organizações terroristas (CARR, 2010; DOMSCHEIT-BERG, 2011; KELLER, 2011; KHATCHADOURIAN, 2010; LEIGH; HARDING, 2011; MANNE, 2011). Para Leigh e Harding (2011, p. 34), trata-se do “maior vazamento de segredos diplomáticos e militares na história norte-americana”.

Para realizar essa divulgação, foi necessário se juntar a outros veículos de informação, dado o montante de documentos que foram obtidos: os tradicionais *The Guardian*, *El País*, *The New York Times*, *Le Monde* e *Der Spiegel* reuniram-se com Assange e combinaram como fazer para tratar esses vazamentos, obtidos, tudo indica, com o soldado Bradley Manning, 23 anos, técnico de informática, que servia no Iraque e tinha acesso ao material sigiloso. Manning depois foi preso e pode ser condenado a até 52 anos de confinamento (AUGUSTO, 2010; DOMSCHEIT-BERG, 2011; LEIGH; HARDING, 2011; LESSA, 2011).

No final de abril de 2011, foram divulgados novos documentos, dessa vez, relacionados à prisão americana de Guantánamo, em Cuba, indicando que pelo menos 150 pessoas, que não tinham nenhuma relação com organizações terroristas, foram mantidas aprisionadas no local. Há também informações sobre procedimentos utilizados para a identificação de militantes, sobre a libertação de prisioneiros considerados de alto risco, sobre casos de suicídio e sobre planos da *Al-Qaeda* para empreender um atentado, nos mesmos moldes do efetivado em 11 de setembro de 2001, contra o aeroporto de Heathrow, em Londres (EICHENBERG, 2011).

As reações não tardaram. Políticos fizeram declarações, alguns inclusive demandando a pena de morte para os envolvidos, como será apresentado neste trabalho posteriormente. Empresas de cartão de crédito, de pagamentos *online* e de hospedagem na *internet* começaram a se afastar da polêmica; há indícios de que foi exercida pressão política para que o fizessem (BENKLER, 2011; SELAIMEN 2011). O governo dos Estados Unidos abriu investigação criminal e, judicialmente, solicitou informações de contas de *email*, de perfis no *Twitter* e de endereços de IP de

peças envolvidas com o *WikiLeaks*. Para isso, recorreu ao *Electronic Communications Privacy Act*, que permite que o governo obtenha, sem uma intimação judicial e com mandatos secretos, informações sobre *emails* e telefones celulares, o que está gerando controvérsias por se tratar de uma lei de 1986, anterior à *internet* comercial, portanto, considerada ultrapassada (ANGWIN, 2011; MARIN, 2011).

No final de agosto de 2011, o ex-colaborador do *WikiLeaks* Daniel Domscheit-Berg declarou que destruiu milhares de arquivos inéditos, supostamente sobre o *Bank of America*, com o objetivo de proteger as fontes. O ex-colaborador de Assange em seu livro chegou a criticar a capacidade do *WikiLeaks* de manter protegidas suas fontes (DOMSCHEIT-BERG, 2011; HOSENBALL, 2011).

Em agosto e setembro de 2011, os telegramas diplomáticos foram divulgados sem que se tomassem medidas para suprimir os nomes de fontes que forneceram informações a diplomatas americanos, inclusive pessoas marcadas com o aviso de “estritamente protegidas”. Primeiramente, a motivação para publicar esses documentos teria sido a falta de interesse da imprensa por publicar artigos com base no material. Com o desenrolar dos acontecimentos, porém, outras versões começaram a aparecer: um arquivo contendo os telegramas teria sido, por engano, colocado na *internet* e a senha para abri-lo estaria no livro “*WikiLeaks: a guerra de Julian Assange contra os segredos de Estado*”, dos repórteres do *The Guardian*, usado como base para consultas neste trabalho. Assim, o *WikiLeaks* teria decidido publicar todos os documentos de qualquer forma, já que eles já estariam disponíveis na *internet* (SHANE, 2011; STÖCKER, 2011). As informações são desconhecidas, mas a ironia é evidente: o *site* especializado em vazamentos teve seu próprio vazamento. Críticos apontaram para o evidente descuido em toda essa situação e diversos veículos de mídia reagiram, condenando o ocorrido (WARNER, 2011). O Procurador geral da Austrália, Robert McClelland, classificou essa nova leva de vazamentos como “extremamente irresponsável”¹⁰ por ter permitido a divulgação de nomes de australianos que teriam ligações com um ramo da *Al-Qaeda* e por ter possibilitado a identificação de um oficial da inteligência australiana (BALL, 2011a; ROURKE, 2011). O ex-porta-voz do Departamento de Estado norte-americano, Philip J. Crowley, disse que esses novos vazamentos têm “o potencial de criar risco

¹⁰ “The publication of any information that could compromise Australia's national security – or inhibit the ability of intelligence agencies to monitor potential threats – is incredibly irresponsible.”

adicional para aqueles indivíduos que falaram com diplomatas americanos [...] ferir nossos esforços diplomáticos e mais uma vez colocar carreiras em risco ¹¹ (VINOGRAD; LEE, 2011). Após essas novas revelações, o *WikiLeaks* divulgou, em sua conta no *Twitter*, que foi alvo de um ataque cibernético que tirou o *site* do ar (SIMAO, 2011; WHALEN, 2011). Um repórter na Etiópia teria sido obrigado a fugir do país após ter seu nome revelado em um telegrama (WIKILEAKS, 2011).

Em setembro de 2011, devido a problemas financeiros, o *WikiLeaks* começou a leiloar objetos no *eBay* com o objetivo de levantar fundos (GOODMAN, 2011b);

No final setembro, após assinar contrato para escrever sua autobiografia, Julian Assange rompeu contrato com a editora *Canongate*, que decidiu publicar o livro como biografia não-autorizada, contrariando desejo de Assange, que teria ficado receoso de que informações possam ser usadas contra ele pelo governo americano (ADDLEY, 2011; LEIGH, 2011);

Em outubro de 2011, Julian Assange declarou que o *WikiLeaks* não estaria mais aceitando o envio de documentos para se dedicar a levantar fundos, uma vez que a organização teria sido prejudicada pelo bloqueio de doações feito por instituições como o *Visa* e o *PayPal*. Ball (2011b) e Gillmor (2011), jornalistas do inglês *The Guardian*, denunciaram esse boicote contra o *WikiLeaks*, destacando aspectos contrários à liberdade de expressão, o caráter de ação extrajudicial, pressão governamental sobre empresas privadas e o temerário apoio de políticos à iniciativa.

Em novembro de 2011, a Alta Corte de Londres confirmou a extradição de Julian Assange para a Suécia, no contexto das acusações de estupro e assédio sexual. Ainda cabe apelação à Suprema Corte britânica. Os advogados de Assange temem que, uma vez na Suécia, seu cliente seja levado para os Estados Unidos, onde seria julgado pelo vazamento de informações confidenciais realizado pelo *WikiLeaks* (DUARTE, 2011c).

Em dezembro de 2011, o *WikiLeaks* publicou os “*Spy Files*” ¹², um banco de dados sobre empresas de inteligência que estariam ligadas à prática de interceptação de chamadas telefônicas, vigilância *online* e filtragem de informações nas redes sociais (SALIM, 2011).

¹¹ “It does have the potential to create further risk for those individuals who have talked to U.S. diplomats. It has the potential to hurt our diplomatic efforts and it once again puts careers at risk.”

¹² <<http://www.spyfiles.org>>

Julian Assange declarou que a “geopolítica será separada em fase pré e pós-cablegate”¹³ (FRIEDMAN, 2010b), como ficou conhecido depois o primeiro conjunto de vazamentos de telegramas (*cables*) diplomáticos americanos. Cabe destacar algumas das repercussões relacionadas ao *WikiLeaks* até o momento:

- A CIA teria criado uma força-tarefa para lidar com os vazamentos (CIA, 2010);
- O *WikiLeaks* foi indicado ao prêmio Nobel 2011 (LISTA, 2011);
- O ex-líder líbio Muammar Kadafi, em um pronunciamento, culpou o *WikiLeaks* pela queda de seu aliado na Tunísia, Zine al-Abidine Ben Ali (WEAVER, 2011);
- O Primeiro-ministro indiano precisou dar explicações depois que telegramas diplomáticos divulgados descreviam casos de corrupção (INDIAN, 2011);
- Devido ao perigo representado pela divulgação de informações sigilosas, diversas pessoas, como ativistas, jornalistas e funcionários de governo foram realocadas (QUINN; COONEY, 2011);
- O porta-voz do Departamento de Estado norte-americano, Philip J. Crowley, pediu demissão depois de criticar o Pentágono devido às condições de detenção do soldado Bradley Manning (MURTA, 2011; YOUNG, 2011);
- O embaixador dos Estados Unidos no México renunciou devido à revelação de documentos nos quais ele dizia duvidar da capacidade do governo mexicano em combater o narcotráfico (OLSON, 2011);
- A embaixadora dos EUA no Equador foi expulsa devido a vazamento de documento contendo afirmação de que a polícia no país é corrupta, o que seria de conhecimento do presidente (EMBAIXADORA, 2011; EQUADOR, 2011);
- O embaixador americano na Líbia foi retirado devido a declarações sobre uma acompanhante do então líder Muammar Kadafi (LEIGH; HARDING, 2011);
- Críticas ao presidente do Turcomenistão fizeram com que a embaixadora dos Estados Unidos naquele país fosse transferida (LEIGH; HARDING, 2011);
- É provável que um dos fatores que levaram às manifestações na Tunísia, que seria o primeiro dos países do norte da África a ser impactado pela chamada Primavera Árabe, tenha relação com informações veiculadas sobre corrupção

¹³ “Geopolitics will be separated into pre- and post-cablegate phases”.

por parte do governo, o que faria desta a “primeira revolução do WikiLeaks” (LEIGH; HARDING, 2011, p. 228, 247);

- O relator especial da ONU sobre tortura emitiu advertência, usada contra regimes autoritários, aos Estados Unidos, por não ter conseguido visitar e verificar as condições de aprisionamento do soldado Bradley Manning (VAZADOR, 2011);
- Um diretor da rede de tv do Qatar *Al Jazeera* teria sido substituído após a divulgação de um telegrama americano pelo *WikiLeaks* indicando que o diretor havia modificado a cobertura da emissora da rede da guerra do Iraque em resposta à pressão dos Estados Unidos (KIRKPATRICK, 2011).
- *Al Jazeera* criou um serviço dedicado ao recebimento de documentos nos mesmos moldes do *WikiLeaks* e o chamou de “Unidade de Transparência” (*Transparency Unit*) seu *site* ¹⁴;
- O jornal brasileiro Folha de São Paulo criou o *Folhaleaks* para receber informações anônimas ¹⁵;
- O jornal *The Wall Street Journal* criou o *site Safe House* para o envio de documentos sigilosos ¹⁶
- O *Balkan Leaks* ¹⁷ afirma se inspirar no *WikiLeaks* e se dedicar a promover a transparência e a combater a corrupção na região dos Bálcãs;
- O *Brussels Leaks* ¹⁸ tem como alvo a União Europeia;
- O *Indo Leaks* ¹⁹, a Indonésia;
- O *RuLeaks* ²⁰, a Rússia;
- O *Trade Leaks* ²¹ pretende fazer no comércio o que o *WikiLeaks* fez na política;
- O *Openleaks* ²² é uma espécie de dissidente criado por ex-colaboradores de Assange;
- O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, em outubro de 2011, determinou uma revisão nos procedimentos de acesso a informações pelas

¹⁴ <<http://transparency.aljazeera.net>>

¹⁵ <<http://folhaleaks.folha.com.br>>

¹⁶ <<https://www.wsjsafehouse.com>>

¹⁷ <<https://www.balkanleaks.eu>>

¹⁸ <<https://brusselsleaks.com>>

¹⁹ <<http://www.indoleaks.org>>

²⁰ <<http://ruleaks.net>>

²¹ <<http://www.tradeleaks.com>>

²² <<http://www.openleaks.com>>

agências de segurança americanas, com o objetivo de evitar futuros vazamentos (DILANIAN, 2011; SCHMITT, 2011);

Diante das ocorrências associadas e do debate que se seguiu, é possível questionar se o advento de uma ferramenta especializada no vazamento de documentos sigilosos seria o início dos limites da *internet*. Após atingir certo grau de maturidade e se embrenhar em diferentes aspectos da sociedade, a possibilidade de usar a *world wide web* como uma ferramenta de denúncia e de divulgação de documentos de empresas e governos pode torná-la por demais instável e perigosa para continuar seguindo do jeito que está. Para Castells (2010) “o que está em questão é o controle dos governos sobre seus próprios vazamentos e sobre sua difusão por meios alternativos que escapam à censura direta ou indireta”²³. Somando-se a isso, o problema da pirataria, dos *downloads* ilegais e da capacidade de facilitar as comunicações entre grupos militantes ou insurgentes pode ser um indicativo de que se esteja, afinal, indo longe demais.

Outro aspecto importante diz respeito ao mal-estar gerado no governo dos EUA quando suas comunicações internas foram expostas. Aparentemente, não poderia ser de outro jeito, mas, quando declarou sua indignação com a situação e classificou de espionagem o que pode ser considerado como papel natural de um jornalista – cabe lembrar que o vazamento dos documentos diplomáticos foi feito em conjunto com diversos outros jornais – o governo americano acabou por proporcionar discussões sobre liberdade de expressão e sobre o que pode ser rotulado como de “interesse nacional” e quais os limites para isso.

A erosão do controle por parte do Estado é um aspecto a se considerar na análise das novas tecnologias de informação e comunicação. Conforme comenta BEAS (2011, p. 6), “a rede e uma capacidade nunca antes vista de organização dotaram o cidadão de uma nova e magnífica ferramenta que necessariamente subtrai poder ao Estado”. Para o historiador Eric Hobsbawn (2009, p. 37), “os cidadãos estão menos dispostos do que antes a obedecer às leis do Estado” e com os novos meios existentes, baratos e de fácil acesso, têm produzido formas inéditas de contestação e de divulgação de suas reivindicações. Lucena (2010), em artigo cujo título é “*WikiLeaks* mostra furos da democracia”, comenta: “a reação de

²³ “Lo que se plantea es el control de gobiernos sobre sus propias filtraciones y sobre su difusión por medios alternativos que escapan a la censura directa o indirecta”.

governos e corporações ao episódio talvez seja mais reveladora de sua política pouco avessa à transparência e às agruras da democracia do que os próprios despachos publicados”. Magnoli (2010) parece concordar ao afirmar que “os inimigos da liberdade de imprensa torcem pelo esmagamento do *WikiLeaks* por uma ofensiva ilegal de Washington”. Ackerman e Benkler (2011) também o atestam. Talvez aqui resida o maior desafio imposto pelo surgimento de *sites* dedicados a vazamentos de segredos: como conciliar a segurança das informações com o interesse público sobre o que seus governantes estão fazendo, afinal, em seu nome.

Há interesses demais envolvidos pela rede mundial de computadores e algumas coisas não podem simplesmente ser contestadas sem suscitar reações. Talvez um cerco dissimulado, legal, que evoque o espectro da segurança nacional, tantas vezes usado para justificar o cerceamento da liberdade, mas que não cause impactos aos negócios, seja uma hipótese mais real: Castells (2003) relata a tentativa de cercear a liberdade na *internet* por parte do governo americano de Bill Clinton por meio do *Communications Decency Act*, sob pretextos de combater crimes sexuais. Sodré (2008, p. 15) disserta sobre o desenvolvimento das novas formas de comunicação na rede, com a ampliação da dinâmica de negócios global, mas pontua que “nem sempre se enfatiza que está primeiramente em jogo um novo tipo de poder sobre o indivíduo”, como no caso do sistema “*Echelon*” (CAMPBELL, 1988; ASSER, 2000). É esclarecedor consultar artigo de Gallagher (2011), no qual o autor discorre sobre métodos de vigilância inovadores que surgiram em uma espécie de conluio entre empresas e governos interessados em espionar seus próprios cidadãos (ver o *site* “*Spy Files*” do *WikiLeaks*, comentado anteriormente). Recentemente, Steve Jobs, da *Apple*, falecido em 2011, foi forçado a vir a público para dar esclarecimentos sobre a denúncia de que seu *iPhone* registra a localização de seus usuários. Algum tempo depois, foi noticiado que milhares de sul coreanos resolveram processar a *Apple*, por entenderem que sua privacidade foi comprometida devido à coleta de dados de localização de usuários pelo *iPhone*, mesmo quando serviços de localização, como o GPS, estavam desligados. O mesmo problema foi levantado com relação ao sistema *Android*, do *Google*, que é a empresa privada que possui a maior infraestrutura de computadores do mundo. (DORIA, 2011b; VISE; MALSEED, 2007; MILHARES, 2011). É razoável perguntar, então, quem são as pessoas responsáveis por esses sistemas e quem tem acesso a esse tipo de dado nessas empresas. Cabe questionar ainda se os governos podem

vir a ter em suas mãos acesso a tais recursos e assim adquirir a capacidade, como nunca antes, de localizar e controlar seus cidadãos.

Com relação à prática da Diplomacia Internacional, ninguém deve se surpreender que um país se comporte de uma maneira em público e, nos bastidores, se comporte de outra maneira. Spektor (2011) tece considerações a respeito e cita as delicadas negociações entre israelenses e palestinos como exemplo. É válido ressaltar que, quando dois governantes falam, seu discurso é o produto de inúmeras negociações e entendimentos confidenciais, mesmo em regimes que supostamente são mais transparentes, como as sociedades democráticas (LAFER, 2010). O embaixador americano no Brasil desde fevereiro de 2010, Shannon (2010, p. 24) afirma que “a diplomacia não difere de outras relações humanas nas quais ninguém diz em público tudo o que se discute em ambiente privado”. Políticos sabem que esta é a forma como o jogo é jogado e, em relações de países com problemas reais, não deve ser permitido que o que se passa às portas fechadas interrompa negociações e contratos com valores muito elevados. Ademais, a idéia de que *WikiLeaks* pode vir a prejudicar as relações diplomáticas entre os Estados Unidos e o resto do mundo supõe que os demais países conduzem sua diplomacia de forma diferente, mais "honestas", o que não deve ser o caso. Supõe ainda que seus governantes não temem que sua maneira própria de lidar com outras nações possa um dia vir a público, o que certamente não procede. Keller (2011) relata que as conversas de líderes estrangeiros com diplomatas americanos continuaram a ocorrer normalmente, mesmos após o jornal *The New York Times* começar a publicar as primeiras histórias relacionadas ao *cablegate*. O secretário de Defesa americano chegou a comentar que as consequências para a política externa dos Estados Unidos foram “bastante modestas”, apesar de constrangedoras²⁴ (BENKLER, 2011), seguindo de perto o Ministro do Interior alemão, que afirmou que que o *WikiLeaks* é “irritante e importuno para a Alemanha, mas não uma ameaça”²⁵ (MAIZIÈRE, 2010).

Assim, é razoável concluir que a diplomacia internacional não foi propriamente abalada. Diplomatas devem, no entanto, ser mais cautelosos, ainda que não se espere novidades em sua forma de atuar, que consiste precipuamente

²⁴ “*Is this embarrassing? Yes. Is it awkward? Yes. Consequences for U.S. foreign policy? I think fairly modest.*”

²⁵ “*WikiLeaks is irritating and annoying for Germany, but not a threat.*”

em trocar informações e ajudar seu governo de origem a compreender melhor outros países, evitando mal-entendidos, e, como consequência, conflitos.

Outro aspecto que pode ser considerado diz respeito à circulação de informações: os procedimentos de acesso a grandes bases de dados devem ser amplamente revistos pelas agências de segurança americanas. Disso decorre menos circulação de informações entre órgãos de inteligência, como o FBI e a CIA, como ocorria antes dos atentados de 11 de setembro de 2001. Uma das recomendações do grupo que investigou a tragédia, a Comissão Nacional sobre os Ataques Terroristas contra os Estados Unidos ²⁶, que produziu o *9/11 Commission Report* ²⁷, foi uma divulgação muito mais ampla de informações entre essas agências para que seus analistas pudessem chegar a avaliações mais precisas, o que pode ter feito com que muitas pessoas tivessem acesso a muita informação sem uma necessidade específica (FUND, 2010; STEWART, 2010).

Em última análise, o acesso a informações sensíveis pode ser reconhecido como o grande problema em todo o imbróglio envolvendo a provável fonte dos vazamentos do *WikiLeaks*, o soldado Bradley Manning, que, afinal, não deveria ter tido acesso tão facilmente a tantas informações. Com isso concordam Leigh e Harding (2011, p. 22) quando afirmam que o governo americano deveria se perguntar como “pode ter permitido que considerações privadas de reis, presidente e dissidentes fossem lidas tão facilmente por quem quer que tenha decidido passá-las ao *WikiLeaks*”. Definitivamente, é preciso entender que, na era digital, é mais difícil guardar segredos (LAFER, 2010). Seria praticamente impossível vazar os cerca de 250 mil telegramas em papel (PETRY, 2010).

Uma comparação pode ser feita com o *site Cryptome* ²⁸, que foi criado antes do *WikiLeaks*, e que se dedica também a veicular documentos sigilosos e chegou a divulgar uma lista com nomes de agentes do MI6, o serviço secreto britânico. Por algum motivo, apesar de terem divulgado milhares de arquivos, o *site* e seus idealizadores não conseguiram obter o mesmo impacto, nem geraram as mesmas reações. O destaque dado ao *site* e à pessoa de Julian Assange pode ter sido devido à sua atitude e à projeção de sua imagem. Também a quantidade de documentos que obteve e sua natureza, além da forma como foram divulgados, com

²⁶ *The National Commission on Terrorist Attacks Upon the United States.*

²⁷ <<http://www.9-11commission.gov/report/911Report.pdf>>

²⁸ <<http://cryptome.org/>>

colaboração da imprensa tradicional, pode ter tido influência em sua rápida ascensão. Há de se considerar que o mesmo ocorreu com o *Facebook*: sites de relacionamentos e redes sociais já existiam, como o *Friendster*, mas acabaram sendo superados, por diversos motivos, como a existência de novos aplicativos e uma disseminação viral que depois concretizou uma migração de usuários de uma rede para outra (MEZRICH, 2010).

A partir da percepção de que formas de controle da *internet* não surtirão o efeito desejado e acabarão por se provarem ineficazes, tema abordado anteriormente, pode-se chegar à conclusão de que formas de cercear o poder, a princípio, deveriam ser bem vindas pelos cidadãos, levando em conta, simplesmente, sua privacidade. Mas, questões relacionadas à segurança, seja contra um ataque terrorista, seja contra a violência urbana do dia a dia, tendem a fazer com que seja rejeitada uma tentativa de conter a vigilância, que é entendida como uma forma de proteção diante do quadro de violência que se apresenta no cotidiano. É razoável supor que seria um empreendimento simples elencar crimes resolvidos devido ao uso de monitoramento por câmeras, para citar apenas uma forma de vigilância comum atualmente. É possível que a dificuldade estaria em decidir como fazer um recorte em uma pesquisa que intentasse demonstrar a eficácia desse método, tendo em vista a quantidade de casos que seriam encontrados.

O *WikiLeaks* também suscita questionamentos e críticas à imprensa, que incluem denúncias sobre uma possível irrelevância dos veículos tradicionais, que seriam apenas caixas de ressonância de interesses particulares e de ideologias de um lado ou do outro do espectro. Perda de objetividade e de credibilidade, busca por lucro e estagnação, além de acusações envolvendo tanto a elitização quanto a banalização de conteúdos são apontados como problemas, somados à crescente concorrência com a *internet* e seus muitos blogs e *sites* com informações gratuitas. Para Leigh e Harding (2011, p. 21) “o desafio que o *WikiLeaks* representou para os veículos de comunicação de modo geral (sem falar nos Estados, empresas ou corporações globais sujeitos ao escrutínio indesejado) não era confortável”. Correa (2011), Christofolletti; Oliveira (2011) e Melo (2011) tecem considerações relacionadas exatamente à interseção entre o *WikiLeaks* e o jornalismo, discutindo questões sobre ética, política, o surgimento das novas mídias digitais, liberdade de expressão, entre outros assuntos correlatos.

Finalmente, o episódio do “vazamento dentro do vazamento”, quando os telegramas diplomáticos americanos foram divulgados e os nomes de informantes ficaram a descoberto, pode marcar o fim do *WikiLeaks* e de Julian Assange. Primeiro, devido à ineficácia da organização em manter seguros os arquivos que para ela foram, são ou podem vir a ser enviados. Segundo, porque a opinião pública pode se voltar contra Assange, cuja imagem pode sofrer um desgaste se pessoas tiverem suas vidas ameaçadas por terem confiado e conversado com diplomatas americanos. Também a arrogância e o temperamento difícil, descritos por seus ex-colaboradores, pode vir a surtir um efeito negativo.

Para os propósitos da dissertação, é relevante contextualizar o trabalho e conhecer um pouco sobre a história do *WikiLeaks*, entender a proposta da organização e analisar algumas das consequências de suas ações, que envolvem atores internacionais e assuntos como diplomacia e a relação entre Estado e cidadãos. Na seção seguinte será apresentada a metodologia empregada para fazer o levantamento dos dados que constituíram a amostra deste estudo.

5 EM BUSCA DE UM ENQUADRAMENTO PARA JULIAN ASSANGE E O WIKILEAKS

As ações de Julian Assange e de seu *site*, o *WikiLeaks*, suscitaram comentários diversos e tomadas de posição, contra e a favor, por parte de congressistas como Peter King, Pete Hoekstra, Mike Rogers, Nwet Gingrich, Candice Miller e também da ex-governadora do Alasca, Sarah Pallin, do vice-presidente dos Estados Unidos Joe Biden, da Secretária de Estado americana Hillary Clinton, além de ministros, comentaristas políticos, jornalistas, observadores, articulistas. Abaixo, seguem considerações de cunho metodológico de modo a explicitar a formação de um *corpus* algo heterogêneo, visto que não foi possível dispor de um único banco de dados com todas as declarações de políticos e analistas aqui arroladas.

5.1 Procedimentos metodológicos

O *corpus* deste trabalho foi formado a partir da percepção de que expressões utilizadas para descrever Assange e o *WikiLeaks* sugerem enquadramentos (*frames*) específicos, conforme será mostrado adiante. Ao perceber que políticos condenavam, muitas vezes de modo enfático, e comentaristas e jornalistas procuraram dar outro enfoque, inclusive com a utilização de termos e figuras de linguagem diversas, ao vazamento e à publicação de documentos sigilosos americanos, empreendemos esforço para identificar as vozes envolvidas e os conceitos sugeridos em publicações diversas, começando pelos livros lançados no Brasil, em português, sobre Julian Assange e o *WikiLeaks* e avançando para a procura *online* de declarações de políticos e autoridades governamentais.

Pela própria dinâmica da rede mundial de computadores, uma vez que se encontravam artigos relacionados a novos vazamentos feitos pelo *WikiLeaks*, outros caminhos para matérias semelhantes com novas opiniões e novas declarações eram encontrados. Note-se que um fenômeno que se replica em padrões semelhantes é passível de estudo científico, dado que é sistemático, portanto, previsível. Esta pesquisa, então, não busca analisar processos casuais ou fortuitos.

Um problema metodológico que deve ser declarado é o de este trabalho estar lidando com acontecimentos enquanto eles ainda não se consolidaram. Por

exemplo, desde que esta pesquisa começou, o *WikiLeaks* publicou diversos conjuntos de informações (as guerras do Iraque e Afeganistão, os telegramas diplomáticos, a prisão de Guantánamo, os “*Spy Files*”) com as repercussões sendo analisadas por observadores e descritas por jornalistas e articulistas. Todos os comentários e as suposições feitas são recentes e, por isso mesmo, sem o distanciamento necessário para abarcar e até compreender o alcance dessa nova forma de poder, que se vale do ambiente digital para conseguir e difundir conteúdos que muitas vezes não interessam a governos e empresas que sejam de conhecimento público. Assim, é necessário destacar que, por força de sua atuação, esses comentadores e analistas estão condicionados pela dinâmica do momento atual, que envolve as redações dos jornais onde trabalham, com sua linha editorial, e descrevem os acontecimentos enquanto ainda não se cristalizaram historicamente, nem no âmbito da opinião pública. Esses profissionais registram impressões de momento, que podem ser provadas como falsas e, por fim, abandonadas, mas que, evidenciadas em discursos, declarações ou entrevistas, servem como amostragem de referência para desenvolver um trabalho como este. Hoje, é possível olhar para a época em que foram publicados os Papéis do Pentágono e concluir que pouca coisa mudou desde então. Ou chegar à conclusão que o vazamento feito por Daniel Ellsberg ajudou a apressar a retirada americana do Vietnã e alimentou protestos pelo fim da guerra. Seja qual for a análise feita nos dias atuais com relação a acontecimentos de 40 anos atrás, uma vantagem fica evidente quando comparada a algo que ainda está em desenvolvimento: o distanciamento dos acontecimentos.

Devido à novidade do assunto, são poucos os textos teóricos disponíveis até o momento sobre o *WikiLeaks* e sobre o advento de *sites* dedicados ao vazamento de documentos sigilosos. Por esse motivo, além de diversos livros, este trabalho inclui o material da grande imprensa. Percebe-se que o volume de reportagens aumenta consideravelmente quando novos vazamentos são divulgados pelo *WikiLeaks* ou quando seu criador, Julian Assange, se envolve em mais alguma polêmica. O número de artigos jornalísticos de opinião é menor do que as reportagens, mas constitui recorte expressivo e de fácil acesso *online*.

Com relação à quantidade de material para pesquisa, note-se que uma busca simples pelo termo *WikiLeaks* na página principal do *site* do jornal O Estado de São

Paulo ²⁹ obteve um total de 1183 ocorrências, em 11 de agosto de 2011. Em 11 de novembro do mesmo ano, nova pesquisa foi feita, com o mesmo termo, desta vez com um total de 1294 ocorrências. Devido ao grande volume de notícias encontradas, foi necessário tomar o livro de Leigh e Harding (2011) como um extrato do que se evidenciou em artigos e matérias disponíveis na imprensa. Os autores estiveram próximos aos acontecimentos envolvendo o *WikiLeaks* e Julian Assange, participando inclusive do esforço para a publicação dos chamados *warlogs*. Apesar de terem surgido desavenças posteriormente, sua obra demonstra a intenção de ser imparcial, apresentando informações corroboradas em outros perfis e livros publicados (DOMSCHEIT-BERG, 2011; GUICHAOUA; RADERMECKER, 2011; KELLER, 2011; KHATCHADOURIAN, 2010; MANNE, 2011).

Deve-se salientar que os documentos não estão sendo controlados do ponto de vista dos gêneros discursivos, nos termos de Swales (1990).

A identificação das metáforas se deu de forma manual, a partir do reconhecimento e destaque em cada texto dos termos metafóricos que apresentem relação com espaço mental de crime, terror ou traição, que foram percebidos como sendo a ênfase que políticos americanos procuraram definir a organização *WikiLeaks* e terrorista, criminoso ou traidor a seu fundador, Julian Assange. As declarações de jornalistas, analistas políticos e comentaristas, que procuraram ser mais equilibrados e isentos e recorreram a outros termos para classificar ambos, tem uma categorização mais ampla e menos linear e sugere que a tendência do discurso dos políticos americanos é contextualizada pela resposta aos atentados de 11 de setembro de 2001, a subsequente guerra ao terror, em duas grandes frentes, no Afeganistão e no Iraque, exatamente os lugares enfocados em parte dos documentos vazados.

Quanto ao período abarcado, os textos compreendem o período histórico que corresponde à publicação do vídeo *Collateral Murder*, publicado pelo *WikiLeaks* em 5 de abril de 2010 e a publicação, sem edição, dos telegramas diplomáticos, em 29 de agosto de 2011.

Sempre que determinada declaração foi encontrada no seu original em língua inglesa, foi feita a tradução para a língua portuguesa, sempre com o original transcrito em nota de rodapé;

²⁹ <<http://www.estadao.com.br>>

Foram encontradas e destacadas 39 ocorrências, entre expressões e frases que indicam a intenção dos falantes de qualificar ou enfatizar aspectos relacionados a Julian Assange ou ao *WikiLeaks*.

5.2 Análise

As declarações abaixo, objeto da presente análise, configuram estratégias de construção discursiva que procuram persuadir o ouvinte a não tomar parte em empreendimento semelhante e a marcar a ferramenta de vazamento de documentos sigilosos e seu criador e principal expoente, como “terroristas”, “criminosos” e “inimigos”. Os destaques são de nossa autoria, salvo indicação em contrário.

Tome-se o texto (1) abaixo, que reproduz um trecho de uma declaração do republicano Peter King, conforme Leigh e Harding (2011, p. 203).

- (1) “Peter King falou em ‘traição’ e sugeriu que o WikiLeaks fosse designado como ‘uma **organização terrorista estrangeira**’.

Conforme O’Brien (2010), a fala do congressista republicano se deu da seguinte forma:

- (2) ‘Estou pedindo ao procurador-geral e apoiando seus esforços para processar o WikiLeaks e seu fundador por violar a Lei de Espionagem. E eu também estou convidando a secretária de Estado Hillary Clinton para declarar o WikiLeaks como uma **organização terrorista estrangeira**’³⁰,

Observe-se o trecho em (3) que reproduz a fala do republicano Nwet Gingrich, político que atualmente disputa a indicação do Partido Republicano para concorrer à presidência dos Estados Unidos em 2012:

³⁰ *‘I am calling on the attorney general and supporting his efforts to fully prosecute WikiLeaks and its founder for violating the Espionage Act. And I’m also calling on Secretary of State Hillary Clinton to declare WikiLeaks a foreign terrorist organization’.*

- (3) “[Assange] está envolvido com **terrorismo**... ele deve ser tratado como um **combatente inimigo**, e WikiLeaks tem que ser fechado permanente e decisivamente”³¹ (GOODMAN, 2011a).

A representação mental que se constrói a partir das falas apresentadas nos três exemplos acima vincula o *WikiLeaks* e Julian Assange ao terrorismo e à ideia de que eles estão de um lado em uma guerra. Esse cenário de guerra, com seus heróis, vilões e monstros é recorrente nas “vozes” que não desejam que os documentos sejam vazados e depois divulgados. É possível que, utilizando-se de palavras e conceitos em lugar de outros, esteja sendo sugerido um curso de ação. O mesmo ocorre na fala de Rick Santorum, ex-senador da Pensilvânia, conforme Grier (2010):

- (4) “o que ele [Assange] está fazendo é **terrorismo**, na minha opinião”³²

Note-se, mais uma vez, que ao aplicar o termo “terrorismo” para o vazamento de documentos, sugere-se um enquadramento específico.

O Ministro Italiano das Relações Exteriores, Franco Frattini, disse que os vazamentos são o

- (5) “**11 de setembro** da diplomacia”³³ (KENNEDY, 2010; LEIGH; HARDING, 2011, p. 201);

Ao aludir aos ataques terroristas de 11 de setembro, o político italiano evoca toda uma série de imagens e um rótulo a partir do qual a atitude de Assange e do *WikiLeaks* podem ser interpretados.

³¹ “*Julian Assange is engaged in terrorism... He should be treated as an enemy combatant, and WikiLeaks should be closed down permanently and decisively.*”

³² “*We haven’t gone after this guy, we haven’t tried to prosecute him, we haven’t gotten our allies to go out and lock this guy up and bring him up on terrorism charges,*” said Santorum of Assange. “*What he’s doing is terrorism in my opinion.*”

³³ “*the 9/11 of world diplomacy.*”

Os trechos a seguir demonstram a recorrência do conceito de terrorismo e do inimigo que tem que ser combatido. Em (6) a Congressista Republicana Candice Miller afirma, conforme Liu (2011)

- (6) “a última divulgação de segredos americanos roubados pelo WikiLeaks mais uma vez prova que eles são uma **operação terrorista** que coloca a vida de americanos e de nossos aliados em risco”³⁴.

O General Michael V. Hayden (2010), que foi diretor da CIA de 2006 a 2009 e diretor da Agência Nacional de Segurança americana, afirmou que os vazamentos são

- (7) “**um equivalente moral e cibernético da captura de um HD da Al Qaida**”³⁵

A ex-governadora do Alasca, Sarah Pallin, questiona

- (8) “**Porque ele não está sendo perseguido com a mesma urgência com que perseguimos a Al-Qaida e os líderes do Talibã?**”³⁶ (GRIER, 2010; HUNT, 2010; LEIGH; HARDING, 2011; SIDDIQUE; WEAVER, 2010).

O comentarista político Marc A. Thiessen (2010) afirmou que as ações do *WikiLeaks*

- (9) “constituem **material de apoio ao terrorismo**”³⁷

³⁴ “The latest release of stolen American secrets by the organization WikiLeaks once again proves that they are a terrorist operation that puts the lives of Americans and our allies at risk.”

³⁵ “This data dump is the moral and cyber equivalent of capturing an al Qaeda hard drive, a treasure trove of historical knowledge that enlightens and informs current operations.”

³⁶ “Why was he not pursued with the same urgency we pursue Al Qaeda and Taliban leaders?”

³⁷ “These actions [...] arguably constitute material support for terrorism.”

O senador republicano Mitch McConnell declarou, em entrevista ao programa *Meet the press* da rede de televisão americana NBC, conforme (10)

(10) "Acho que esse homem é um **terrorista high tech**. Ele causou um enorme dano ao nosso país" ³⁸ (MEET, 2010).

O vice-presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, utilizou a mesma expressão

(11) "**terrorista high-tech**" ³⁹ (MACASKILL, 2010; BENKLER, 2011)

Kathleen McFarland, que trabalhou no Pentágono durante os governos de Richard Nixon, Gerald Ford e Ronald Reagan, comentou acerca de Assange, conforme Collins (2010):

(12) "Ele está empreendendo uma **ciberguerra** contra os Estados Unidos e a ordem mundial. Senhor Assange e seus amigos hackers são **terroristas e devem ser processados como tais**" ⁴⁰

Claramente, um quadro mental emerge das declarações acima. O modelo conceitual sugerido é baseado na evidência de que políticos americanos, aparentemente de maneira unânime, condenam o vazamento, evocando a segurança nacional, a preocupação com o prejuízo de fontes de informação e utilizando principalmente os rótulos de "terrorista" e de "organização terrorista" para Assange e o *WikiLeaks*. Se metáforas são formas de agregar informações (SARDINHA, 2007), uma frase como "Julian Assange, dono do WikiLeaks, é um terrorista", traz à mente do ouvinte sentidos como: "Julian Assange é um inimigo", "Julian Assange nos odeia", "Julian Assange quer nos destruir", "Julian Assange nos atacou", "Julian Assange deve ser impedido de fazer o que faz", "Julian Assange merece uma resposta", "Cooperar com Julian Assange é cooperar com o inimigo",

³⁸ "I think the man is a high-tech terrorist. He's done an enormous damage to our country"

³⁹ "I would argue it is closer to being a hi-tech terrorist than the Pentagon papers".

⁴⁰ "He's waging cyberwar on the United States and the global world order. Mr. Assange and his fellow hackers are terrorists and should be prosecuted as such".

entre outros, cuja ideia subjacente é algo como “morto o homem, resolvido o problema” (RATO, 2011, p. 14), que, na citação, refere-se à eliminação de Osama Bin Laden.

A estratégia empregada pode, portanto, funcionar como apoio a políticas de governo e de estado contrárias a uma aceitação pela sociedade de uma prática de denúncias, agora que ferramentas para tanto estão disponíveis na *internet*.

Note-se que Assange não é um terrorista: em inglês, a palavra *whistleblower*, que em português pode ser traduzida por “denunciante”, “delator” ou mesmo “dedo-duro” é geralmente empregada para qualificá-lo, assim como a outros ativistas do gênero. A palavra *muckracker* (STROM, 2010) que pode ser traduzida como “alguém que divulga um escândalo” também não tem paralelo exato em português. Todavia, Assange e o *WikiLeaks* não desfrutam, a princípio, dos mesmos privilégios que seus parceiros que divulgaram os arquivos sobre as guerras no Afeganistão e no Iraque e os telegramas diplomáticos. É digno de nota que, em nenhum momento nas pesquisas que foram realizadas, esses veículos de informação aparecem com os mesmos epítetos empregados para qualificar o *WikiLeaks*.

Trata-se de um problema, no final, de classificação: se for entendido como terrorista, Assange deve ser caçado, preso ou morto, como outros terroristas já o são. Se o *WikiLeaks* é uma ameaça ou uma organização fora da lei, deve ser fechado, suas operações encerradas, seus recursos exauridos, seus servidores apreendidos. A possibilidade de que uma tal ferramenta seja conceitualmente aceita da mesma forma que empresas tradicionais de comunicação não é aventada. Em verdade, trata-se de uma ameaça, conforme Demo (2010).

Augusto (2010) lança o seguinte questionamento diante do quadro acima descrito: “quando vão prender os editores do Times, do Guardian, do El País, do Le Monde e da Der Spiegel? E, firmada a jurisprudência, quando vão prender Bob Woodward pelos vazamentos contidos em seus best-sellers?”. Há indicações de que a Suprema Corte americana ainda mantém, diante da Primeira Emenda à Constituição ⁴¹, a liberdade de expressão e a liberdade religiosa como valores fundamentais, mesmo diante de casos extremos, como o da Igreja de Westboro, que teve seu direito de protestar em funerais de soldados americanos garantido, ainda

⁴¹ "Congress shall make no law respecting an establishment of religion, or prohibiting the free exercise thereof; or abridging the freedom of speech, or of the press; or the right of the people peaceably to assemble, and to petition the Government for a redress of grievances".

que relacionado à crença de que Deus estava punindo as tropas dos Estados Unidos devido à alegada tolerância americana com o homossexualismo (GREGORY, 2011).

Há motivos suficientes para a apreensão: no discurso por ocasião de seu pedido de demissão, relacionado às críticas que fez quanto à prisão do soldado Bradley Manning, o porta-voz do Departamento de Estado norte-americano, Philip J. Crowley, colocou: “o exercício do poder nos difíceis tempos de hoje e no implacável ambiente de mídia deve ser prudente e coerente com as nossas leis e valores” ⁴² (YOUNG, 2011). Em carta aberta assinada por 295 juristas e publicada na *The New York Review of Books*, em protesto contra a prisão de Manning, é dito que “as condições de prisão [...] violam a Oitava Emenda, que proíbe o castigo cruel e a Quinta Emenda que proíbe punição sem julgamento” ⁴³ (ACKERMAN; BENKLER, 2011). Muitos outros exemplos poderiam ser dados, desde as imagens e os relatos de abusos cometidos em prisões no Afeganistão e no Iraque, até as possibilidades a serem exploradas com as novas tecnologias.

Contudo, um problema concreto em uma análise que declare as segundas intenções do Estado contra o terrorismo esbarra na constatação de que este, como ameaça, é algo real, por mais que se identifiquem razões subjacentes. É um fato que um grupo pequeno de pessoas motivadas conseguiu desferir ataques contra símbolos de poder americanos, como as Torres gêmeas, que corresponderiam ao poder econômico, e contra o Pentágono, que corresponderia ao poder militar (RATO, 2011). E, antes disso, conseguiram realizar atentados contra embaixadas dos Estados Unidos e contra o destróier *USS Cole*, para citar alguns dos ataques de maior envergadura (RATO, 2011). E é não somente possível, mas altamente provável, que haja neste momento um novo ataque sendo preparado, com novas e ainda mais danosas consequências.

Outras tragédias foram evitadas, como a tentativa, por parte de um nigeriano, de explodir um avião que ia para Detroit, no Natal de 2009. Nesse caso, as revistas realizadas não detectaram que o passageiro trazia explosivos ao corpo, que

⁴² “The exercise of power in today’s challenging times and relentless media environment must be prudent and consistent with our laws and values”.

⁴³ “The sum of the treatment that has been widely reported is a violation of the Eighth Amendment’s prohibition of cruel and unusual punishment and the Fifth Amendment’s guarantee against punishment without trial”.

chegaram a ser acionados, mas falharam (CLARKE, 2004). A partir disso, novas, mais intrusivas e, certamente, mais incômodas checagens passaram a ser realizadas nos aeroportos. Deve ser destacado ainda, que, desde 2001, nenhum outro grande ataque foi registrado dentro do território americano. Porém, Indonésia, Arábia Saudita, Bagdá, Bali, Madri, Londres, entre outros lugares, não tiveram a mesma sorte (JOHNSON, 2007; BARBER, 2011, RATO, 2011). E a ameaça dos “lobos solitários” já é algo concreto, como no caso do ataque à instalação militar em Fort Hood, no Texas (SOLDIER, 2009).

Um dos propósitos do terrorismo é aterrorizar, conforme Rumsfeld (BARRACK, 2011), em citação atribuída a Lênin. O terror também visa a mudar comportamentos e serve como arma de propaganda. Para Johnson (2007, p. 15), especialista em política internacional e ex-consultor da CIA, o primeiro objetivo do terrorismo político normalmente é “transformar condições internas ou internacionais que os terroristas percebem como injustas em situações revolucionárias instáveis”. Ao considerar esses aspectos, parece evidente que algum sucesso efetivamente a *Al-Qaeda* obteve. Há quem afirme que a chamada “guerra ao terror” fez surgir uma cultura do medo nos Estados Unidos (BRZEZINSKI, 2007) e parece haver de fato indicações nesse sentido. É possível que a sociedade americana tenha se tornado menos livre e até conivente com casos de tortura, diante da ameaça representada pelos terroristas (BUARQUE, 2011). E há quem defenda os métodos adotados, com a demonstração de resultados concretos: Donald Rumsfeld (2011), ex-secretário de defesa dos Estados Unidos, escreveu artigo após a divulgação de documentos relacionados à prisão americana de Guantánamo, em Cuba, citada anteriormente neste trabalho. Ao discorrer sobre as revelações feitas pelo *WikiLeaks*, por duas vezes o autor as classifica como ilegais e afirma que a segurança e a reputação de seu país foram prejudicadas e vidas foram colocadas em risco. Entretanto, as mesmas revelações teriam fornecido evidências de que a criticada prática de torturar detentos para obter informações é eficaz, pois isso fez com que boa parte da liderança da *Al-Qaeda* fosse eliminada. Rumsfeld afirma, ainda, que os arquivos da prisão em Guantánamo forneciam indicações sobre o local onde depois Osama Bin Laden foi encontrado e morto e que se ele tivesse analisado atentamente os documentos, não estaria na casa onde ocorreu a ação empreendida para abatê-lo.

Não é território simples para se andar. Mas é relevante e necessário deixar claro que não se trata aqui de justificar ou legitimar condutas, mas de pontuar que,

dependendo da percepção que se tem sobre os acontecimentos, é possível mudar atitudes e balizar condutas. Exemplos recentes servem para corroborar essa ideia: em discurso recente, Muamar Kadafi, líder líbio morto após uma guerra civil que levou à participação da Otan ao lado dos insurgentes exortou: “peguem suas crianças, saiam de casa e os ataquem [os manifestantes] em seus lares. [...] Persigam-nos, prendam-nos, entreguem-nos às forças de segurança. Eles são poucos, são terroristas” (DITADOR, 2011; GADDAFI, 2011). Em outros discursos, alusões diretas à *Al Qaeda* e ameaças de apoiar extremistas islâmicos foram usadas como que para dissuadir o outros países do Ocidente de interferir na situação interna na Líbia. O presidente da Síria, Bashar Al Assad, passando por crise semelhante, também empregou o termo “terroristas” para designar a oposição ao seu governo (ASSAD, 2011), mesmo após sanções impostas contra o país pela União Europeia e pela Liga Árabe devido à violência que o governo tem empregado contra manifestantes.

O que se depreende dessas falas? A Aliança Atlântica está ao lado dos terroristas, talvez até mesmo ao lado da *Al-Qaeda*, que tenta subverter o governo líbio. A percepção da imprensa e dos governos que formam a Otan sobre a mesma situação não coincide com o enquadramento sugerido por Kadafi; antes, as ameaças de massacrar o próprio povo por parte do governo líbio foram a justificativa oficial para empreender uma intervenção militar (SCHELP, 2011). Enquadramento semelhante ocorre na atual situação síria.

Da mesma forma, cabe observar o obituário de Osama Bin Laden publicado no *site* da *Al Jazeera*: “Seja injuriado como um assassino em massa e terrorista ou aclamado como o campeão de muçulmanos oprimidos lutando contra a injustiça e a humilhação, Bin Laden mudou o curso da história”⁴⁴ (OBTUARY, 2011). Em matéria da rede britânica *BBC* sobre a operação militar americana no interior do Paquistão que matou o então líder da *Al-Qaeda*, um especialista em segurança atesta: “para muitos no Ocidente, Bin Laden se tornou a personificação do terrorismo global, mas, para outros, ele foi um herói, um muçulmano devoto que lutou contra duas superpotências mundiais em nome da jihad”⁴⁵ (OSAMA, 2011). Para Van Dijk (2010, p. 13) “o abuso de poder só pode se manifestar na língua onde existe a possibilidade

⁴⁴ Whether reviled as a terrorist and mass murderer or hailed as the champion of oppressed Muslims fighting injustice and humiliation, bin Laden changed the course of history.

⁴⁵ to many in the West, Bin Laden became the embodiment of global terrorism, but to others he was a hero, a devout Muslim who fought two world superpowers in the name of jihad.

de variação ou escolha, tal como chamar uma mesma pessoa de ‘terrorista’ ou de ‘lutador pela liberdade’, dependendo da posição e da ideologia do falante”.

Apenas para situar a leitura que aqui está sendo feita sobre o terrorismo, cabe informar que são de nosso conhecimento algumas teorias que circulam com relação aos atentados de 11 de setembro como uma espécie de conspiração interna americana. Documentários como *Zeitgeist* e *Loose Change*, de 2007, são uma amostra. A história em quadrinhos *The Big Lie*, publicada pela editora americana *Image Comics* também é um evidência, que, inclusive, apresenta depoimentos de arquitetos e engenheiros que contestam a versão oficial sobre o desabamento das torres em Nova Iorque. Apesar do necessário questionamento sobre motivações e intenções do governo americano e de seus atacantes, assim como cobranças com relação a providências que poderiam ter sido tomadas antes e depois da tragédia, uma análise apenas um pouco mais atenta permite perceber argumentos falaciosos, depoimentos suspeitos, afirmações não corroboradas. Não faltam teorias da conspiração, como descreve McGreal (2011). Considere-se como um exemplo o que afirma Clarke (2004, p. 47), no livro em que trata sobre os atentados de 11 de setembro, com relação às intenções de Donald Rumsfeld, Secretário de Defesa, e Paul Wolfowitz, subsecretário de Defesa, ambos sob o governo Bush, que pretendiam “tentar tirar proveito desta tragédia nacional para promover seus planos em relação ao Iraque”. Considerem-se, ainda, a crítica e os questionamentos de Gore Vidal (2003). Johnson (2007, p. 16) afirma que “grupos de interesse especiais [...] usaram o 11 de Setembro como justificativa para sequestrar a política externa americana e implementar suas agendas particulares”. Caso esta narrativa se estabeleça, cabe perguntar de que forma as imagens e os depoimentos sobre esses atentados passarão a ser interpretados e como os livros e os historiadores passarão a se referir a estes eventos.

O vice-presidente americano Joe Lieberman “não chegou a denunciar Assange como ‘terrorista’, mas afirmou ‘o que o WikiLeaks fez foi terrível. Espero que estejamos fazendo o possível para tirar o site deles do ar’” (LEIGH; HARDING, 2011, p. 203, 204).

Selaimen comenta que

[...] após um telefonema do Senador Joseph Lieberman, a Amazon e a everyDNS, empresas norte americanas que faziam provimento de serviços

Internet ao WikiLeaks suspenderam unilateralmente seus contratos, tirando temporariamente o site WikiLeaks do ar. (SELAIMEN, 2011, p. 40)

Hobsbawn (2009), ao discorrer sobre o papel da televisão após o fim da Guerra Fria, defende que a censura é menor atualmente e chega a ser inviável às vezes, mas a mídia pode ser usada pelo Estado para justificar suas atitudes, direcionando a opinião pública rapidamente para seus interesses. No caso acima, aparentemente, o Senador Lieberman utilizou de pressão política para efetivar uma forma de censura e prejudicar as atividades do *WikiLeaks*.

Outras evidências são demonstradas nas falas nos trechos em destaque, relacionadas à idéia de que vaziar documentos sigilosos é crime. A congressista republicana Candice Miller primeiro utilizou a expressão “operação terrorista”, conforme (6), e depois se referiu ao *WikiLeaks* como “operação criminosa”, conforme (13).

- (13) “passou da hora da administração Obama tomar uma ação para fechar essa **operação criminosa** e levar à justiça aqueles que roubam e divulgam segredos americanos”⁴⁶ (LIU, 2011)

Será que Candice Miller considera as expressões intercambiáveis? No estudo de Cameron (2010) sobre metáforas relacionadas ao tema terrorismo, conduzido na Inglaterra com grupos de pessoas separadas por gênero, classe socio-econômica e religião, há indicações sobre a percepção desses atos não como sendo propriamente uma “guerra”, mas como uma “ação violenta”, com “alvos específicos” e “pessoas inocentes” aparecendo com destaque nas palavras associadas. Também foi percebida a conceptualização de terrorismo como um “jogo de azar”, com “loteria”, “pôquer”, “blefes” e “apostas”. Lakoff (2001) considera que a idéia de “crime” passou para a de “terror” nos primeiros discursos após os atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos. Estudo publicado por Van Dijk (2003) trata do mesmo cenário, mas de um ponto de vista ideológico, analisando artigo publicado por articulista conservador americano no dia seguinte aos atentados. É

⁴⁶ “It is long past time for the Obama administration to take decisive action to shut this criminal operation down and to bring those who steal and release America’s secrets and put our allies at risk to justice”

possível que a congressista Miller não tenha feito grandes considerações na escolha das expressões que utilizou. Mas não se deve descartar que “a palavra nunca é ingênua, falamos porque queremos ou podemos falar, ocultamos e silenciemos o conveniente, colocamos as metáforas para falarem por nós” (REIS, 2005, p. 164).

Seguindo a tendência de atrelar aos vazamentos o rótulo de “criminoso”, o analista político William Kristol (2010) classificou o *WikiLeaks* como “organização criminosa” conforme (14)

(14) Porque não podemos avisar outros das consequências de apoiar esta **organização criminosa** hostil aos Estados Unidos? ⁴⁷

Thiessen (2010), também citado anteriormente, usou a mesma expressão, como demonstra o trecho em (15):

(15) “Vamos ser claros: *WikiLeaks* não é uma organização de notícias (mídia ou imprensa); é uma **organização criminosa**” ⁴⁸

Tem muita significação o fato de não se considerar o *WikiLeaks* como uma organização jornalística, pois isso implica que a iniciativa de Julian Assange não dispõe dos mesmos direitos de empresas de informação tradicionais, conforme foi comentado anteriormente. Antes, o modelo conceitual sugerido é próximo ao de “terrorista”, apenas indicando *frame* específico de “crime”, o que, afinal, o ato terrorista também o é.

Nos exemplos seguintes, as construções apontam para um alegado prejuízo das fontes do governo americano, ao apontar “sangue nas mãos” do *WikiLeaks* e de Julian Assange. Note-se que, uma vez considerado como terrorista, a eliminação torna-se uma possibilidade: pedidos pela aplicação da pena de morte aos envolvidos serão apresentados adiante. Já um criminoso deve ser preso e processado de acordo com as leis vigentes (CARVALHO, 2006; LAKOFF, 1991).

⁴⁷ “Why can't we warn others of repercussions from assisting this criminal enterprise hostile to the United States?”

⁴⁸ “Let's be clear: *WikiLeaks* is not a news organization; it is a criminal enterprise”

Como vimos, a ex-governadora do Alasca, Sarah Pallin, acha que Julian Assange

- (16) “é um **operativo anti-americano** com **sangue nas mãos**” (GRIER, 2010; HUNT, 2010; LEIGH; HARDING, 2011; SIDDIQUE; WEAVER, 2010).

O almirante Mike Mullen, então chefe do Estado-Maior dos EUA, afirmou que Assange e a fonte que vazou os documentos para o *WikiLeaks* teriam

- (17) “o **sangue de algum jovem soldado** [nas mãos]”⁴⁹ (LEVINE, 2010)

Neste contexto, Burns e Somaiya (2010a) citam um porta-voz do Talibã no Afeganistão afirmando que o grupo estaria verificando nomes de informantes que não teriam sido apagados quando da divulgação dos documentos sobre a guerra no país. É necessário, porém, perguntar sobre como informações se prestam, em situações de conflito, às causas envolvidas. Mas, mesmo assim, é preciso dizer que a preocupação é recorrente e faz algum sentido. Diante da força do argumento é que repórteres da revista *Time* podem ter sido levados a questionar o próprio Julian Assange sobre o assunto. Em entrevista à revista *Time* sobre a possibilidade de as revelações do *WikiLeaks* terem colocado vidas em risco, ele respondeu da seguinte forma:

Bem, este tipo de besteira sobre vidas sendo colocadas em risco é usada toda vez que uma grande organização militar ou de inteligência é exposta pela imprensa. Não é nada novo, e não é um fenômeno exclusivamente americano. Remonta há pelo menos cinquenta anos, e em formas extremamente diferentes, há centenas de anos, por isso esse tipo de reação já era esperada. Vimos isso em quase tudo que colocamos no site. No entanto, esta organização em seus quatro anos de história - não precisamos especular, tem uma história - nunca causou a um indivíduo, tanto quanto podemos determinar, ou tanto quanto qualquer pessoa pode determinar, qualquer tipo de dano físico ou prisão injustamente, e assim por diante. Isso é um recorde em comparação com as organizações que estamos tentando expor que estão literalmente envolvidas na morte de centenas ou

⁴⁹ "Mr. Assange can say whatever he likes about the greater good he thinks he and his source are doing, but the truth is they might already have on their hands the blood of some young soldier or that of an Afghan family".

milhares, ou potencialmente, ao longo de muitos anos, milhões de pessoas. (ASSANGE, 2010)⁵⁰

Domscheit-Berg (2011, p. 174) afirma que “não houve qualquer prejuízo a nenhum informante em decorrência da publicação dos relatórios”. É possível então que se trate de um mapeamento falso, conforme alerta Sardinha (2007, p. 37): “é preciso estar consciente dos mapeamentos e julgar se são legítimos ou se são fabricados com segundas intenções”.

Os destaques abaixo apontam para uma construção centrada em “ataques” aos Estados Unidos, como pode ser observado na fala da secretária de Estado americana Hillary Clinton, que declarou que o vazamento de documentos sigilosos era

- (18) ‘não apenas um **ataque** aos interesses da política estrangeira dos Estados Unidos, mas um **ataque** à comunidade internacional’ (LEIGH; HARDING, 2011, p. 16; SEHGAL, 2010);

O inimigo deve ser morto, conforme os trechos a seguir. O republicano Mike Rogers alerta que a

- (19) ‘**pena de morte** deve ser considerada nesse caso. Ele claramente **ajudou o inimigo**, o que pode resultar na morte de soldados ou colaboradores norte-americanos. Se esse não é um delito passível de pena de morte, eu não sei o que é’ (LEIGH; HARDING, 2011, p. 203).

Guichaoua e Radermecker (2011, p. 175), por seu turno, traduzem a fala de Nwet Gingrich da seguinte forma:

⁵⁰ *Well, this sort of nonsense about lives being put in jeopardy is trotted out every time a big military’ or intelligence organization is exposed by the press. It’s nothing new, and it’s not an exclusively American phenomenon by any means. It goes back at least 50 years, and in extremely different forms, hundreds of years before that, so that sort of reactionary sentiment is equally expected. We get that on nearly every post that we do. However, this organization in its four years of publishing history — we don’t need to speculate, it has a history — has never caused an individual, as far as we can determine, or as far anyone else can determine, to come to any sort of physical harm or to be wrongly imprisoned, and so on. That is a record compared to the organizations that we are trying to expose who have literally been involved in the deaths of hundreds or thousands, or potentially over the course of many years, millions.*

- (20) Ele [Assange] é um **inimigo** dos Estados Unidos, colocando pessoas em perigo, e elas serão mortas por sua culpa. Creio que é um ato desprezível e que deveríamos tratá-lo como um **combatente inimigo e inimigo dos Estados Unidos**.

Siddique e Weaver (2010) apresentam a fala de Tom Flanagan, ex-assessor do primeiro-ministro canadense Stephen Harper, que assevera:

- (21) ‘eu acho que Assange deveria ser **assassinado**. Eu acho que Obama deveria oferecer um contrato ou usar um drone ou algo assim’. Flanagan riu enquanto fazia o comentário mas não voltou atrás quando questionado, acrescentando: ‘Eu não me sentiria triste se Assange **desaparecesse**’⁵¹

Tal comentário foi classificado como uma “*fatwa*” que Flanagan teria emitido contra Assange, em referência a um tipo de pronunciamento realizado no Islã. Depois, Flanagan teria de fato se retratado, mas tarde demais: advogar a morte de pessoas é crime e assim foi denunciado à polícia do Canadá (BARBER, 2010).

O *frame* espionagem e traição é evidenciado pela fala de Feinstein (2010), senadora pelo partido Democrata, que recomenda que Assange deveria ser

- (22) “vigorosamente processado por **espionagem**”⁵²

Execuções foram exigidas também para quem vazou os documentos para o *WikiLeaks*, como disse Pete Hoekstra:

- (23) ‘Evidentemente podemos ir atrás da pessoa que vazou a informação ou a hackeou em nossos sistemas, e podemos prendê-la por **espionagem** ou **traição**. Se formos atrás dela – e pudermos condená-la por traição –, então a pena de morte se torna uma opção” (LEIGH; HARDING, 2011, p. 203);

⁵¹ "I think Assange should be assassinated, actually," he said. "I think Obama should put out a contract and maybe use a drone or something." Flanagan chuckled as he made the comment but did not retract it when questioned, adding: "I wouldn't feel unhappy if Assange does disappear".

⁵² "He should be vigorously prosecuted for espionage".

O republicano Mike Huckabee, afirmou, por sua vez:

(24) “quem quer que em nosso governo tenha vazado aquela informação é culpado de **traição**, e eu acho que qualquer coisa menor do que execução é uma pena muito leve”⁵³.

Kathleen McFarland, citada anteriormente, insiste:

(25) “Vamos acusá-lo e julgá-lo por **traição**. Se ele for considerado culpado, ele deve ser executado”⁵⁴ (SIDDIQUE; WEAVER, 2010).

O comentarista da rede americana *Fox News*, Bob Beckel, que foi Vice-Secretário de Estado Adjunto na administração de Jimmy Carter, afirmou:

(26) “um homem morto não vaza documentos. Esse cara é um **traidor**, ele é traiçoeiro, e ele quebrou cada uma das leis dos Estados Unidos. E eu não sou a favor da pena de morte, então... só tem um jeito de fazer isso: matem ilegalmente o fdp”⁵⁵ (FOX, 2010)

Conforme procuramos demonstrar, mostra-se produtiva a identificação de expressões que evidenciam a perplexidade nas falas de políticos e analistas nos dias e semanas que se seguiram à publicação dos documentos sigilosos. É possível até mesmo que tenha havido um “vazio semântico” com a publicação de documentos, mas não com a mesma intensidade, como teria ocorrido, segundo Carvalho (2006), na sequência dos atentados de 11 de setembro de 2001, quando procurou-se preencher a lacuna de significado gerada pela ocorrência de ataques nunca antes presenciados em solo americano. O fato de terem sido captados por

⁵³ “Whoever in our government leaked that information is guilty of treason, and I think anything less than execution is too kind a penalty.”

⁵⁴ “Let's charge him and try him for treason. If he is found guilty, he should be executed.”

⁵⁵ “A dead man can't leak stuff,” Beckel said. “This guy's a traitor, he's treasonous, and he has broken every law of the United States. And I'm not for the death penalty, so...there's only one way to do it: illegally shoot the son of a bitch”.

câmeras de televisão e repetidos *ad nauseam* mundialmente pode ter contribuído para a espetacularização dos ataques e para a necessidade de dar uma resposta rápida para esses acontecimentos. A cobertura feita pela imprensa e a reprodução de informações internas do governo estadunidense em jornais e *sites* por todo o mundo pode ter sofrido semelhante efeito, por um lado desejado pelo *WikiLeaks*, por outro execrado pelos políticos.

A hipótese de que metáforas são utilizadas como marcos em discursos para sugerir significados e entendimentos é apoiada por Fairclough (2011, p. 241), que afirma que, quando “significamos coisas por meio de uma metáfora e não de outra, estamos construindo nossa realidade de uma maneira e não de outra”. O estudo conduzido por Zhang (2007) fornece exemplos que corroboram a mesma idéia: o autor discorre especificamente sobre discursos e atitudes relacionadas à política externa norte-americana, como no emprego da expressão “Eixo do mal” formado por Irã, Iraque e Coreia do Norte, e categorizações que envolvem conceitos de “bem contra o mal” e “Estados como pessoas”, “Estados como terroristas” e “Estados como criminosos”. Zhang também destaca as chamadas “revoluções coloridas” nos países do Leste Europeu e metáforas arquetípicas como “democracia contra tirania”, “liberdade versus opressão” e o que o autor chama de “mito da fronteira”, como sendo algo relevante no que tange à visão de mundo americana, com “as fronteiras da civilização” destacando-se no imaginário político estadunidense.

Quanto à imagem projetada a partir das declarações aqui arroladas e ao modelo conceitual sugerido, o que permanece é a indicação de que todo este movimento, desde o vazador original, passando pelo receptor e publicador, excluindo os jornais que tomaram parte no empreendimento, são criminosos. Especificamente, ao soldado Bradley Manning parece fácil atrelar a alcunha de traidor; Assange seria um “terrorista” e o *WikiLeaks* uma organização terrorista. Ao tentar assim enquadrá-los, conforme sustentamos, é possível que haja uma intenção de fazer com que não ocorram vazamentos semelhantes e mais documentos sejam revelados, em uma época de conectividade e amplo acesso à *internet*, o que facilita a apreensão e disseminação de informações. Some-se a isso que todo este caso pode ser utilizado como exemplo e proporcionar uma resposta eficaz a inimigos e aliados; uma mensagem cujo entendimento sugere que o governo dos Estados Unidos não permitirá impunidade em situações semelhantes. O próprio Lakoff (2001), ao final do artigo “*Metaphor of Terror*”, redigido após os eventos de 11 de

setembro de 2001, e cujas palavras parecem predizer algo do rumo que os acontecimentos viriam a tomar e das conseqüências da resposta aos atentados, comenta: “Espere uma grande redução das liberdades civis. Espere que qualquer pessoa que proteste contra a OMC seja chamada de terrorista. Espere que qualquer oposição séria às políticas de Bush seja chamada de traição”⁵⁶. Note-se, porém, que foi no governo de Barack Obama que ocorreu a divulgação dos documentos sigilosos pelos *WikiLeaks*.

A imprensa faz parte da construção do *corpus* que esta dissertação propõe analisar, conforme foi anteriormente indicado. O livro de Leigh e Harding (2011), jornalistas do jornal britânico *The Guardian*, foi o primeiro a ser publicado no Brasil sobre o tema e é aqui tomado como um extrato do que se evidenciou em artigos e matérias publicados na imprensa, conforme indicado anteriormente. Em 250 páginas, procura contar a história do *site* e de seu criador, com capítulos sobre os planos para a divulgação dos vazamentos, com informações sobre o soldado Bradley Manning e sobre o périplo de Assange pela Suécia, que lhe rendeu problemas com a justiça e os processos por estupro e assédio. Ênfase é colocada no desenvolvimento das relações com a mídia tradicional, representada pelo jornal *The Guardian* e por outras publicações como *The New York Times*, *Le Monde* e *Der Spiegel*, entre outros, que colaboraram na divulgação dos documentos sobre o Iraque, o Afeganistão e os telegramas diplomáticos, conhecidos como *cablegate*. O apêndice do livro transcreve alguns dos telegramas diplomáticos divulgados.

Percebe-se que o tom é mais moderado e os autores buscam maior neutralidade, o que evidencia, na presente análise, outro ponto de vista sobre os mesmos atores (Assange e o *WikiLeaks*).

Em (27) é possível observar dentre as considerações iniciais do livro obra sobre Julian Assange:

- (27) “um homem, por um lado, insultado, procurado, preso e marginalizado, e, por outro, louvado e tratado como celebridade” (LEIGH; HARDING, 2011, p. 16).

⁵⁶ “Expect a major retrenchment on civil liberties. Expect any WTO protesters to be called terrorists and/or traitors. Expect any serious opposition to Bush's policies to be called traitorous”.

A constatação acima é importante por ter sido escrita por pessoas muito próximas aos acontecimentos e que procuraram demonstrar, apesar das desavenças durante todo o processo de publicações dos documentos sigilosos, isenção ao tratar sobre o temperamento de Assange, também criticado por outras pessoas. Note-se como os jornalistas continuam a abordagem em (28):

- (28) “fãs e inimigos, defensores e adversários, algumas vezes na mesma pessoa. **Messias da informação** ou **ciberterrorista? Defensor da liberdade** ou **sociopata? Protetor da moral** ou **narcisista iludido?**” (LEIGH; HARDING, 2011, p. 26).

Note-se que não há uma necessidade de um enquadramento específico. O modelo conceitual não é fechado. A imagem está sujeita a interpretações. Conforme postulado, dependendo da perspectiva adotada, é diferente a interpretação da metáfora e os enquadres mentais se modificam.

Em (29) a metáfora “viral” mostra-se profícua:

- (29) “No intervalo de onze meses, Assange tornara-se **viral**” (LEIGH; HARDING, 2011, p. 16)

Por “viral” entende-se uma espécie de campanha que utiliza modos de divulgação de informação, em redes sociais, a ser repassada e replicada pelos próprios internautas espontaneamente. Na amostra, a metáfora “viral” (em outros contextos) se codifica linguisticamente como adjetivo e é recodificada pelos sintagmas nominais “marketing viral” e “publicidade viral”, com o propósito de representar determinado processo conceptual, tal como concebido por Lakoff e Johnson (2002 [1980]) e comentado anteriormente. A proliferação de *sites* com proposta igual à do *WikiLeaks*, como os já citados *Balkan Leaks*, *Brussels Leaks*, *Indo Leaks*, entre outros, aponta para esse tipo de mecanismo de multiplicação em cadeia. Essa metáfora, cunhada da área de Saúde, constitui processo análogo com o sentido de “vírus”, não como elemento/germe que contamina, mas com o poder de reduplicação/contaminação transpostos então para o ambiente virtual.

Diante do exposto, cabe a comparação com a ferramenta de compartilhamento de arquivos *Napster*. Após uma série de processos, movidos, sobretudo, em função de problemas com direitos autorais, várias ferramentas como o *Kazaa*, o *eMule* e o *Audiogalaxy*, entre muitas outras, passaram a fazer o mesmo serviço, tornando praticamente impossível deter a troca de arquivos, apesar das campanhas de esclarecimento promovidas, que tentaram impedir o que hoje é considerado como uma revolução na indústria da música. O mesmo ocorre quando determinado blog é censurado ou quando uma imagem ou um vídeo são veiculados e depois alguém, que se considera de alguma forma prejudicado, recorre a meios legais para retirar de circulação o conteúdo em questão: rapidamente, dezenas de *sites* passam a reproduzi-lo e acaba por ocorrer exatamente o contrário do desejado, que era a supressão da informação. Com o tempo, a compra de músicas a qualquer valor, estabelecido pelos interessados, passou a ser feita diretamente *online*, com a possibilidade de se evitar atravessadores, as gravadoras, que ainda calculam perdas com a novidade. Apenas para acrescentar um fechamento a esta história, cabe informar que hoje em dia arquivos de música digital são vendidos pelo *Napster*, com o devido respeito aos direitos autorais, ou seja, o que começou como uma revolução e se tornou um desafio, está pacificado, usado para fins meramente comerciais.

Domscheit-Berg (2011) comenta que, em 2008, a página do *WikiLeaks* foi retirada do ar devido a um processo movido por um banco suíço, que se sentiu prejudicado por uma divulgação feita pelo *site*. Esse fato acabou por chamar a atenção para o *WikiLeaks*, com *sites*-espelho (*mirror sites*) surgindo às centenas. Spektor (2011) afirma que isso ocorreu em mais de 700 servidores. Domingos e Couto (2011) citam 1246. Entende-se então que, a princípio, tentativas de censura e de cerceamento da liberdade não são eficazes na *internet* e atraem exatamente o que se deseja evitar, tal como as reações de grupos de *hackers* e a proliferação de conteúdos (LIU, 2011).

Cabe destacar, o que também foi comentado anteriormente neste trabalho, que, diante da pressão exercida sobre o *WikiLeaks*, quando da divulgação dos documentos vazados, vários *sites*-espelho emergiram, reproduzindo o conteúdo do *site* original. Essa também é uma característica ligada à metáfora ora analisada.

É possível dizer, então, que Assange tornou-se uma espécie de celebridade e se multiplicou por meio de entrevistas, matérias de jornais, blogs, notícias diárias, trabalhos acadêmicos. O mecanismo de multiplicação em cadeia é tão produtivo,

que diversos *sites* com proposta igual à do *WikiLeaks* vêm proliferando, como os já citados *Balkan Leaks*, o *Brussels Leaks*, o *Indo Leaks*, o *OpenLeaks*, o *RuLeaks*, o *Trade Leaks* e também a *Transparency Unit*, da rede de tv *Al Jazeera*. Note-se, porém, que uma “personalidade” como Assange ainda não apareceu.

A ausência de um enquadramento ou modelo conceitual específico é evidenciada em (30):

(30) “Considerado por alguns um **messias** das novas mídias, para outros ele é um **ciberterrorista**”. (LEIGH; HARDING, 2011, p. 16-17)

Procede considerar em separado as formas “messias” e “ciberterrorista”.

A ideia do messias remete à tradição judaico-cristã e contém traços de sentidos de natureza metafísica. Consta-se a atribuição divina a Assange em (31):

(31) “na vida eletrônica [...], um **deus**” (LEIGH; HARDING, 2011, p. 52)

Ainda no âmbito religioso, atestam-se outros processos metafóricos:

(32) “**são sebastião** da era da internet, um **mártir** perfurado pelas muitas flechas dos incrédulos” (LEIGH; HARDING, 2011, p. 229).

Cognitivamente, o processo de associação de Assange a um mártir pressupõe conceitualmente sofrimento com beatificação, prestando tarefas de divulgação de conteúdos que lhe custam sacrifício e que, no entanto, o santificam.

Ainda no âmbito religioso, Castells, ao tecer considerações sobre as novas formas de poder na Era da Informação, destaca um tipo de sujeito que ele chama de *profetas*. O trecho transcrito a seguir deixa clara a importância e a recorrência da metáfora *profetas* no caso em estudo e em outros contextos:

[...] personalidades simbólicas cujo papel não implica exercer a função de líderes carismáticos [...] mas sim emprestar uma face (ou uma máscara) a uma insurreição simbólica, de modo que possam falar em nome dos rebeldes. Assim, os rebeldes sem meios de expressão passam a ter uma voz que fala por eles, garantindo à sua identidade o acesso ao campo das lutas simbólicas além de uma chance de tomar o poder – nas mentes das pessoas (CASTELLS, 1999b, p. 425)

Assumir a identidade profética corresponde ocupar novo lugar de poder, que estaria baseado “(...) nos códigos da informação e nas imagens de representação em torno das quais as sociedades organizam suas instituições e as pessoas constroem suas vidas e decidem o seu comportamento” (CASTELLS, 1999b, p. 423).

O livro do ex-colaborador do *WikiLeaks*, Daniel Domscheit-Berg, registra o seguinte depoimento do autor

Hoje eu me pergunto se o *WikiLeaks* nos últimos meses também não evoluiu para uma forma de **culto religioso**. No mínimo para um sistema em que a crítica interna era quase impossível. Os fracassos precisavam ter motivos externos, o **guru** era intocável e não podia ser questionado. O perigo vinha de dentro, o que fortalecia a união interna. Quem apresentasse muitas críticas seria **castigado**, ameaçado com a proibição de comunicação ou a menção de possíveis conseqüências. E cada aliado deveria saber apenas o necessário para realizar suas atividades. (DOMSCHEIT-BERG, 2011, p. 38, grifo nosso)

Perceba-se que as palavras que destacamos no trecho acima dão continuidade à conceptualização em termos religiosos da pessoa de Assange e de sua organização. Este sentido difere de maneira significativa dos anteriormente analisados, que indicam natureza criminosa para ambos. Diante da possibilidade de extradição de Assange para a Suécia, para responder a acusações de estupro e assédio, a mãe do australiano declarou se tratar de uma tentativa de “crucificação”⁵⁷ de seu filho (ASSANGE, 2011).

Por sua vez, a forma nominal “ciberterrorista” (LEIGH; HARDING, 2011, p. 26) conjuga um perfil ligado a uma atividade *online*. Clarke (2004, p. 196) se refere a uma revisão das políticas de segurança interna dos EUA que apontou a vulnerabilidade do país diante de “terroristas sem bomba – os *hackers*”. O sufixo “ciber” é usado também para formar a palavra “cyberpunk” (LEIGH; HARDING, 2011, p. 250), que sugere a união entre tecnologias digitais e a cultura *punk*, sintagma usado pela primeira vez na ficção científica, assim como a forma nominal ciberespaço (CARDOSO; MELO, 2009; GIBSON, 1991) que imprime processo conceptual reportado ao contexto virtual. “Ciber” será também combinado com “messias” para compor a expressão “novo tipo de cibermessias” (LEIGH; HARDING, 2011, p.20), conceito popularizado pelos irmãos Wachowsky nos filmes da trilogia *Matrix*, no qual o salvador da humanidade será Neo, um *hacker* (AMARAL, 2005).

⁵⁷ “He’s been crucified for doing what he was brought up to do”.

Esse neologismo será utilizado para estabelecer um contraste entre aqueles que veem Assange de um modo positivo e aqueles que pensam nele como um “vilão de James Bond” (LEIGH; HARDING, 2011, p.20). Um perfil escrito sobre Assange no jornal *The New York Times*, (BURNS; SOMAIYA, 2010a), que o deixou bastante contrariado, enfatiza o processo por estupro e assédio na Suécia e cita o próprio australiano: “Eles me chamaram de James Bond do jornalismo. Eu arrumei muitas fãs, e algumas delas acabaram me criando problemas” (LEIGH; HARDING, 2011, p. 168). Uma entrevista conduzida pelo jornalista sueco Johannes Wahlström apresenta Assange nos seguintes termos:

Conhecer Julian Assange é um pouco como conhecer James Bond. O homem por trás do Wikileaks não tem nenhum antecedente. Seu nome pode ser escrito de maneiras diferentes. Sua idade é incerta. Ele não tem endereço fixo. Ninguém o viu no hotel onde ele está hospedado, e quando finalmente nos encontramos de repente ele aparece meio metro na minha frente.⁵⁸ (WAHLSTRÖM apud OLSSON, 2011).

Ludlow, em artigo ao jornal *The Nation*, no qual discute cultura *hacker* e *hacktivismo*, também usa essa mesma expressão:

Nos meses recentes, houve considerável discussão sobre o fenômeno WikiLeaks, e de forma compreensível, dado o volume e a sensibilidade dos documentos que o site divulgou. O que essa discussão tem revelado, no entanto, é que a mídia e órgãos do governo acreditam que há um único protagonista a se preocupar – uma espécie de vilão de James Bond, se você quiser – quando na verdade o protagonista é algo completamente diferente: uma rede informal de indivíduos revolucionários vinculados por uma ética e cultura compartilhadas.⁵⁹ (Ludlow, 2010).

A expressão “vilão platinado” também é utilizada (LEIGH; HARDING, 2011, p. 250), em provável alusão a seus cabelos brancos (o soldado Bradley Manning, em diálogo com o *hacker* que o denunciaria, fala de Assange como “australiano maluco de cabelo branco” (LEIGH; HARDING, 2011, p. 43). No âmbito ficcional, Keller (2011)

⁵⁸ “To meet Julian Assange is a bit like meeting James Bond. The man behind WikiLeaks has no public background. His name is spelled in different ways. His age is uncertain. He has no fixed address. No one has seen him in the hotel where he is staying, and when we finally meet he suddenly appears half a metre in front of me”.

⁵⁹ “In recent months there has been considerable discussion about the WikiLeaks phenomenon, and understandably so, given the volume and sensitivity of the documents the website has released. What this discussion has revealed, however, is that the media and government agencies believe there is a single protagonist to be concerned with — something of a James Bond villain, if you will — when in fact the protagonist is something altogether different: an informal network of revolutionary individuals bound by a shared ethic and culture”.

compara o imbróglio na Suécia com “uma novela perdida de Stieg Larsson”⁶⁰, em referência ao escritor sueco autor da *Trilogia Millennium*.

Duas imagens, em princípio colidindo, são projetadas: uma de vilão e outra de herói, uma de vilão de James Bond, outra como o próprio herói. Vale perguntar, por isso, qual a imagem afinal que se mantém predominante e quais os processos linguístico-conceptuais que concorrem para a constituição identitária de ambos.

Esta questão situa-se no bojo desta investigação e se mostra relevante para o caso em estudo e em outros que estão no aguardo de pesquisa científica, já que aqui se defende que, dependendo da imagem que for escolhida, determinado campo de significação é ativado. A mentalidade *hacker* concebe com facilidade que palavras são usadas e que informações são suprimidas com o objetivo de manipular a opinião pública. Não se aperceber disso é um engano e indício de ingenuidade, segundo tal concepção. Desconfiar da autoridade e fazer circular as informações é parte de uma queda de braço, exemplificada nos ataques do *Anonymous*, conforme descrito anteriormente, e na atitude de Assange e do *WikiLeaks* contra governos e empresas. Note-se que as expressões em (33) e (34):

(33) “**defensor da liberdade**” (LEIGH; HARDING, 2011, p. 26) e

(34) “**filósofo e orador da liberdade de expressão**” (LEIGH; HARDING, 2011, p. 234)

revelam como a visão de mundo *hacker* faz parte da construção identitária de Assange e é percebida na sua atitude e condiciona sua interação com outras pessoas e organizações, como foi o caso com os jornais tradicionais que se uniram ao *WikiLeaks* para participar da publicação dos documentos obtidos.

A filosofia de transparência de Julian Assange, no contexto da amplitude das decisões tomadas em altos níveis da máquina estatal e considerando as consequências sobre um grande número de pessoas, sugere a necessidade de se estabelecer formas de controle sobre políticas que, se fossem de conhecimento da população, provavelmente não seriam aceitas. Talvez seja por isso que já se perceba uma crescente perda de legitimidade dos “sistemas políticos [...]”

⁶⁰ “a missing Stieg Larsson novel”.

mergulhados em uma crise estrutural [...], periodicamente arrasados por escândalos [...] e cada vez mais isolados dos cidadãos” (CASTELLS, 1999a, p. 41).

Para Tapscott (2011, p. 23) “a ideia de que a concentração de informação é sinônimo de poder faz parte do velho modelo industrial. Quando retemos conhecimento e informação, criamos poder sobre as pessoas”. Pode-se afirmar que a Informação está intimamente ligada ao conhecimento. O chamado ciclo informacional, onde a informação gera conhecimento, que gera desenvolvimento, que gera nova informação é um indicativo (BARRETO apud SIRIHAL; LOURENÇO, 2004). No contexto das práticas sociais a informação é um elemento de fundamental importância, pois é por meio do intercâmbio informacional que os sujeitos sociais se comunicam e tomam conhecimento de seus direitos e deveres e, a partir disso tomam decisões sobre suas vidas, seja em nível individual, seja em nível coletivo (ARAÚJO, 2000, p. 2). Para Breglia e Gusmão (1986, p. 10) a recuperação da qualidade de vida via democracia passa pelo esclarecimento público: a informação não manipulada é o seu pressuposto. Também é possível argumentar que a cidadania está ligada à democracia, conforme assevera Araújo (1992, p. 3): “pensar a cidadania é pensar a igualdade social e a liberdade política, é pensar a democracia”. Militão (2003, p. 11) coloca que “uma maior circulação de informações [...] é um dos fatores necessários à democracia”. Tanto a conquista de direitos políticos, como de direitos civis e sociais depende fundamentalmente do livre acesso à informação sobre tais direitos. Princípios relacionados são: a liberdade de pensamento e expressão, a igualdade dos direitos políticos, a transparência governamental, entre outros, alguns deles discutidos neste trabalho.

A informação ainda deve ser vista como um bem social e um direito coletivo, sendo tão importante quanto o direito à educação, saúde, moradia, justiça e tantos outros (ARAÚJO, 2000). A isso se pode acrescentar uma ampla circulação, disseminação e comunicação de informação relacionadas a esses direitos. Além disso, Araújo (1992, p. 6) acrescenta que “o acesso à informação é um direito garantido pela constituição, mas, na verdade, somente alguns poucos indivíduos o exercem plenamente”. Breglia e Gusmão (1986, p. 9), enfatizam que “informação é direito de todos [...] um bem comum, e deve atuar como fator de integração, democratização, igualdade; manter-se ligada aos direitos humanos, à cidadania, à libertação e ao respeito e dignidade pessoal”. Para Cunha (2003, p. 5) é “inegável a

importância da informação para o desenvolvimento da sociedade como um todo, como de cada cidadão em particular”.

Segundo Guinchat e Menou (1994, p. 467) a “informação é um recurso nacional tão importante no mundo contemporâneo, quanto a energia e a mão-de-obra qualificada”. Os autores fazem esse comentário ao tratarem sobre política nacional de informação e colocam a necessidade de uma política, que é resultante, entre outros, de um fator determinante, que é o seguinte: “os dados e os conhecimentos são indispensáveis aos indivíduos” e se eles são satisfeitos em suas necessidades informacionais de forma precária, “o desenvolvimento do país pode ser prejudicado” (GUINCHAT; MENO, 1994, p. 467). Assim como há deterioração quando o indivíduo é despojado desse recurso, também a sociedade perde (SHERA, 1966).

Outra expressão utilizada atribuída a Assange é:

(35) “**nômade**” (LEIGH; HARDING, 2011, p.18); e

(36) “**nômade global**” (LEIGH; HARDING, 2011, p. 230)

aludindo ao fato de Assange não ter endereço fixo. A figura do andarilho é recorrente na cultura ciberpunk e também na literatura *beatnik* (AMARAL, 2005). Mas, o mais importante deve ser o fato de que, sem um endereço, não é possível enviar liminares ou intimações (DOMSCHEIT-BERG, 2011).

Observem também as expressões em (37) e (38):

(37) “**estrela do rock**” (LEIGH; HARDING, 2011, p. 139) e

(38) “**astro do rock**” (LEIGH; HARDING, 2011, p. 250).

Nesses casos, a estratégia conceptual constrói uma dimensão artística e sugere uma imagem ligada à ideia de rebeldia. Cabe destacar que a revista *Rolling Stone* elegeu Assange o “roqueiro do ano” ⁶¹.

⁶¹ Fundador do WikiLeaks é eleito o “roqueiro” do ano. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20101214/not_imp653414,0.php>. Acesso em: 5 abr. 2011.

Discorrendo sobre a nova plataforma de vazamentos, o *OpenLeaks*, Domscheit-Berg sugere que as pessoas que nele trabalham são menos dadas a agir como

(39) **“estrelas ou redentores globais e galácticos do mundo”**
(DOMSCHEIT-BERG, 2011, p. 259).

em alusão a uma provável busca por holofotes por parte de Assange. Essa “condição de popstar” (DOMSCHEIT-BERG, 2011, p. 199) e a percepção de que o australiano é uma espécie de “nova estrela pop” (DOMSCHEIT-BERG, 2011, p. 225) teriam tornado as coisas mais complicadas para Assange por ocasião das acusações de estupro na Suécia, segundo o autor, que, na apresentação de seu livro afirma que Assange e o *WikiLeaks* formam um “fenômeno pop”.

Todavia, uma pesquisa encomendada pela *TV ABC News* e pelo jornal *The Washington Post*, a maioria dos americanos acha que Assange deveria ser processado por ter publicado os documentos que obteve⁶². Tal tendência coincide com o que já foi observado no enquadramento sugerido pelos atores políticos.

Finalmente, cabe destacar o que Leigh e Harding (2011, p. 104) afirmam, ao considerarem as possíveis formas de reação do governo americano com relação à publicação de documentos sigilosos por parte do *WikiLeaks*, que um “ataque à imagem” poderia ser feito, “uma campanha de propaganda maliciosa poderia ser iniciada, acusando Assange de colaborar com terroristas”. Os mesmos autores sugerem que uma marca, enfim, se estabeleceu. A dinâmica entre o autor e sua criação, uma projeção midiática que visa a estabelecer um símbolo, prontamente identificável, sinônimo de vazamentos ou de transparência, atua como uma estratégia de marketing. Para Silveira (2011, p. 158) “o *WikiLeaks* buscou criar uma marca, no sentido literal do termo. Quanto mais forte a marca, mais ela atrai seus possíveis interessados”, ou seja, “futuros ‘vazadores’”.

⁶² Fundador do *WikiLeaks* divide opiniões nos EUA. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,fundador-do-WikiLeaks-divide-opinioes-nos-eua,653693,0.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2011.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O surgimento do *WikiLeaks* no cenário internacional e a posterior publicação de documentos sigilosos do governo americano, suscitaram reações diversas à veiculação do material divulgado, conforme procurou-se demonstrar. As expressões empregadas por políticos e jornalistas permitem “compreender e experienciar uma coisa em termos de outra” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 47) ao empregar termos como “terrorista” e “traidor”, mas também “messias” e “ciberativista” para descrever o mesmo fenômeno. O conceito de metáfora, nesta pesquisa, constitui, pois, base importante para os processos de compreensão e entendimento informacional fora do âmbito da literatura e para a análise dos dados pertinentes à constituição de um mapeamento, nos termos das hipóteses lançadas no estudo.

Os exemplos seguintes são mais uma amostra eficaz do que aqui foi discutido.

1. Após a queda de Trípoli, foram achados documentos descrevendo o envolvimento dos serviços de inteligência americano (CIA) e britânico (MI6) com o regime de Muamar Kadafi, incluindo o envio de suspeitos de terrorismo para serem interrogados na Líbia e a transferência de informações sobre opositores ao regime (NORDLAND, 2011);
2. Experimentos envolvendo pessoas saudáveis na Guatemala que, sem seu consentimento, receberam doses de doenças sexualmente transmissíveis nos anos 1940, para testar a eficácia de medicamentos, levaram o presidente americano Barack Obama a pedir desculpas publicamente. O conhecimento sobre essa prática ocorreu depois que uma professora denunciou o caso ao achar documentos na Universidade de Pittsburgh (MCNEIL JR., 2011);
3. O livro *The Plutonium Files* (WELSOME, 1999) apresenta os nomes de pessoas submetidas a experimentos com plutônio durante a Guerra Fria para que médicos pudessem aprender os efeitos da radiação em seres humanos;
4. No âmbito do *WikiLeaks*, chama a atenção um telegrama relacionado à morte de mulheres e crianças durante uma operação de tropas americanas em uma vila no Iraque: aparentemente, todos os moradores de uma casa,

de uma mesma família, foram manietados e executados com tiros na cabeça e depois uma incursão aérea foi solicitada para tentar encobrir o ocorrido (MACASKILL, 2011). Este caso é um dentre os milhares de telegramas secretos divulgados e que fez com que, pelo menos publicamente, as relações entre os países envolvidos ficassem de alguma forma abaladas, já que existe um problema concreto e não resolvido de segurança no Iraque, diante de retirada americana, e o países estavam discutindo como manter um contingente dos EUA no país árabe, opção que agora pode ficar seriamente comprometida.

Todos esses casos poderiam ter sido evitados, caso houvesse escrutínio público? É possível. Todavia, não seria a primeira vez que haveria frustração ao se esperar uma diminuição do poder do Estado a partir de políticas voltadas para o fortalecimento da transparência, ou mesmo com o surgimento de novas formas de comunicar informações, conforme anteriormente analisado. Note-se que no final de novembro de 2011, foi noticiado que o parlamento da África do Sul aprovou uma lei que pune o jornalismo investigativo no país (ELIGON, 2011), e isso em meio aos muitos usos proporcionados pela *internet*, o que também foi analisado aqui. Para Bobbio (2000, p. 83-84): “foram alimentadas muitas ilusões [...] com relação ao problema do Estado, considerado [...] como a última fortaleza que se deveria abater para libertar os homens da escravidão”. Se ficou demonstrado algo após o escândalo dos procedimentos nas prisões americanas no Afeganistão, Iraque e em Cuba, é que ordens não escritas foram transmitidas desde os mais altos postos de comando. Nenhuma consequência efetiva foi registrada além do escrutínio público, o que é, em verdade, muito pouco, tendo em vista o tamanho do delito. Algumas vezes se levantaram pedindo um julgamento no Tribunal de Haia para os envolvidos. Algumas das pessoas em postos mais baixos e que, por assim dizer, sujaram efetivamente as mãos, foram processadas e tiveram suas carreiras militares destruídas, o que pode ser mais uma vez uma evidência de que os mais poderosos são praticamente intocáveis e que a corda sempre arrebenta do lado mais fraco. Para saber mais, cabe assistir ao documentário de Alex Gibney, *Taxi to the dark side*, de 2007.

Não é difícil trazer à memória outros casos, como o Irã-Contras, *Watergate*, e os já citados Papéis do Pentágono. Todos eles envolvem, no mínimo, más condutas

governamentais e certamente existem muitas outras ocorrências como essas que não vieram a público. Charaudeau (2011, p. 105-109) discute a “mentira na cena pública”, apresenta algumas estratégias utilizadas e fornece outros exemplos.

As grandes corporações acompanham os governos e oferecem pouca ou nenhuma visibilidade interna, com a ocorrência de fraudes em negócios, lobby intenso e maquiagem em sua contabilidade, como ocorreu no caso da *Enron* que levou à criação da lei *Sarbanes-Oxley*. Não é do âmbito desta dissertação trabalhar aspectos ligados às empresas, mas seria possível fazê-lo com o intuito de demonstrar a necessidade de abertura e de transparência, tendo como exemplo claro a recente crise ocorrida em 2008. O filme *Inside Job* (2010), ganhador do Oscar de melhor documentário em 2011, lançado no Brasil como o nome de “Trabalho interno”, apresenta muitas informações. Bakan (2008) também pode ser consultado.

Parece razoável concluir que as pessoas hoje em dia já não confiam em seus representantes tanto quanto um dia podem ter confiado. Uma forma de demonstrar insatisfação foi neste trabalho analisada: as novas ferramentas de comunicação no meio digital, que subvertem meios estabelecidos como a chamada “grande imprensa” e questionam papéis como os de um editor ou de uma gravadora, conforme ocorreu com o fenômeno *Napster*.

Se hoje os governos dispõem de meios de exercer controle como nunca antes, é possível que um mecanismo como o *WikiLeaks* não sobreviva às forças que contra ele investem; a “transparência radical” de Julian Assange pode estar fora de seu tempo. Castells (1999a, p. 60) coloca que “segundo a experiência histórica, sempre existiram ideias e crenças de todos os tipos à espera para eclodirem no momento certo”. Talvez não seja este o tempo ideal para que uma proposta como o *WikiLeaks* ou pode ser que ele de fato se estabeleça como um mecanismo aceitável e depois comum de denúncia, acabando com os privilégios dados ao Estado e a seus agentes de suprimir informações e de guardar segredos perpetuamente, fazendo com que tais decisões passem a ser questionadas e absorvidas em uma discussão pública mais ampla, como ocorreu com o debate sobre o meio ambiente e as responsabilidades dos países com relação à mudança climática. Resumindo: em tempos como os atuais, de facilitado acesso e circulação de informações, o sigilo na tomada de decisões amplas e com impacto prolongado, geralmente amparado em

uma suposta delicadeza da informação e nos “assuntos de Estado” pode vir a sofrer uma revisão.

A relação do Estado com os indivíduos e os assuntos relacionados à importância da *internet* e das redes sociais como meio de comunicação são igualmente relevantes, se compreendidas no contexto da pesquisa, assim como os possíveis impactos sobre a Diplomacia Internacional. Cada um dos desdobramentos dos assuntos aqui tratados dispõe de vasta bibliografia e pode ser fonte para novas pesquisas. Reúnem-se, neste trabalho, os que pareceram de maior importância, de modo a formar um quadro para subsidiar o entendimento das questões centrais de pesquisa apresentadas na introdução e no segundo capítulo deste documento. Muitas informações e desenvolvimentos possíveis acabam sendo deixados de lado ou são apenas comentados brevemente, ficando em aberto a chance de retornar a esses conceitos em pesquisa posterior. Relacionado a estes temas, é razoável supor que muitas mudanças ocorrerão nos próximos anos, fruto do que foi visto em 2011 e que segue ainda por se consolidar em 2012.

O momento é propício para desenvolver um trabalho sobre o *WikiLeaks* e Julian Assange porque novos fatos se apresentam quase diariamente: grupos *hackers* têm lançado ataques a servidores cotidianamente, as revoltas no mundo árabe ainda estão em andamento, novas leis estão sendo discutidas e novas tecnologias desenvolvidas. Acrescente-se ainda o fato de que o *WikiLeaks* só publicou parte muito pequena do total de documentos que obteve e, cada vez que um novo vazamento é divulgado, analistas e comentaristas escrevem artigos que descrevem implicações e consequências observáveis. Por isso, as conclusões aqui podem ser consideradas provisórias, mesmo que a sistematicidade do emprego de padrões metafóricos já tenha sido analisada, indicando a tentativa de se construir um quadro que intimide e reduza ocorrências semelhantes à que envolveram o militar americano, provável fonte dos vazamentos, e Julian Assange, cuja imagem pode vir a se impor como alguém a quem pessoas interessadas em divulgar informações de governos e empresas poderiam recorrer.

Fica a indicação, ainda, de que as interpretações das informações geradas pelas estratégias cognitivas metafóricas são relativas. Seus significados dependem das vozes dos atores que as produzem.

O *WikiLeaks* tem sido alvo de comentários diversos. As avaliações de políticos aqui observadas condenam a revelação de documentos classificados como

sigilosos e o perigo que essa prática representa para a “segurança nacional”. Esses atores elencam razões e sustentam que Assange deve ser acusado por espionagem e como agente mediador ilegal de conteúdos “impróprios” por meio do *WikiLeaks*. Como consequência, algumas empresas têm procurado fugir da polêmica, alegando infrações por parte do *site* e cancelando meios de financiamento e a continuidade de suas operações na *internet* que, até o momento, se mantém *online* e continua atraindo a atenção da grande imprensa a cada nova revelação.

Alguns, porém, analisam de outra forma a divulgação das informações, que seriam um meio de liberdade de expressão na “queda de braço” entre o Estado e o indivíduo e uma forma inédita de se conhecer como atuam políticos e diplomatas a portas fechadas. Da mesma forma, observadores e articulistas utilizam das novas informações para denunciar condutas por parte do poder público.

Essa distinção entre visões e atitudes tem importância e procurou-se, nesta dissertação, destacar isso, identificando ideologias subjacentes à retórica empregada pelos atores envolvidos e tentativas de mapeamento que podem, afinal, não ser legítimas.

Este trabalho é encerrado enquanto o soldado Bradley Manning está sendo julgado por ter vazado os documentos para o *WikiLeaks* e Julian Assange está apelando à Suprema Corte britânica para não ser extraditado para a Suécia. Não é possível saber no momento o que acontecerá com eles. Manning pode vir a ser condenado à prisão perpétua. Para Domscheit-Berg (2011, p. 258) “estamos ainda muito no início no que diz respeito à liberdade de informação e denúncias na internet”.

REFERÊNCIAS

ACKERMAN, Bruce; BENKLER, Yochai. Private Manning's humiliation. **The New York Review of Books**, Apr. 28, 2011. Disponível em: <<http://www.nybooks.com/articles/archives/2011/apr/28/private-mannings-humiliation/>>. Acesso em: 12 abr. 2011.

ADDLEY, Esther. Julian Assange publishers to release autobiography without his consent. **The Guardian**, Sep. 21, 2011. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/media/2011/sep/21/julian-assange-autobiography-published-canongate>>. Acesso em: 21 set. 2011.

ALPEROVITCH, Dmitri. **Revelead: operation Shad RAT**. McAfee. Disponível em: <<http://www.mcafee.com/us/resources/white-papers/wp-operation-shady-rat.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2011.

AMARAL, Adriana. **Visões perigosas: uma arque-genealogia do cyberpunk: do romantismo gótico às subculturas: comunicação e cibercultura em Philip K. Dick**. 2005. 291 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

ANGWIN, Julia. Secret orders target email. **The Wall Street Journal**, Oct. 10, 2011. Disponível em: <<http://online.wsj.com/article/SB10001424052970203476804576613284007315072.html>>. Acesso em: 10 out. 2011.

ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Informação, cidadania e sociedade no Brasil. **Revista Informação & Sociedade: Estudos**, Paraíba, João Pessoa, v. 2, n. 1, 1992. Disponível em: <<http://www.informacaoesociedade.ufpb.br/219205.html>>. Acesso em: 11 out. 2011.

_____. Informação: recurso para a ação política do cidadão? **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 9, jun. 2000. Disponível em: <http://www.encontros-bibli.ufsc.br/Edicao_9/eliany.rtf>. Acesso em: 30 abr. 2011.

ASSAD promete lutar contra "terroristas"; ao menos 10 morrem. **Folha de São Paulo**, São Paulo, SP, 27 nov. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1012838-assad-promete-lutar-contraterroristas-ao-menos-10-morrem.shtml>>. Acesso em: 28 nov. 2011.

ASSER, Martin. Echelon: Big brother without a cause? **BBC News**, July 6, 2000. Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/europe/820758.stm>>. Acesso em: 25 dez. 2011.

ASH, Timothy Garton. Wikipédia, idealismo não remunerado. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, SP, 16 jan. 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,wikipedia-idealismo-nao-remunerado,666844,0.htm>>. Acesso em: 7 nov. 2011.

ASSANGE, Julian. TIME's Julian Assange interview: full transcript/audio. **Time**. Dec. 1, 2010. Disponível em: <<http://www.time.com/time/world/article/0,8599,2034040-1,00.html>>. Acesso em: 19 jun. 2011. Entrevista concedida a Richard Stengel.

ASSANGE's mother: Julian is one step closer to US extradition. **RT**. Nov. 2, 2011. Disponível em: <<http://rt.com/usa/news/mother-extradition-assange-wikileaks-407/>>. Acesso em: 3 nov. 2011.

AUGUSTO, Sérgio. Mr. WikiLeaks. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, SP, 25 dez. 2010. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,mr-WikiLeaks,658127,0.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2011.

BAKAN, Joel. **A corporação**: a busca patológica por lucro e poder. São Paulo: Novo Conceito, 2008.

BALL, James. Julian Assange faces arrest in Australia over unredacted WikiLeaks cables. **The Guardian**, Sep. 2, 2011. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/media/2011/sep/02/julian-assange-arrest-australia-wikileaks>>. Acesso em: 2 set. 2011a.

_____. The bankers' blockade of WikiLeaks must end. **The Guardian**. Oct. 24, 2011. Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/commentisfree/2011/oct/24/bankers-wikileaks-free-speech?CMP=tw_t_gu>. Acesso em: 31 out. 2011b.

BARBER, Lionel. O atentado que deu início ao fim da hegemonia dos EUA. **Valor Econômico**, Rio de Janeiro, RJ, p.A12. 8 set. 2011.

BARBER, Mike. Police complaint filed over ex-Harper adviser's 'assassinate' WikiLeaks founder comment. **Canada.com**, Dec. 5, 2010. Disponível em:

<<http://www.canada.com/news/Police+complaint+filed+over+Harper+adviser-assassinate-Wikileaks+founder/3931216/story.html>>. Acesso em: 8 nov. 2011.

BARBOSA, Rubens. Os avanços tecnológicos e as novas formas de Guerra. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, SP, 28 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,os-avancos-tecnologicos-e-as-novas-formas-de-guerra,737715,0.htm>>. Acesso em: 17 ago. 2011.

BARRACK, Ben. Rumsfeld and 'War On Terror': The Bush administration knew the enemy and chose not to identify it. Disponível em: <<http://cdn.breitbart.com/Big-Peace/2011/03/13/Rumsfeld-and-War-On-Terror--The-Bush-Administration-Knew-the-Enemy-and-Chose-Not-To-Identify-It> >. Acesso em: 12 ago. 2011.

BARRETO, A.A. A estrutura do texto e a transferência da informação. **Datagramazero**, Rio de Janeiro, RJ, v.6, n.3, jun. 2005.

_____. Políticas de monitoramento da informação por compressão semântica dos seus estoques. **Datagramazero**, Rio de Janeiro, RJ, v.4, n.2, p. 1-16, abr. 2003.

_____. A liberdade das vozes. **Datagramazero**, Rio de Janeiro, RJ, v.4, n.6, dez. 2003.

_____. A condição da Informação. **Revista São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, SP, v.16, n.3, p. 67-74, 2002.

_____. A informação em seus momentos de passagem. **Datagramazero**, Rio de Janeiro, RJ, v. 2, n.4, ago. 2001.

_____. O rumor do conhecimento. **Revista São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, SP, v. 13, n. 1, p. 69-77, 1998.

_____. A questão da informação. **Revista São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, SP, v. 8, n. 4, 1994.

BAUERLEIN, Mark. **The dumbest generation**: how the digital age stupefies young americans and jeopardize our future (or, don't trust anyone under 30). New York: Tarcher, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. **A sociedade individualizada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. 'Foi um motim de consumidores excluídos', diz sociólogo Zygmunt Bauman. **O Globo**, 12 ago. 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2011/08/12/foi-um-motim-de-consumidores-excluidos-diz-sociologo-zygmunt-bauman-925126381.asp>>. Acesso em: 13 ago. 2011. Entrevista concedida a O Globo.

BEAS, Diego. A rua conectada com a rede. **O Globo**, A revolução do Nilo, Rio de Janeiro, RJ, sábado, 12 fev. 2011.

BENKLER, Yochai. A free irresponsible press: Wikileaks and the battle over the soul of the networked fourth estate. Disponível em: <http://www.benkler.org/Benkler_Wikileaks_current.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2011.

BERNARDO, Sandra. Mesclagem conceptual em análise de cartum. **Revista de Estudos Linguísticos Veredas**, v. 15, n. 1, p. 251 - 261, 2011. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2011/05/ARTIGO-181.pdf>>. Acesso em: 3 nov. 2011.

BERNARDO, Sandra; FERREIRA, Ana Paula. "Com a faca nas costas": metáfora e mesclagem conceptual em cartum. **Cadernos do CNLF**, v. 14, n. 4, t. 2. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_2/1847-1856.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2011.

BLOQUEIO à internet no Egito é o pior da história. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, SP, 29 jan. 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,bloqueio-a-internet-no-egito-e-o-pior-da-historia,672735,0.htm>>. Acesso em: 7 fev. 2011.

BOBBIO, Norberto. **Igualdade e liberdade**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

BRADSHAW, Tim. Privacidade põe Facebook sob pressão. **Valor Econômico**, Rio de Janeiro, RJ, Empresas Tecnologia&Comunicações, p. B3, 29 set. 2011.

BREGLIA, Vera Lúcia Alvez; GUSMÃO, Heloísa Rios. A informação como fator de democratização. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, DF, v. 14, n. 1, p. 9-25, 1986.

BRZEZINSKI, Zbigniew. Terrorized by 'War on Terror'. **The Washington Post**. Mar. 25, 2007. Disponível em: <<http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2007/03/23/AR2007032301613.html>>. Acesso em: 12 ago. 2011.

BUARQUE, Daniel. Após 11/9, EUA trocaram liberdade por segurança, diz pesquisador. **G1**, 27 ago. 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/11-de-setembro/noticia/2011/08/apos-119-eua-trocaram-liberdade-por-seguranca-diz-pesquisador.html>>. Acesso em: 29 ago. 2011.

BURNS, John F.; SOMAIYA, Ravi. WikiLeaks Founder on the run, trailed by notoriety. **The New York Times**, Oct. 23, 2010a. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2010/10/24/world/24assange.html>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

_____. WikiLeaks Founder gets support in rebuking U.S. on whistle-blowers. **The New York Times**, Oct. 23, 2010b. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2010/10/24/world/24london.html>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

CAMERON, Lynne. Responding to the risk of terrorism: the contribution of metaphor. In: **D.E.L.T.A.: Revista de Documentação de Estudo em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 26. n. Esp., p. 587-614, 2010.

CAMPBELL, Duncan. Somebody's listening. **New Statesman**, Aug. 12, 1988. Disponível em: <<http://www.gn.apc.org/duncan/echelon-dc.htm>>. Acesso em: 25 dez. 2011.

CARDOSO, Carla; MELO, Olívia. Ciberliteratura: o (não) lugar da literatura no ciberespaço. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 179, p. 29-48, out.-dez. 2009.

CARR, David. O WikiLeaks, a mídia e o novo jornalismo. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, SP, 14 dez. 2010. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20101214/not_imp653417,0.php>. Acesso em: 10 jan. 2011.

CARVALHO, Fabiana do Canto. Espaço cibernético e direito do autor. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 179, p. 131-162, out.-dez. 2009.

CARVALHO, Sérgio Nascimento de. **A “guerra” nas palavras**: uma análise crítica da metáfora conceptual na retórica do presidente G. W. Bush Jr e de seus

colaboradores. 2006. 148 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**: a era da informação: economia, sociedade e cultura. Rio de Janeiro: Paz e Amor, 1999a. v.1.

_____. **A sociedade em rede**: a era da informática: Economia, Sociedade e Cultura. Rio de Janeiro: Paz e Amor, 1999b. v.2.

_____. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. La ciberguerra de Wikileaks. **La Vanguardia**, Dec. 11, 2010. Disponível em: <<http://www.lavanguardia.com/opinion/articulos/20101211/54086305259/la-ciberguerra-de-wikileaks.html>>. Acesso em: 1 nov. 2011.

CAVALCANTI, M. C. B.; PEREIRA NETO, André de Faria. Por que o Brasil não inova? In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS, 7, 2007, Brasília. **Anais...** Brasília/DF, Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2011.

CHOMSKY, Noam. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge: M.I.T. Press, 1965.

_____. **Poder e terrorismo**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

CHRISTOFOLETTI, Rogério; OLIVEIRA, Cândida de. Jornalismo pós-WikiLeaks: deontologia em tempos de vazamentos globais de informação. **Contemporânea – Comunicação e Cultura**, v. 9, n. 2, p. 211-230, ago. 2011. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/5072>>. Acesso em: 16 nov. 2011.

CIA cria força-tarefa para analisar impacto dos vazamentos do WikiLeaks. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, SP, 22 dez. 2010. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,cia-cria-forca-tarefa-para-analisar-impacto-dos-vazamentos-do-WikiLeaks,657030,0.htm>>. Acesso em: 22 dez. 2010.

CLARKE, Richard A. **Contra todos os inimigos**: por dentro da guerra dos EUA contra o terror. São Paulo: Francis, 2004.

CLARKE, Richard A; KNAKE, Robert K. **Cyber war**: the next threat to national security and what to do about it. New York: HarperCollins, 2010.

COLLINS, Nick. WikiLeaks: guilty parties 'should face death penalty'. **The telegraph**, Dec. 1, 2010. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/wikileaks/8172916/WikiLeaks-guilty-parties-should-face-death-penalty.html>>. Acesso em: 8 nov. 2011.

CORREA, Elizabeth Saad. Apontamentos sobre o jornalismo extra-muros do Wikileaks. **Contemporânea – Comunicação e Cultura**. v. 9, n. 2, p. 201-210, ago. 2011. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/5092>>. Acesso em: 16 nov. 2011.

COSCARELLI, Carla Vianna. Um exercício de compreensão e aplicação da teoria dos espaços mentais. In: Jorge Campos da Costa; Vera Wannmacher Pereira. (Org.). **Linguagem e Cognição**: relações interdisciplinares. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009, p. 179-203. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs/linguagemecognicao.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2011.

CUNHA, Miriam Vieira da. O papel social do bibliotecário. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. 15, 1. sem. 2003. Disponível em: <http://www.encontros-bibli.ufsc.br/Edicao_15/cunha_papelsocial.pdf>. Acesso em: 12 out. 2003.

DAVID, P. A.; FORAY, D. An introduction to economy of the knowledge society. **International Social Science Journal**, v. 54, n. 171, p. 9-23, 2002.

DEBUSMANN, Bernd. WikiLeaks, cyberwar and Julian Assange. **Reuters**, Dec. 10, 2010. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/2010/12/10/us-column-usa-leaks-idUSTRE6B934D20101210>>. Acesso em: 8 nov. 2011.

DEMO, Pedro. Coisas velhas em coisas novas: novas “velhas tecnologias”. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 39, n. 1, p. 101-121, jan./abr. 2010.

DIAS, Tatiana de Mello. “Facebook é máquina de espionagem”. **Link – Blogs do Estadão**, 2 maio 2011a. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/link/assange-facebook-e-maquina-de-espionagem/>>. Acesso em: 20 jun. 2011.

_____. Ele sabe mais do que você pensa. **Link – Blogs do Estadão**, 2 out. 2011b. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/link/ele-sabe-mais-do-que-voce-pensa/>>. Acesso em: 23 nov. 2011.

DILANIAN, Ken. White House increases privacy after WikiLeaks reports. **Nashua telegraph**, Oct. 8, 2011. Disponível em: <<http://www.nashuatelegraph.com/newsworldnation/935356-227/white-house-increases-privacy-after-wikileaks-reports.html>>. Acesso em: 10 out. 2011.

DITADOR líbio diz que só deixa o poder morto. **Agora**. 23 fev. 2011. Disponível em: <<http://www.agora.uol.com.br/mundo/ult10109u879670.shtml>>. Acesso em: 12 ago. 2011.

DOMINGOS, José Antonio; COUTO, Sergio Pereira. **Wikileaks**: segredos, informações e poder. São Paulo: Idea, 2011.

DOMSCHEIT-BERG, Daniel. **Os bastidores do WikiLeaks**: a história do site mais controverso dos últimos tempos escrita pelo seu porta-voz. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

DORIA, Pedro. Democracia à moda egípcia. **O Globo**, Rio de Janeiro, RJ, a. 87, n. 28.505, p. 25, 23 ago. 2011a.

_____. Escolhemos o fim da privacidade. **O Globo**, Rio de Janeiro, RJ, a. 86, n. 28.386, p. 28, 26 abr. 2011b.

DUARTE, Fernando. Reino Unido suspende plano de derrubar internet em caso de tumultos. **O Globo**, Rio de Janeiro, RJ, a. 87, n. 28.508, p. 31, 26 ago. 2011a.

_____. Nos tribunais, criminosos de fato e de ocasião. **O Globo**, Rio de Janeiro, RJ, a. 86, n. 28.494, p. 30, 12 ago. 2011b.

_____. Fundador do WikiLeaks mais perto da extradição. **O Globo**, Rio de Janeiro, RJ, a. 87, n. 28.577, p. 29, 3 nov. 2011c.

ECO, Umberto. **As formas do conteúdo**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

EICHENBERG, Fernando. Guantánamo 'by Kafka': documentos vazados pelo WikiLeaks revelam prisões arbitrárias e processos sem sentido. **O Globo**, Rio de Janeiro, RJ, a. 86, n. 28.386, p. 29, 26 abr. 2011.

ELIGON, John. South Africa passes law to restrict reporting of government secrets. **The New York Times**, Nov. 22, 2011. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2011/11/23/world/africa/south-african-parliament-to-vote-on-press-law.html>>. Acesso em: 22 nov. 2011.

EMBAIXADORA dos EUA abandona Equador após crise do WikiLeaks. **Folha de São Paulo**, São Paulo, SP, 12 abr. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/901676-embaixadora-dos-eua-abandona-equador-apos-crise-do-wikileaks.shtml>>. Acesso em: 23 set. 2011.

EQUADOR expulsa embaixadora dos EUA após vazamento do Wikileaks. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,equador-expulsa-embaixadora-dos-eua-apos-vazamento-do-WikiLeaks,702137,0.htm>>. Acesso em: 5 abr. 2011.

ESTEFENON, Susana Graciela Bruno. Breve história e linha do tempo. In: _____ ; EISENSTEIN, Evelyn (orgs.). **Geração digital: riscos e benefícios das novas tecnologias para as crianças e o adolescentes**. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2008.

ESTEVEVES, Julio; GLENDAY, Candice. Da enkuropaedia à wikipedia: esclarecimento, iluminismo, educação e internet. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 179, p. 29-48, out.-dez. 2009.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FARIAS, Emília Maria Peixoto. Metáfora e metonímia na geração de sentido. **Organon**: Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 21, n. 43, p. 85-95, jul.-dez. 2007.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. **The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities**. New York: Basic Books, 2002.

_____. Rethinking Metaphor. In: GIBBS JR., Raymond W. (ed.). **The Cambridge handbook of metaphor and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 53-66, 2008.

FEINSTEIN, Dianne. Prosecute Assange under the espionage act. **The Wall Street Journal**, Dec. 7, 2010. Disponível em: <<http://online.wsj.com/article/SB10001424052748703989004575653280626335258.html>>. Acesso em: 11 nov. 2011.

FERRARI, Pollyana. **A força da mídia social: interface e linguagem jornalística no ambiente digital**. São Paulo: Factash Editora, 2010.

FERRAZ, Eliane Botelho. **O sistema metafórico da moralidade: uma abordagem cognitivista**. 2007. 174 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras – Linguística, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Luciane Corrêa. Metáfora conceptual e língua estrangeira. **Organon: Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, v. 21, n. 43, jul.-dez., p. 15-33, 2007.

FIELDING, Nick; COBAIN, Ian. Revealed: US spy operation that manipulates social media. **The Guardian**. Mar. 17, 2011. Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/technology/2011/mar/17/us-spy-operation-social-networks?CMP=tw_t_gu>. Acesso em: 30 mar. 2011.

FILIPAK, F. **Teoria da Metáfora**. Curitiba: Livros HDV, 1983.

FIRMINO, Rodrigo. Território e materialidade: WikiLeaks e o controle do espaço informacional. **Contemporânea – Comunicação e Cultura**. v. 9, n. 2, p. 167-182, ago. 2011. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/5091/3880>>. Acesso em: 8 nov. 2011.

FONSECA, Adriana. Empresas usam redes sociais para investigar candidatos. **Valor Econômico**, Rio de Janeiro, RJ, Eu&Carreira, p. D10, 14 set. 2011.

FOX News' Bob Beckel Calls For 'Illegally' Killing Assange: 'A Dead Man Can't Leak Stuff'. **Huffington Post**, Dec. 7, 2010. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/2010/12/07/fox-news-bob-beckel-calls_n_793467.html>. Acesso em: 11 nov. 2011.

FRIEDMAN, Thomas L. Só existe um EUA. **O Globo**, Rio de Janeiro, RJ, a. 86, n. 28.256, p. 7, 17 dez. 2010a.

FRIEDMAN, George. Taking Stock of WikiLeaks. **Stratfor Global Intelligence**, Dec. 14, 2010b. Disponível em: <<http://www.stratfor.com/weekly/20101213-taking-stock-wikileaks>>. Acesso em: 22 set. 2011.

FUND, John. Hoekstra on *WikiLeaks*: 'Across the Board Neglect'. **The Wall Street Journal**. Nov. 30, 2010. Disponível em: <<http://online.wsj.com/article/SB10001424052748704584804575644943651586252.html>>. Acesso em: 2 abr. 2011.

GALLAGHER, Ryan. Governments turn to hacking techniques for surveillance of citizens. **The Guardian**. Oct. 1, 2011. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/technology/2011/nov/01/governments-hacking-techniques-surveillance>>. Acesso em: 1 nov. 2011.

GANDELMAN, Henrique. **De Gutenberg à internet**: direitos autorais na era digital. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GERAÇÃO digital: riscos e benefícios das novas tecnologias para as crianças e o adolescentes. ESTEFENON, Susana Graciela Bruno; EISENSTEIN, Evelyn (orgs.). Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2008.

GIBSON, William. **Neuromancer**. São Paulo: Aleph, 1991.

GILLMOR, Dan. WikiLeaks payments blockade sets dangerous precedent. **The Guardian**. Oct. 24 2011. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/commentisfree/cifamerica/2011/oct/27/wikileaks-payments-blockade-dangerous-precedent>>. Acesso em: 31 out. 2011.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. Publishing Company, 1995.

GLADWELL, Malcolm; SHIRKY, Clay. From innovation to revolution: do social media make protests possible? **Foreign Affairs**. New York, v. 90, n. 2; p.153, Mar./Apr. 2011.

GOODMAN, Amy. The world owes a debt to WikiLeaks' whistleblowing. **The Guardian**, Jul. 6, 2011a. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/commentisfree/cifamerica/2011/jul/06/julian-assange-wikileaks>>. Acesso em: 13 ago. 2011.

GOODMAN, J. David. For Sale: Prison Coffee and Other WikiLeaks Memorabilia. **The New York Times**, Sep. 16, 2011b. Disponível em: <<http://thelede.blogs.nytimes.com/2011/09/16/for-sale-prison-coffee-and-other-wikileaks-memorabilia/?scp=3&sq=wikileaks&st=cse>>. Acesso em: 21 set. 2011.

GOOGLE e Twitter se aliam para transmitir mensagens desde o Egito. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, SP, 1 fev. 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,google-e-twitter-se-aliam-para-transmitir-mensagens-desde-o-egito,673704,0.htm>>. Acesso em: 1 fev. 2011.

GRIER, Peter. WikiLeaks' Julian Assange: Does Sarah Palin think CIA should 'neutralize' him? **The Christian Science Monitor**, Nov. 30, 2010. Disponível em: <<http://www.csmonitor.com/USA/Politics/The-Vote/2010/1130/WikiLeaks-Julian-Assange-Does-Sarah-Palin-think-CIA-should-neutralize-him>>. Acesso em: 11 nov. 2011.

GREGORY, Sean. Why the Supreme Court Ruled for Westboro. **Time**, Mar. 3, 2011. Disponível em: <<http://www.time.com/time/nation/article/0,8599,2056613,00.html>>. Acesso em: 2 abr. 2011.

GRIFFITHS, Richard T. **The history of the internet**: and just about everyone else. 2007. Disponível em: <http://www.let.leidenuniv.nl/history/ivh/frame_theorie.html>. Acesso em: 31 mar. 2011.

GUESSER, Adalto. A diversidade linguística da Internet como reação contra-hegemônica das tendências de centralização do império. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 36, n. 1, p. 79-91, jan./abr. 2007.

GUICHAOUA, Valerie; RADERMECKER, Sophie. **Julian Assange**: o guerreiro da verdade. São Paulo: Prumo, 2011.

GUINCHAT, C.; MENO, M. **Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação**. Brasília, DF: IBICT, 1994.

GUYNN, Jessica. Lawmakers urge FTC to investigate Facebook for cookies. **L.A. Times**, Sep. 28, 2011. Disponível em:

<<http://latimesblogs.latimes.com/technology/2011/09/ftc-facebook-cookies-log-out.html>>. Acesso em: 29 set. 2011.

HAGUE, William. Um consenso sobre crimes virtuais. **Valor Econômico**, Rio de Janeiro, RJ, p. A12, 18 out. 2011.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. London: Arnold, 1985

HARRIN, Elizabeth. **Social media for project managers**. Newtown Square: Project Management Institute, 2010.

HAYDEN, Michael V. WikiLeaks disclosures are a 'tragedy'. **CNN**, July 30, 2010. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2010/OPINION/07/30/hayden.wikileaks.secrets/index.html>>. Acesso em: 16 nov. 2011.

HERNER, Saul. Brief history of Information Science. **Journal of American Science Information Society**, v. 35, n. 3, p. 157-163, 1984.

HIMMA, Kenneth Einar. **Internet security: hacking, counterhacking, and society**. Sudbury, Massachusetts: Jones and Bartlett, 2007.

HOBSBAWN, Eric. **O novo século: entrevista a Antonio Polito**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HOSENBALL, Mark. Some of WikiLeaks' Bank of America data destroyed. **Reuters News**, Aug. 22, 2011. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/2011/08/22/bankofamerica-wikileaks-idUSN1E77L10I20110822>>. Acesso em: 26 ago. 2011.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUNT WikiLeaks chief down like Osama bin Laden: Sarah Palin demands Assange is treated like Al Qaeda terrorist. Dec. 1, 2010. Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/news/article-1334341/WikiLeaks-Sarah-Palin-demands-Julian-Assange-hunted-like-Al-Qaeda-terrorist.html>>. Acesso em: 2 mar. 2011.

HYMES, Dell. **Foundations in sociolinguistics**. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1974.

INDIAN prime minister on defensive over WikiLeaks. **Fox News**, Mar. 23, 2011. Disponível em: <<http://www.foxnews.com/world/2011/03/23/indian-prime-minister-defensive-wikileaks/>>. Acesso em: 2 set. 2011.

JOHNSON, Chalmers. **Blowback**: os custos e as consequências do império americano. Record, 2007.

KEEN, Andrew. **O culto do amador**: como blogs, MySpace, Youtube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

KELLER, Bill. Dealing with Assange and the WikiLeaks secrets. **The New York Times**, Jan. 26, 2011. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2011/01/30/magazine/30Wikileaks-t.html>>. Acesso em: 5 nov. 2011.

KENNEDY, Helen. WikiLeaks should be designated a 'foreign terrorist organization,' Rep. Pete King fumes. **Daily News**, Nov. 28, 2010. Disponível em: <http://articles.nydailynews.com/2010-11-28/news/27082693_1_air-strikes-arab-leaders-WikiLeaks>. Acesso em: 2 abr. 2011.

KHATCHADOURIAN, Raffi. No secrets: Julian Assange's mission for total transparency. **The New Yorker**. Jun. 7, 2010. Disponível em: <http://www.newyorker.com/reporting/2010/06/07/100607fa_fact_khatchadourian?currentPage=all>. Acesso em: 21 mar. 2011.

KIRKPATRICK, David. **O efeito facebook**: os bastidores da história da empresa que conecta o mundo. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

_____. After disclosures by WikiLeaks, Al Jazeera replaces its top news director. **The New York Times**, Sep. 20, 2011. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2011/09/21/world/middleeast/after-disclosures-by-wikileaks-al-jazeera-replaces-its-top-news-director.html?_r=1&scp=2&sq=wikileaks&st=cse>. Acesso em: 21 set. 2011.

KRISTOL, William. Whack WikiLeaks and there's a role for Congress. **The Weekly Standard**, Nov. 30, 2010. Disponível em:

<http://www.weeklystandard.com/blogs/whack-wikileaks_520462.html>. Acesso em: 11 nov. 2011.

KWAK, Gabriel. **O trevo e a vassoura**: os destinos de Jânio Quadros e Adhemar de Barros. São Paulo: A Girafa, 2006.

LAFER, Celso. Diplomacia, sigilo, vazamentos. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, SP, 19 dez. 2010. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,diplomacia-sigilo-vazamentos,655502,0.htm>>. Acesso em: 28 mar. 2011.

_____. WikiLeaks nas relações internacionais. **Política externa**, São Paulo, SP, v. 19, n. 4, p. 11-17, mar./maio, 2011.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002 [1980].

LAKOFF, George. **Women, fire and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

_____. Metaphor and war: the metaphor system used to justify war in the Gulf. **Viet Nam Generation Journal**, v.3, n. 3, Nov. 1991. Disponível em: <http://www2.iath.virginia.edu/sixties/HTML_docs/Texts/Scholarly/Lakoff_Gulf_Metaphor_1.html>. Acesso em: 4 abr. 2011.

_____. Metaphors of terror. Sep. 16, 2001. Disponível em: <<http://www.cse.buffalo.edu/~rapaport/575/F01/lakoff.on.terrorism.html>>. Acesso em: 4 nov. 2011.

LEIGH, David; HARDING, Luke. **WikiLeaks**: a guerra de Julian Assange contra os segredos de Estado. Campinas, SP: Verus, 2011.

LEIGH, David. Julian Assange: The unauthorised autobiography – review. **The Guardian**, Sep. 26, 2011. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/books/2011/sep/26/julian-assange-unauthorised-autobiography-review>>. Acesso em: 26 set. 2011.

LEINER, Barry M. et al. **A brief history of the internet**. 2009. Disponível em: <<http://www.isoc.org/internet/history/brief.shtml>>. Acesso em: 29 mar. 2011.

LEITÃO, Míriam. Tempestade no deserto. **O Globo**, Rio de Janeiro, RJ, a. 86, n. 28.307, p. 24, 6 fev. 2011.

LESSA, Ivan. O prisioneiro Bradley Manning. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, SP, 21 mar. 2011. Disponível em:
<<http://www.estadao.com.br/noticias/arteelazer,ivan-lessa-o-prisioneiro-bradley-manning,694913,0.htm>>. Acesso em: 23 mar. 2011.

LEVINE, Adam. Top military official: WikiLeaks founder may have 'blood' on his hands. **CNN**, July 29, 2010. Disponível em:
<<http://edition.cnn.com/2010/US/07/29/wikileaks.mullen.gates/index.html>>. Acesso em: 11 nov. 2011.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: ed. 34, 1993.

LISTA dos indicados ao Nobel 2011 inclui WikiLeaks e internet. **Folha de São Paulo**, São Paulo, SP, 1 mar. 2011. Disponível em:
<<http://www1.folha.uol.com.br/tec/882805-lista-dos-indicados-ao-nobel-2011-inclui-wikileaks-e-internet.shtml>>. Acesso em: 1 mar. 2011.

LIU, Alec. Could a Cyberwar Take Out WikiLeaks? **Fox News**, Sep. 1, 2011. Disponível: <<http://www.foxnews.com/scitech/2011/09/01/could-cyberwar-take-out-wikileaks/>>. Acesso em: 2 set. 2011.

LUCENA, Rudolfo. *WikiLeaks* mostra furos da democracia. **Folha de São Paulo**, São Paulo, SP, 25 dez. 2010. Disponível em:
<<http://www1.folha.uol.com.br/tec/850791-wikileaks-mostra-furos-da-democracia.shtml>>. Acesso em: 2 jan. 2011.

LUDLOW, Peter. WikiLeaks and Hacktivist Culture. **The Nation**, Oct. 4, 2010. Disponível em: <<http://www.thenation.com/article/154780/wikileaks-and-hacktivist-culture>>. Acesso em: 9 nov. 2011.

LYRA, Pedro. Apresentação: um novo espaço para a cultura. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 179, p. 5-9, out.-dez., 2009.

MACASKILL, Ewen. Julian Assange like a hi-tech terrorist, says Joe Biden. **The Guardian**. Dec. 19, 2010. Disponível em:
<<http://www.guardian.co.uk/media/2010/dec/19/assange-high-tech-terrorist-biden>>. Acesso em: 1 mar. 2011.

_____. WikiLeaks disclosure reopens Iraqi inquiry into massacre of family. **The Guardian**. Sep. 2, 2011. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/sep/02/wikileaks-iraq-massacre-inquiry>>. Acesso em: 3 set. 2011.

MAGNOLI, Demétrio. Herói sem nenhum caráter. **O Globo**, Rio de Janeiro, RJ, a. 86, n. 28.262, p. 7, 23 dez. 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar, 2005.

MAIZIÈRE, Thomas de. 'WikiLeaks is annoying, but not a threat'. **Spiegel**, Dec. 12, 2010. Disponível em: <<http://www.spiegel.de/international/germany/0,1518,735587,00.html>>. Acesso em: 16 nov. 2011. Entrevista concedida a Holger Stark e Marcel Rosenbach.

MANION, Harry; GOODRUM, Abby. Terrorism or civil disobedience: toward a hacktivist future. In: HIMMA, Kenneth Einar. **Internet Security: Hacking, Counterhacking, and Security**. Sudbury, Mass.: Jones and Bartlett Publishers, 2007.

MANNE, Robert. The Cypherpunk Revolutionary: Julian Assange. **The Monthly**, Mar. 2011. Disponível em: <<http://www.themonthly.com.au/julian-assange-cypherpunk-revolutionary-robert-manne-3081>>. Acesso em: 3 nov. 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. **Línguas e Instrumentos Lingüísticos**, Campinas, v. 3, p. 21-46, 1999.

_____. **Fenômenos da linguagem: reflexões semânticas e discursivas**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARIN, Denise Chrispim. EUA usam brecha legal para ter acesso a e-mails do WikiLeaks. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, SP, 11 out. 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,eua-usam-brecha-legal-para-ter-acesso-a-e-mails-do-wikileaks-,783826,0.htm>>. Acesso em: 11 out. 2011.

McGARRY, Kevin. **O contexto dinâmico da informação**. Brasília: Brique de Lemos, 1999.

MCGREAL, Chris. September 11 conspiracy theories continue to abound. **The Guardian**. Sep. 5, 2011. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/sep/05/september-11-conspiracy-theories>>. Acesso em: 5 set. 2011.

MCNEIL JR. Donald. Lapses by American Leaders Seen in Syphilis Tests. **The New York Times**, Sep. 14, 2011. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2011/09/14/health/14syphilis.html?scp=1&sq=alvaro%20colom%20obama&st=cse>>. Acesso em 26 set. 2011.

MEET the press transcript for Dec. 5, 2010. Disponível em: <http://www.msnbc.msn.com/id/40493580/ns/meet_the_press-transcripts/>. Acesso em: 22 set. 2011.

MELO, Patrícia Bandeira de. Polêmicas no jornalismo do século XXI: discussões a partir da Revista Carta Capital. **Contemporânea – Comunicação e Cultura**. v. 9, n. 2, p. 260-280, ago. 2011. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/5043>>. Acesso em: 16 nov. 2011.

MEZRICH, Ben. **Bilionários por acaso**: uma história de sexo, dinheiro, genialidade e traição. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

MILHARES de sul-coreanos processam Apple por coletar informações de usuários de iPhone. Digital & Mídia. **O Globo**, 17 ago. 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/tecnologia/mat/2011/08/17/milhares-de-sul-coreanos-processam-apple-por-coletar-informacoes-de-usuarios-de-iphone-925144301.asp>>. Acesso em: 17 ago. 2011.

MILITÃO, Jair. **Como fazer trabalho comunitário?** São Paulo: Paulus, 2003.

MIRANDA, Risoletta. A senha: Egypt. **O Globo**, Rio de Janeiro, RJ, a. 86, n. 28.305, p. 7, 2 fev. 2011.

MOROZOV, Evgeny. Iran: Downside to the “Twitter Revolution”. **Dissent**, Fall, 2009. Disponível em: <http://www.evgenymorozov.com/morozov_twitter_dissent.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2011.

_____. **The net delusion**: the dark side of internet freedom. New York: Public Affairs, 2011a.

_____. De Teerã a Londres, governos agora tentam limitar o anonimato online. **Valor Econômico**, Rio de Janeiro, RJ, p. A13, 15 ago. 2011b.

_____. O Facebook está contra a alegria. **Folha de São Paulo**, São Paulo, SP, 28 nov. 2011c. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/evgenymorozov/1010856-o-facebook-esta-contra-a-alegria.shtml>>. Acesso em: 28 nov. 2011.

MOURA, Sérgio Arruda de; DEPS, Vera Lúcia. Metacognição: a mediação pedagógica numa sala de aula tradicional e no ciberespaço. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 179, p. 79-91, out.-dez., 2009.

MURTA, Andrea. Porta-voz de Hillary renuncia após críticas a caso WikiLeaks. **Folha de São Paulo**, São Paulo, SP, 14 mar. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/888264-porta-voz-de-hillary-renuncia-apos-criticas-a-caso-wikileaks.shtml>>. Acesso em: 23 set. 2011.

NEVES, Ricardo. **O novo mundo digital**: você está nele: oportunidades, ameaças e as mudanças que estamos vivendo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.

NORLAND, Rod. Files note close C.I.A. ties to Qaddafi spy unit. **The New York Times**, Sep. 2, 2011. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2011/09/03/world/africa/03libya.html?_r=1&hp>. Acesso em: 3 set. 2011.

NICOLA, Ricardo. **Cibersociedade**: quem é você no mundo online? São Paulo: Senac, 2004.

NOVAES, Washington. Muito além da internet, mas com que conceitos? **O Estado de São Paulo**, São Paulo, SP, 8 jul. 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,muito-alem-da-internet-mas-com-que-conceitos,742234,0.htm>>. Acesso em: 17 ago. 2011.

NYE, Joseph S. O desafio mundial da cibersegurança. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, SP, 1 mar. 2011. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20110301/not_imp685882,0.php>. Acesso em: 21 mar. 2011.

O'Brien, Michael. Republican wants WikiLeaks labeled as terrorist group. **The Hill**, Nov. 29, 2010. Disponível: <<http://thehill.com/blogs/blog-briefing-room/news/130863-top-republican-designate-wikileaks-as-a-terrorist-org>>. Acesso em: 11 nov. 2011.

OBTUARY: Osama Bin Laden. **Al Jazeera**. May 2, 2011. Disponível em: <<http://english.aljazeera.net/news/asia/2011/05/20115251555423645.html>>. Acesso em: 12 ago. 2011.

OLSON, Alexandra. WikiLeaks' first casualty: Carlos Pascual, U.S. ambassador to Mexico, resigned over leaked cables. **Huffington Post**, Mar. 24, 2011. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/2011/03/24/wikileaks-carlos-pascual_n_840049.html>. Acesso em: 18 nov. 2011.

OLSSON, Karin. Julian Assange: from hero to zero. **The Guardian**, Nov. 2, 2011. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/commentisfree/2011/nov/02/assange-hero-zero-swedes-pitiable>>. Acesso em: 3 nov. 2011.

OSAMA Bin Laden, al-Qaeda leader, dead - Barack Obama. **BBC News Us & Canadá**. May 2, 2011. Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/news/world-us-canada-13256676>>. Acesso em: 12 ago. 2011.

PETRY, André. O inimigo do Estado. **Veja**, São Paulo, SP, ed. 2195, a. 43, n. 50, p.158-168, 15 dez. 2010.

POLÍCIA prende supostos hackers nos EUA, na Grã-Bretanha e na Holanda. **BBC Brasil**, 19 jul. 2011. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/07/110719_hackers_pisoos_pai.shtml>. Acesso em: 19 ago. 2011.

QUINN, Andrew; COONEY, Peter. **U.S. relocates some people named in WikiLeaks cables**. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/2011/01/07/us-wikileaks-usa-idUSTRE7065H220110107>>. Acesso em: 7 jan.2011.

RACHMAN, Gideon. País dá ao ocidente uma constrangedora lição. **Valor Econômico**, Rio de Janeiro, RJ, p. A12, 22 fev. 2011.

RADSCH, Courtney C. The Revolutions Will Be Hashtagged: Twitter turns 5 as the Middle East demands democracy. **Huffington Post**, Mar. 29, 2011. Disponível em: <<http://www.freedomhouse.org/template.cfm?page=72&release=1372>>. Acesso em 30 mar. 2011.

RAMALHO, José Antônio. **Mídias sociais na prática**. São Paulo: Elsevier, 2010.

RATO, Vasco. **Compreender o 11 de setembro**: dez anos depois. São Paulo: Babel, 2011.

REDDY, Michael J. The conduit metaphor – a case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY, A. (org.). **Metaphor and thought**. New York, Cambridge University Press, 1979.

REID, Michael. Desordem, recessão e a voz da direita. **Valor Econômico**, Rio de Janeiro, RJ, Eu & fim de semana, p. 10-11, sexta-feira e fim de semana, 19, 20 e 21 ago. 2011.

REIS, Sirlea Silva. **Com a palavra, o presidente... as metáforas de Lula**. 2005. 182 f. Tese (Doutorado) – Doutorado em Estudos Linguísticos da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Niterói, 2005.

RIBEIRO, Rosiane Lúcia. E-book: a transfiguração do texto – de fixo no papel à manipulação na tela. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 179, p. 49-62, out.-dez. 2009.

RICOUER, Paul. **A metáfora viva**. São Paulo: Loyola, 2005.

ROURKE, Alison. WikiLeaks cable leak 'irresponsable', says Australia. **The Guardian**, Aug. 31, 2011. Disponível em:
<<http://www.guardian.co.uk/media/2011/aug/31/wikileaks-cable-leak-australia>>. Acesso em: 31 ago. 2011.

RUMSFELD, Donald H. Revelação do WikiLeaks: Guantánamo funciona. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, SP, 16 maio 2011. Disponível em:
<http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20110516/not_imp719707,0.php>. Acesso em: 16 maio 2011.

SAIBA mais sobre o grupo de hackers que atacou sites do governo. **BBC Brasil**, 22 jun. 2011. Disponível em:
<http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/06/110622_lulzsec_perfil_cc.shtml>. Acesso em: 19 ago. 2011.

SALIM, Marcel. WikiLeaks divulga o mapa global da indústria de espionagem. **Exame**, 2 dez. 2011. Disponível em:
<<http://exame.abril.com.br/economia/mundo/noticias/wikileaks>>. Acesso em: 16 dez. 2011.

SARDINHA, Tony Berber. **Metáfora**. São Paulo: Loyola, 2007.

SCHELLER, Fernando. Publicidade rende US\$ 1,86 bilhão ao Facebook em 2010. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, SP, 1 mar. 2011. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/negocios+tecnologia,publicidade-rende-us-186-bilhao-ao-facebook-em-2010,51503,0.htm>>. Acesso em: 31 mar. 2011.

SCHELP, Diogo. Uma causa suspeita. **Veja**, São Paulo, SP, ed. 2211, a. 44, n. 14, p.76-78, 6 abr. 2011.

SCHMITT, Eric. White House orders new computer security rules. **The New York Times**, Oct. 6, 2011. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2011/10/07/us/politics/white-house-orders-new-computer-security-rules.html>>. Acesso em: 11 out. 2011.

SCHRÖDER, Ulrike. A mesclagem metafórica de Fauconnier & Turner e as teorias de Karl Bühler e Wilhem Stählin: antecipações e complementos. **Revista da Abralin**, v.9, n.1, p. 129 - 154, jan./jun. 2010.

SEHGAL, Ujala. Hilary Clinton: WikiLeaks is an “attack on America’s foreign policy interests”. **Business Insider**, Nov. 29, 2010. Disponível em: <<http://www.businessinsider.com/hilary-clinton-on-stolen-documents-2010-11>>. Acesso em: 31 ago. 2011.

SELAIMEN, Graciela. Governos, empresas, Wikileaks e governança na internet. **Contemporânea – Comunicação e Cultura**. v. 9, n. 2, p. 38-55, ago. 2011. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/5028>>. Acesso em: 19 nov. 2011.

SHANE, Scott. WikiLeaks Leaves Names of Diplomatic Sources in Cables. **The New York Times**, Aug. 29, 2011. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2011/08/30/us/30wikileaks.html?ref=wikileaks>>. Acesso em: 31 ago. 2011.

SHANNON, Thomas A. **Veja**, São Paulo, SP, ed. 2195, a. 43, n. 50, p. 21-25, 15 dez. 2010. Entrevista concedida a Mariana Pereira de Almeida.

SHERA, Jesse H. **Libraries and the organization of knowledge**. Hamden, CT: Archon Books, 1966.

SHIRKY, Clay. The political power of social media. **Foreign Affairs**. New York, v. 90, n. 1, p. 28, Jan./Feb. 2011

SIDDIQUE, Haroon; WEAVER, Matthew. US embassy cables culprit should be executed, says Mike Huckabee. **The Guardian**. Dec. 1, 2010. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2010/dec/01/us-embassy-cables-executed-mike-huckabee>>. Acesso em: 8 nov. 2011.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. Redes cibernéticas e tecnologias do anonimato: confrontos na sociedade do controle. **Comunicação & Sociedade**, a. 30, n. 51, p. 113-134, jan./jun. 2009. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/856/907>>. Acesso em: 6 nov. 2011.

_____. O fenômeno WikiLeaks e as redes de poder. **Contemporânea – Comunicação e Cultura**. v. 9, n. 2, p. 151-166, ago. 2011. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/5122/3879>>. Acesso em: 8 nov. 2011.

SIMAO, Paul. WikiLeaks says website was target of cyber attack. **Reuters**, Aug. 31, 2011. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/2011/08/31/us-wikileaks-cyberattack-idUSTRE77U17920110831>>. Acesso em: 31 ago. 2011.

SIRIHAL, Adriana Bogliolo; LOURENÇO, Cíntia de Azevedo. Informação e conhecimento: aspectos filosóficos e informacionais. **Revista Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 12, n. 1, 2002. Disponível em: <<http://www.informacaoesociedade.ufpb.br/1210203.html>>. Acesso em: 10 out. 2004.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SOLDIER opens fire at Ft. Hood; 13 dead. **CBS News**, Nov. 6, 2009. Disponível em: <<http://www.cbsnews.com/stories/2009/11/05/national/main5539067.shtml>>. Acesso em: 22 dez. 2011.

SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de; BRUM, Larissa. A normose na sociedade em rede: paradoxos diante do fluxo informacional. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, RJ, n. 179, p. 117-130, out.-dez. 2009.

SPEKTOR, Matias. WikiLeaks nas relações internacionais. **Política externa**, São Paulo, SP, v. 19, n. 4, p. 19-29, mar./maio 2011.

STALLMAN, Richard. The Anonymous WikiLeaks protests are a mass demo against control. **The Guardian**, Dec. 17, 2010. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/commentisfree/2010/dec/17/anonymous-wikileaks-protest-amazon-mastercard>>. Acesso em: 10 set. 2011.

STARK, Holger. Stuxnet Virus Opens New Era of Cyber War. **Spiegel Online**, Aug. 1, 2011. Disponível em: <<http://www.spiegel.de/international/world/0,1518,778912,00.html>>. Acesso em: 3 set 2011.

STEWART, Scott. WikiLeaks and the culture of classification. **Stratfor Global Intelligence**, Oct. 28, 2010. Disponível em: <http://www.stratfor.com/weekly/20101027_wikileaks_and_culture_classification>. Acesso em: 22 set. 2011.

STÖCKER, Christian. A Dispatch Disaster in Six Acts. **Spiegel Online**, Sep. 1, 2011. Disponível em: <<http://www.spiegel.de/international/world/0,1518,783778,00.html>>. Acesso em: 2 set. 2011.

STROM, Stephanie. Pentagon sees a threat from online muckrakers. **The New York Times**, Mar. 17, 2010. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2010/03/18/us/18wiki.html>>. Acesso em: 21 set. 2011.

SWALES, John M. **Genre analysis**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TAPSCOTT, Don. **A hora da geração digital**: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

TAVERNISE, Sabrina; LEHREN, Andrew W. A Grim Portrait of Civilian Deaths in Iraq. **The New York Times**, Oct. 22, 2010. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2010/10/23/world/middleeast/23casualties.html>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

TEIXEIRA, Carlos Alberto. Missão (quase) impossível: calar vozes on-line. **O Globo**, Rio de Janeiro, RJ, a. 86, n. 28.494, p. 29, 12 ago. 2011.

THIESSEN, Marc A. WikiLeaks must be stopped. **Washington Post**, Aug. 3, 2010. Disponível em: < <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2010/08/02/AR2010080202627.html>>. Acesso em: 16 nov. 2011.

US and Israel were behind Stuxnet claims researcher. **BBC News**, Mar. 4, 2011. Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/news/technology-12633240>>. Acesso em: 21 mar. 2011.

USUÁRIOS de Facebook, Twitter e Orkut estão ficando cansados das redes sociais, diz Gartner. Digital & Mídia. **O Globo**, 16 ago. 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/tecnologia/mat/2011/08/16/usuarios-de-facebook-twitter-orkut-estao-ficando-cansados-das-redes-sociais-diz-gartner-925138535.asp>>. Acesso em: 17 ago. 2011.

VAN DIJK, Teun A. Discurso, conhecimento e ideologia: reformulando velhas questões. In: HENRIQUES, Claudio Cezar (org.). **Linguagem, conhecimento e aplicação**: estudos de língua e linguística. Rio de Janeiro: Ed. Europa, 2003.

_____. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2010.

VAZADOR do Wikileaks leva relator da ONU a repreender EUA. **Folha de São Paulo**, São Paulo, SP, 11 abr. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/901309-vazador-do-wikileaks-leva-relator-da-onu-a-repreender-eua.shtml>>. Acesso em: 11 abr. 2011.

VIDAL, Gore. **Sonhando a guerra**: sangue por petróleo e a junta Cheney- Bush. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

VINOGRAD, Cassandra; LEE, Matthew. WikiLeaks Site Comes Under Attack. **Time**, Aug. 31, 2011. Disponível em: <<http://www.time.com/time/world/article/0,8599,2091232,00.html#ixzz1WdKszfaA>>. Acesso em: 31 ago. 2011.

WISE, David A.; MALSEED, Mark. **Google**: a história do negócio de mídia e tecnologia de maior sucesso dos nossos tempos. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WEAVER, Matthew. Muammar Gaddafi condemns Tunisia uprising. **The Guardian**. Jan. 16, 2011. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/jan/16/muammar-gaddafi-condemns-tunisia-uprising>>. Acesso em: 2 set. 2011.

WELSONE, Eileen. **The Plutonium files**: America's secret medical experiments in the cold war. New York: The Dial Press, 1999.

WHALEN, Jeanne. Wikileaks é hackeado. **The Wall Street Journal**, 1 set. 2011. Disponível em: <<http://online.wsj.com/article/SB10001424053111904716604576544381131255642.html>>. Acesso em: 1 set. 2011.

WIKILEAKS cable: Ethiopia reporter Argaw Ashine 'flees'. **BBC News Africa**, Sep. 15, 2011. Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/news/world-africa-14929307>>. Acesso em: 21 set. 2011.

YOUNG, Jeffrey. **State Department's Philip J. Crowley Resigns, Citing WikiLeaks Comments**. Mar. 14, 2011. Disponível em: <<http://www.bloomberg.com/news/2011-03-13/state-department-s-crowley-quits-citing-wikileaks-comments-1-.html>>. Acesso em: 14 mar. 2011.

ZANOTTO, Mara Sophia et al. Apresentação à edição brasileira. In: LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002.

ZHANG, Juyan. Beyond anti-terrorism: metaphors as message strategy of post-September-11 US public diplomacy. **Public Policy Review**, v. 33, n.1, p. 31-39, Mar. 2007.